

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS  
ESCOLA DE DIREITO, NEGÓCIOS E COMUNICAÇÃO -  
CURSO DE JORNALISMO**

João Victor Reynol De Andrade

**O futuro chegou:**  
distopias da ficção científica na comunicação em ambientes digitais

**GOIÂNIA**  
2023

**João Victor Reynol De Andrade**

**O futuro chegou:**  
distopias da ficção científica na comunicação em ambientes digitais

**Trabalho de conclusão de curso  
apresentado à Pontifícia Universidade  
Católica de Goiás como requisito final para  
a conclusão do curso de Jornalismo,  
orientado pelo Professor Dr. Rogério  
Borges.**

**Goiânia  
2023**

**João Victor Reynol De Andrade**

**O futuro chegou:**  
distopias da ficção científica na comunicação em ambientes digitais

**Trabalho de Conclusão de Curso. Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Escola de Direito, Negócios e Comunicação: Curso de Jornalismo, sob orientação do  
Prof. Dr. Rogério Pereira Borges.**

**Trabalho de Conclusão de Curso Aprovado em 07/06/2023 para obtenção do título de  
Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo.**

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Orientador - Prof. Doutor Rogério Pereira Borges**

---

**Profa. Mestre Sabrina Moreira de Moraes Oliveira**

---

**Profa. Mestre Maria Carolina Giliolli Goos**

## **Resumo**

Nesta monografia vamos teorizar sobre o avanço das redes sociais e os impactos das mesmas no campo social do mundo não virtual, fazendo um paralelo com os livros de ficção-científica de meados do século XX dos trabalhos distópicos e cyberpunk: 1984, de George Orwell, Admirável Mundo Novo, de Aldous Huxley, Laranja Mecânica, Anthony Burgess, e Tropas Estelares, de Robert Heinlein, e como os mesmo previram certos fenômenos sociais de ordem distópica acontecendo hoje nas redes sociais, e como afetam no campo jornalístico. Também iremos discutir sobre questões filosóficas existencialistas que somam ao trabalho como o jornalismo se adaptou neste clima inusitado.

**Palavras-chave:** Ficção Científica; Comunicação nas redes sociais; Jornalismo; Política; Distopia.

## **Agradecimentos**

Durante todo o processo do trabalho, houve muitos momentos de dúvidas e incertezas. Muitas vezes, achei que este trabalho não veria a luz do dia, por isso tenho mais que agradecer. Minha família, principalmente os meus pais, Christina Reynol e José Ricardo Costa de Andrade, me ajudaram a chegar onde estou e a perseverar sobre as adversidades. Meu orientador Rogério Borges também foi de importante ajuda, não só para me estimular e continuar escrevendo sempre melhor, mas também foi amigo em poder entender os momentos de focar em melhorar a si próprio e ser saudável de mente e espírito para que o trabalho também se beneficie. Por isso, obrigado.

## **Dedicatória**

Dedico este trabalho aos meus pais e meu orientador que acreditaram no potencial deste trabalho e acreditaram em mim para fazê-lo.

## **Epígrafe**

“A liberdade, Sancho, é um dos dons mais preciosos que aos homens deram os céus: não se lhe podem igualar os tesouros que há na terra, nem os que o mar encobre; pela liberdade, da mesma forma que pela honra, se deve arriscar a vida, e, pelo contrário, o cativo é o maior mal que pode acudir aos homens.”

*Miguel de Cervantes, Dom Quixote de La Mancha*

## Sumário

1.	INTRODUÇÃO	10
2.	CAPÍTULO 1	
	2.1. Distopia e Novas Tecnologias	19
	2.2. Jornalismo e novas tecnologias: dilemas	24
	2.3. Bolhas, poder e disciplina	31
	2.4. O discurso moral	38
	2.5. Os desafios diante da distopia	42
3.	CAPÍTULO 2	46
	3.1 A DISTOPIA NOSSA DE CADA DIA	47
	3.1.1. Disciplinar para controlar	47
	3.1.1.1. Câmaras de Eco e polarização	49
	3.1.1.2. Modelo distópico do isolamento	50
	3.1.1.3. Projeção da ficção na realidade	55
	3.1.2. Discurso de ódio e violência	65
	3.1.2.1 O ódio como vetor no digital	69
	3.1.2.2 Tempo de odiar	74
	3.1.3 Busca da felicidade	86
	3.1.3.1 Felicidade fabricada	93
	3.1.3.2 Parecer feliz	97
4.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	104
5.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	108

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1.	58
Figura 2.	60
Figura 3.	62
Figura 4.	64
Figura 5.	75
Figura 6.	77

Figura 7.	79
Figura 8.	80
Figura 9.	82
Figura 10.	84
Figura 11.	86
Figura 12.	100

# 1. Introdução

*“Lugar hipotético onde se vive sob sistemas opressores, autoritários, de privação, perda ou desespero; antiutopia.”<sup>1</sup>*

O objetivo desta monografia é trazer uma nova abordagem a questões pertinentes das redes sociais e do jornalismo que passou a ocupá-las, tendo uma perspectiva que dialoga não só com o campo da Comunicação, mas também da literatura, uma vez que obras de ficção científica serão usadas como parâmetros de comparação neste estudo. Esses trabalhos inserem-se no gênero da ficção científica, mais precisamente de uma literatura distópica, que tem suas bases em contextos históricos e possuem interfaces com movimentos culturais, como o cyberpunk. Nesse sentido, nossa proposta é avaliar como o atual momento em que estamos dos avanços tecnológicos e das recentes configurações dos espaços virtuais quando se fala em Comunicação (mais amplamente) e em Jornalismo (mais minuciosamente) podem, em diversos aspectos, guardar semelhanças com visões do futuro da sociedade que quatro autores apresentaram em livros que se tornaram clássicos e que ainda hoje geram debates e um sentimento de que eles poderiam estar sendo proféticos quando os conceberam. As obras escolhidas para esse esforço são *1984*, de George Orwell (2020), *Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley (1981); *Tropas Estelares*, de Robert Heinlein (2015), e *Laranja Mecânica*, de Anthony Burgess (2019).

Esses trabalhos icônicos serão cotejados com as realidades que hoje podem ser verificadas nas redes sociais, sobretudo naqueles aspectos que têm uma ligação estreita com o Jornalismo ou com as configurações que se revelam desafiadoras para quem busca levar informação de qualidade a públicos amplos e heterogêneos. Nesse sentido, os temas abordados, evidentemente, extrapolam as margens da atividade jornalística, chegando a questões ligadas a comportamentos, visões de mundo e de vida, organização de grandes empresas de mídia e de tecnologia e até as novas fronteiras das inovações, como o uso mais disseminado de inteligência artificial. Atualmente, os dados pessoais que fornecemos como etapa obrigatória para que possamos nos inserir em plataformas mais amplas de comunicação podem ser alterados para comercialização e manipulação dos meios digitais. Portanto, iremos estudar e comentar o cenário jornalístico atual com o nível massivo de informação com o qual

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://www.dicio.com.br/distopia/>

estamos nos acostumando a conviver, algo que praticamente soterra o indivíduo e pode trazer, por outro lado, problemas quanto à democratização da informação, já que há uma ausência de controle e restrições eficientes para a disseminação de informações falsas por indivíduos sem o compromisso com a verdade, algo que está na base da deontologia e da práxis jornalísticas.

Acompanhamos também a maior virtualização e digitalização do mundo real como o crescimento dos espaços virtuais, como o metaverso, que cresceram em popularidade com o isolamento social da pandemia da Covid-19. Outros elementos também vão merecer nossa atenção, como o crescimento do discurso de ódio nas redes sociais, o aprofundamento do monopólio de poder nas mãos das grandes empresas de tecnologia globais (as chamadas big techs), a reconfiguração de instrumentos de controle e influência sobre a opinião pública e um agravamento de fragilidades éticas em todo esse contexto. Todos fenômenos que não são estranhos a autores que viram com certo pessimismo, na maior parte das vezes, um futuro da humanidade que, décadas atrás, parecia já se encaminhar para as encruzilhadas com as quais hoje se depara. Por todas essas razões, escolhemos a literatura, mais precisamente a literatura distópica, para explorar como a tecnologia pode alterar a vida social. Trabalhos que nesta monografia também terão como papel dar sustento teórico ao estudo e especular um possível futuro da nossa sociedade, levando as questões atinentes à Comunicação em consideração.

Para que possamos fazer as comparações desejadas, é preciso, antes, abordar a história da internet e das redes sociais e suas características principais. Para sustentar ainda mais este trabalho científico, pegamos casos e estudamos seus contextos e circunstâncias espelhando seus eventos e comunicação nos quatro livros estudados. Nesses temas estabelecidos, será discutido o cenário jornalístico atual em tal contexto de grande desafio, uma vez que a gama de informação presente nas redes sociais e seus efeitos são inédito em termos de quantidade e variedade, o que nos levará à reflexão sobre o estado distópico que o jornalismo está vivendo, onde muitos produzem a informação, contudo poucos controlam o discurso.

Aliado a isso iremos usar como base teórica os livros *Cibercultura*, de Pierre Lévy (2010), explorando os conteúdos e natureza do mundo digital, iremos também usar *O poder da identidade Vol. 2 A Era da Informação*, de Manuel Castells (2018), sobre a comunicação digital e por último *Cultura da Conexão*, de Henry Jenkins (2015), sobre a comunicação entre as comunidades e a criação de culturas digitais.

Este estilo de trabalho foi escolhido devido ao interesse do autor em mundos fictícios explorados em literaturas, filmes e games que debatem como a tecnologia muda a vida do ser humano, não só dando novas possibilidades e como ferramentas mas alterando as bases da humanidade como um todo, como na comunicação e a sociedade. Um interesse que tem plena

ligação com os fenômenos comunicacionais, com suas potencialidades, seus perigos, problemas e suas perspectivas para um futuro que se revela incerto, quando não temido por muitos dos profissionais que hoje militam na área e que tentam encontrar caminhos menos ásperos para conduzir seu trabalho.

A partir dessas obras iremos aprofundar na discussão com leituras exploratórias dos principais temas que os livros suscitam e possíveis intercomunicações com as formas pelas quais a informação circula hoje nas redes sociais, trazendo análises de casos para sustentar a abordagem proposta. As obras trouxeram, no âmbito de nosso estudo, algumas possibilidades de análise. A AD permite que, a partir dos objetos pesquisados, possamos compreender discursos neles contidos. Trilhando esse caminho teórico-metodológico, e a partir das leituras dos romances supracitados, chegamos, para a comparação com a atualidade das redes sociais, às seguintes categorias: o condicionamento e a disciplina, extirpando o pensamento autônomo e crítico sobre a realidade; o discurso de ódio e a violência, difundidos e estimulados nas redes sociais; e a busca incessante pela felicidade e a satisfação, mesmo que sejam falsas e que mostrem nossa incapacidade de lidar com frustrações. Esses Fenômenos estão cada vez mais disseminados nos ambientes digitais.

Para melhor termos um entendimento teórico do tema da comunicação e do jornalismo iremos usar como base a Teoria Crítica, elaborada pelos integrantes da Escola de Frankfurt, como Max Horkheimer e Theodor Adorno (*Dialética do Esclarecimento*, 1985) sobre a indústria cultural (Adorno, 2021), como ela deturpa e transforma a arte e o pensar em produtos de venda para consumo massivo, não compreendendo as bases históricas sociais e suas heranças e significados. Possuem-se uma sociedade “pós-capitalista” e hiper-industrializada onde o acúmulo de dinheiro e capital é autoritário perante o indivíduo.

A título de discutir com mais clareza assuntos jornalísticos iremos também assumir a Teoria do Newsmaking, sobre o processo industrial e econômico na criação do conteúdo jornalístico. Neste trabalho também estão incluídas as teorias do critério de noticiabilidade de Johan Galtung e Mari Holmboe Ruge (1965) e o processo editorial do gatekeeping de Kurt Lewin (1947). Sob estes olhos teremos visões de valores capitalizados da informação, iremos apresentar e defender como o próprio jornalismo vem contribuindo para o seu cenário atual, que não é dos mais auspiciosos no sentido de seu lugar de legitimador da informação e de defesa do interesse público.

A literatura, por sua vez, tem um notório talento para “prever” o futuro com uma antecedência que, em certos casos, chega a ser impressionante. Algo que fica ainda mais evidente nas obras de ficção científica. Júlio Verne, por exemplo, abordou as viagens

espaciais muito antes do que elas de fato acontecessem. O autor francês também tem o mérito, entre outros, de imaginar o núcleo do planeta Terra com uma semelhança desconcertante com a realidade descoberta posteriormente. Ele também criou criaturas que, séculos depois, revelaram ser reais, como a lua-gigante de *Vinte Mil Léguas Submarinas* (2019).

Essa não é uma exclusividade dele. Outros autores também conseguiram prever acontecimentos ou realidades que se efetivaram apenas muito tempo depois. Em *A Guerra dos Mundos*, H.G. Wells (2021a), descrevendo uma invasão alienígena, encontra nos vírus, microorganismos invisíveis que apenas eram suspeitados no final do século XIX, como a solução para exterminar os extraterrestres hostis. Os exemplos são numerosos e neste trabalho abordamos alguns deles, mas que não fizeram suas previsões no campo da biologia ou das ciências espaciais e sim quanto aos sistemas de comunicação em que estamos, atualmente, mergulhados. E essas previsões dialogam, de maneira impactante, com os teóricos que acabamos de mencionar, todos no sentido da criação de distopias.

Apesar de a literatura de ficção científica de caráter distópico não aparentar muita profundidade à primeira vista, confundidas que são com mero entretenimento, frisamos sua necessidade para refletir sobre críticas sociais e suas mensagens que nelas existem. Na atualidade possuímos diversas produções fictícias distópicas, incluindo livros que são populares e influentes nos dias de hoje, como a série de livros *Jogos Vorazes*, de Suzanne Collins (2012), e *O conto de aia*, de Margaret Atwood (2017). Também temos séries de filmes, como a franquia *Mad Max* (1979), de George Miller; *Blade Runner* (1982), de Ridley Scott, e *RoboCop* (1987), de Paul Verhoeven.

Para que nosso objetivo ao trabalhar com obras desse gênero fique mais claro, iremos apresentar aqui cada um dos livros analisados com seus respectivos resumos, temas e contexto de sua publicação, o que auxiliará num melhor entendimento de todas as partes na leitura deste trabalho, evitando anacronismos e ressaltando questões históricas e sociais.

*Laranja Mecânica*, de Anthony Burgess: Livro publicado em 1962 pelo autor inglês Anthony Burgess satirizando as várias tribos sociais crescentes em seu país, como os Rockers e os Mods (subculturas inglesas originadas de seus grupos musicais preferidos que constantemente conflitam um com os outros). Burgess ficará fascinado como funcionavam esses grupos na sua comunicação e estilos de vida pois ambos desenvolveram gírias próprias, estilos próprios de vestimentas, estilos próprios de vida, e que constantemente brigam violentamente com os membros de outros grupos sociais. Junto com isso, Burgess era um ávido russófilo: amante da cultura russa como músicas, linguagem, arquitetura e modo de

vida totalmente diferente do que era natal de Burgess. Não obstante, Burgess imaginou uma cidade pequena da Inglaterra que tinha elementos de vida russa para fazer o pano de fundo de sua história e também dialogava entre os deveres do Estado para com os seus cidadãos, como sistemas de leis, propagandas, deveres. A principal pergunta de *Laranja Mecânica* para o leitor é “como pegar o homem, um ser orgânico e dono de si mesmo e moldá-lo para ser mecânico e obediente de uma entidade maior”. *Laranja Mecânica* se tornou um dos grandes ídolos *cult* e desde 2022 faz parte dos 70 livros compostos por membros da Comunidade Britânica para celebrar o Jubileu de Platina da ex- monarca Rainha Elizabeth II, de seu reinado que durou 70 anos.

*Tropas Estelares*, de Robert Heinlein: É um livro publicado no ano de 1959, com conotação político-militar de ficção científica. A obra discute temas como Darwinismo Social, com foco em choques violentos e bélicos entre os povos, nações e etnias, onde as guerras entre as sociedades é inevitável e mandatário para a sobrevivência do mais forte, precisando a sociedade estar preparada para a guerra inclusive em situação de paz. Heinlein o criou durante a Guerra Fria e como um ávido anti-comunista e libertário que era, prezava as liberdades individuais, sempre com senso de dever, honra e responsabilidade com o Estado. Na obra, o mundo se une em um governo global chamado de Federação Terrana, que é liderado exclusivamente pelos veteranos militares que cumpriram seus dois anos de franquias que concedem poder de voto e após mais de dezoito anos para ganhar uma carreira e participação política. Hoje o livro é popular, especialmente nos Estados Unidos da América, contudo extremamente controverso entre acadêmicos e outros autores por albergar ideias propagandistas do militarismo. Já foi interpretado como tendo conotações fascistas, como pelos autores Keith Booker e Anne-Marie Thomas em seu livro *The Science Fiction Handbook* (2009), porém na época de sua publicação, conseguiu ganhar o Prêmio Hugo, maior prêmio literário no ramo da ficção científica. Até os dias de hoje é influente em outras obras de ficção estadunidense.

O herói da série, Juan “Johnny” Rico, é um filipino de família rica de empresários e que não queria seguir o trabalho dos pais. Contudo, em razão de Juan querer trilhar seu próprio caminho e seguir sua própria carreira, decidiu servir o Estado por sua própria escolha. O personagem se gradua no serviço militar enquanto a Federação Terrana entra em guerra com os Aracnídeos, ou como são comumente referidos pejorativamente, com os Insetos. Na obra, esses seres são mostrados como semelhantes aos aracnídeos do planeta terra, possuindo quatro castas sociais, sendo o Cérebro que comanda a colmeia, a Rainha que reproduz novos seres, os Trabalhadores que fazem os deveres rotineiros e os Guerreiros que lutam pela

colônia. São seres da mesma espécie, porém a diferença entre um Trabalhador e um Guerreiro seria que um só sabe trabalhar e o outro só sabe lutar. O motivo de criar esta espécie com tais similaridades com insetos, como aranhas ou abelhas, é para fazer um contraponto com mecânicas de governo comunistas e suas ideologias de igualdade perante a nação.

*Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley: Publicado no ano de 1932, é uma ficção científica baseada nos romances de utopias de Herbert George Wells, escritor de livros como *Guerra dos Mundos* (2021) e a *Utopia moderna* (2021b). Ao contrário de Wells, Huxley possuía muitos medos e receios quanto ao futuro e a mudanças sociais. Várias delas ele conseguiu “prever”. Uma das críticas que realizou no livro foi seu medo de como a Industrialização massiva junto ao consumismo crescente poderia lentamente acabar com a identidade e a individualidade de um indivíduo. Em carta endereçada a um homem chamado Mrs. Kethevan Roberts<sup>2</sup> (Watt, 1978) no dia 18 de maio de 1931, Huxley escreve: “Estou escrevendo um romance sobre o futuro – sobre o horror da Utopia Wellsiana e uma revolta contra ela. Muito difícil. Quase não tenho imaginação suficiente para lidar com tal assunto. Mas não deixa de ser um trabalho interessante.”

O livro se passa no futuro distante de 2.540, quando a sociedade humana conseguiu atingir um patamar pacífico consigo mesmo através de eugenia, manipulação comportamental, e restrição de conhecimento. Vivem sob a liderança de um governo mundial e oligárquico, onde veneram Henry Ford por ter inventado a técnica da linha de montagem, o processo no qual é criticado todo o momento do livro. Todos os seres humanos são criados, assim como máquinas, em centros de incubação e designados a uma classe a que devem pertencer. Há os Alphas e Betas, que dispõem de mais liberdades e prazeres que outras classes, são mais inteligentes (contudo controladamente) e estão encarregados de trabalhos intelectuais. As outras três classes são os Gamas, Deltas e Epsilons, compostas majoritariamente de clones, durante seu processo de incubação ocorre manipulação biológica como privação de oxigênio para os fetos para torná-los mais burros. São encarregados do trabalho manual e são constantemente dopados e viciados com substâncias como a droga para mantê-los sob controle. O livro conta a história de Bernard Marx, um Alpha, técnico psicólogo do centro de incubação e condicionamento de Londres. Ao contrário de seus semelhantes, o personagem se sente diferente dos outros e possui uma busca por individualidade que o move à melancolia ao longo da história até conhecer John numa reserva indígena no Novo México, um homem nascido e não condicionado pela Civilização.

---

<sup>2</sup> Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/27708364>

*1984*, de George Orwell: Livro publicado em 1949 pelo autor inglês Eric Arthur Blair, com seu pseudônimo George Orwell, é o seu sexto e último livro de ficção após publicar *A Fazenda dos Animais* (2020), quatro anos antes. Assim como seu livro anterior, Orwell explora ainda mais o autoritarismo político, muito presente na Europa Oriental daquele momento, como o de Josef Stalin e seu punho de ferro na União Soviética. Contudo, diferente de *A Fazenda dos Animais*, em que o objetivo era criar uma alegoria da deturpação de líderes revolucionários e sua ganância por poder como assim falou o autor em seu artigo *Por que escrevo* (2021) de 1946, desta vez ele nos mostra um mundo inteiro dominado por esta deturpação e corrupção, aliado a novas tecnologias que aumentam a vigilância sobre a população e estratégias “diabólicas” de controle da informação.

O livro se passa no ano de 1984, quando o mundo estaria dominado por três supernações autoritárias e sua busca incessante de permanecer no poder. A ação do enredo ocorre em Londres em uma destas nações chamada de Oceania, compondo a Inglaterra e suas colônias e mais o continente americano. Nesta obra, Londres — e a Oceania como um todo — é administrada pelo Partido Socing, que na tradução da linguagem novafala (mistura de cacofonia com manipulação do discurso), inventada pelo autor, é Socialismo Inglês. A demografia da capital é dividida em duas classes, os membros do Partido e os proletários (proletas chamados no livro). A estória é contada em primeira pessoa, a partir do ponto de vista de Winston Smith, um membro do Partido que trabalha no Ministério da Verdade, responsável por revisar jornais e textos antigos para readaptá-los a fim de contribuir com a narrativa do Estado. Winston, apesar de ser um membro “privilegiado” da população, possuindo mais luxos e prazeres que os proletas (classe pobre), continua tendo amarguras com o partido e sonha em uma nova revolução para acabar com a Oceania e trazer de volta a liberdade que sentia quando criança antes do estabelecimento da nação.

A partir das categorias já mencionadas (condicionamento e disciplina; ódio e violência; busca da felicidade), iremos analisá-las sob o que será exposto nesta reflexão e as obras do gênero ficção científica que com elas dialogam, suscitando a seguinte pergunta mais ampla: estaria o Jornalismo e a comunicação nas redes sociais numa situação distópica?

## 2. Capítulo 1

### 2.1. Distopia e Novas Tecnologias

Para iniciarmos melhor a discussão, temos de ter um parâmetro do que é uma distopia e o seu significado. O psicólogo e sociólogo alemão Erich Fromm estabelece em 1961, no seu prefácio do livro *1984*, de George Orwell (2020) a seguinte visão:

Ao contrário das utopias (literalmente não-lugar) renascentistas e iluministas, as utopias negativas são um paradoxo histórico e social, pois antes o homem se enchia de esperança de mudar o mundo com os possíveis recursos e tecnologias para criar um mundo justo e pacífico. Agora com estes recursos e tecnologias presentes, fazendo-se desnecessário a guerra, escravidão e desigualdade, essa esperança no homem começa a perde-la. (Fromm, In: Orwell, 2020, p, 369)

Este paradoxo também se expressa nos temas e nas histórias das distopias, pois as utopias representavam autoconfiança e esperança do homem pós-medieval, enquanto as distopias nos mostram sentimentos de desespero, impotência do homem pós-guerras mundiais. Esta mudança na visão humana é simbolizada nas obras literárias do século XX, pois pondera uma questão inerente da espécie humana: Nós aprendemos com nossos antepassados?

Este senso de desespero se manifesta em todas as obras escolhidas, seja nas revoluções e nas guerras globais entre as superações de *1984*, de Orwell (2020), seja na decadência da sociedade inglesa com o movimento de contracultura retratado em *Laranja Mecânica*, de Burgess (2019), e no declínio moral e ético da sociedade de *Admirável Mundo Novo*, de Huxley (1981).

Se olharmos para o cenário político e social atual, perceberá que possivelmente estamos vivendo nos piores dos tempos para a profissão, pois indivíduos com seus interesses próprios manipularam o discurso e as ferramentas, nos últimos anos, trouxeram para a comunidade jornalística uma outra visão da prática da profissão: uma visão também distópica. Níveis elevados de desconfiança na mídia, monopólio nos meios de informação, manipulação rápida e fácil do discurso através das ferramentas de redes sociais, e corporações criando novas tecnologias como as inteligências artificiais (que podem muito bem retirar o fator

humano de sua confecção, assim como a distopia retira a humanidade de seus textos), são apenas alguns vetores que fazem o cenário jornalístico atual, a exemplo de tantos outros em várias áreas de conhecimento (política, social, ética), uma antiutopia, um não-lugar no qual não queremos viver.

Para entender melhor onde estamos, precisamos entender primeiramente de onde viemos e para isso a criação das redes sociais e as mudanças dentro da sociedade e do jornalismo que a provocaram devem ser contextualizadas. Devemos prestar atenção para o passado e assim o nihilismo inútil e infértil dará lugar a um olhar mais amplo e contextual que poderá contribuir mais para nossas reflexões.

Em meados do século XX, a humanidade entrou na chamada Era da Informação através da globalização em massa. Nela, novas tecnologias de informação tornaram-se mais acessíveis, o consumismo simbolizado pelo sistema estadunidense utópico do “American Way of Life” se impôs e passou a ser o parâmetro predominante em praticamente todo o mundo ocidental e até em várias partes do Oriente. Diante dessas transformações, o mundo como antes o conhecíamos se transformou completamente na área socioeconômica e tivemos uma luta social em que as próprias identidades das nações democráticas foram afetadas. Ao mesmo tempo, também surgiram avanços sociais com os movimentos de direitos civis (feminismo e movimento anti-segregacionista americanos, anos depois culminando com o fim do colonialismo e de sistema e países africanos), além de mais visibilidade para bandeiras ambientalistas e de grupos minoritários. Em contrapartida, os estabelecimentos conservadores como a Igreja e os Estados também reforçaram algumas de suas posições, mas já em contraste com um mundo que clamava e realizava mudanças. “Preso entre essas tendências opostas, o Estado-nação é posto em causa, arrastando para a sua crise a própria noção de democracia, baseada na construção histórica de um Estado-nação soberano e representativo” (Castells, 2018, p. 2).

Em seu livro *Onde os Magos Nunca Dormem* (2019), a jornalista Katie Hafner e seu marido Matthew Lyon nos apresentam a história da criação da Internet, de seu nascimento como tecnologia militar a sua democratização e adoção do público. Em um breve resumo, a Internet foi formalmente criada em 1969 pelo Departamento de Defesa dos Estados Unidos com a cooperação do Reino Unido, e era conhecida como projeto ARPANET para fins de serviços militares, que tinha o objetivo inicial de conectar remotamente os computadores dos sistemas de defesa ao redor dos Estados Unidos. Apesar de sua ideia original, o avanço rápido resultou na conexão instantânea do Reino Unido em diferentes redes interagindo com as do Estados Unidos em 1974, principalmente pelo trabalho de Sir Tim Berners-Lee, criando assim

a Internet. Em 1989, contudo, Tim desenvolveu os primeiros recursos acessíveis ao público para a rede. Um deles foi a World Wide Web, a Internet como a conhecemos hoje.

As redes-sociais, que iremos aqui analisar, são apenas um subproduto desta conexão e interatividade de pessoas e redes, sendo sua criação no ano de 2003. A primeira rede social do mercado, o Myspace, conseguiu agregar 20 milhões de usuários no final do ano de 2005. Já o Facebook, em 2008, tinha 100 milhões de usuários, de acordo com Callum Booth na sua reportagem ao *thenextweb*, que compilou todos números públicos das companhias de redes-sociais<sup>3</sup>.

O Facebook deu a um espaço para diferentes comunidades dialogarem entre si num espaço digital, algo na época era inovador, já que comunidades digitais ainda eram fechadas em seus sites e fóruns específicos. Começou, assim, o caminhar de uma cultura interativa (Jenkins, 2015) digital, um simulacro, uma cópia da nossa realidade, porém sem base e desprovida das características da comunicação real. Como Jean Baudrillard colocava em suas próprias palavras:

A simulação já não é a simulação de um território, de um ser referencial, de uma substância. É a geração pelos modelos de um real sem origem nem realidade: hiper-real. O território já não precede o mapa, nem lhe sobrevive. E agora o mapa que precede o território — precessão dos simulacros — é ele que engendra o território cujos fragmentos apodrecem lentamente sobre a extensão do mapa. É o real, e não o mapa, cujos vestígios subsistem aqui e ali, nos desertos que já não são os do Império, mas o nosso. O deserto do próprio real. (Baudrillard, 1991, p. 8).

Para Baudrillard, a simulação é uma imitação da realidade, algo reduzido de seu valor e dignidade. Em sua visão, pode-se fazer uma avaliação da comunicação humana em toda sua gama, que é composta de dezenas de fatores além das próprias palavras ou línguas: há a comunicação não-verbal, a entonação do diálogo, padrões de fala, a pessoa estar fisicamente próxima de você. Esses exemplos cruciais para a interrelação não estão presentes ainda na comunicação da Internet. Sem esses fatores, pode ser feita a afirmação de que a comunicação, por via de texto, é incompleta e mais que imperfeita para o objetivo que quer alcançar, este de uma conexão global. A distopia presente em obras de ficção científica traz a hipótese de que essas barreiras sejam superadas e que o virtual torne-se total. Ao falar do “virtual”, Baudrillard (2000), em outra obra, afirma que ele dar-se-ia de maneira plena se houvesse uma “substituição da espécie humana” por algo que ela, fascinada por ter criado, colocaria em

---

<sup>3</sup> Disponível em: <https://ourworldindata.org/rise-of-social-media>

seu lugar. Uma espécie gerada a partir da virtualidade, com ferramentas operacionais tão ou melhor adaptadas para a existência do que a própria humanidade (p. 48).

Temos muitas mídias audiovisuais nas redes sociais. Tik Tok, Instagram (Reels e Stories). Às vezes, com transmissões ao vivo. Vemos o interlocutor, interagimos com ele (até em tempo real), mas não captamos uma essência comunicacional que se dá, sobretudo, no contato presencial. Isso ficou ainda mais potente na pandemia, quando houve uma diferença perceptível de rendimento de alunos e professores que foram obrigados a, por determinado período, migrar totalmente para os ambientes digitais<sup>4</sup>. Pesquisas já revelaram que houve déficits de aprendizado<sup>5</sup>, comprometimento da saúde mental de profissionais e famílias e maior isolamento, sobretudo das crianças. O contato pessoal não foi suprido com o contato virtual.

Um outro efeito da Pandemia de Covid-19 além da educação foi o aumento no uso de redes sociais devido ao distanciamento social. Em um relatório de uma pesquisa feita pela Data Report AI, sobre o alcance das redes sociais entre 2019 e 2020, foi levantado que mais da metade da população mundial usou as redes sociais neste período, além de ter impulsionado a plataforma Tik Tok a uma “dominância” global de usuários<sup>6</sup>. Pela primeira vez no mundo, a comunicação humana prevaleceu fora da “realidade”, e o discurso em si, foi reduzido a textos, vídeos, áudios e chamadas ao vivo.

Com isso, o ambiente virtual favorece o anonimato, a percepção de impunidade, de inconsequência, o que fomenta discursos mais radicalizados, ofensas, exposição de preconceitos, ameaças, o que vai ao encontro do crescimento do discurso de ódio.

Por trás dos algoritmos e das interfaces de usuários há grandes companhias detentoras de dados e de novas tecnologias, as chamadas Big Techs, que possuem seus próprios vieses e agendas, geralmente com o objetivo máximo de lucro acima de tudo. Essas companhias possuem termos de usuários extensos e com diversos jargões jurídicos que diminuem sua facilidade e visibilidade de leitura, levando a grande maioria dos usuários a não ler e nem compreender tais regras. Tanto a rede social TikTok, quanto a empresa Meta (dona do Facebook, Instagram, e WhatsApp) coletam dados que estão fora dos respectivos aplicativos, como localização, quando o mesmo está sendo usado em segundo plano. Elas possuem ainda

---

<sup>4</sup> Disponível em: <https://olivre.com.br/rendimento-de-alunos-caiu-ate-80-durante-os-meses-de-ensino-remoto>  
Acessado em: 12 de maio de 2023

<sup>5</sup> Disponível em:  
<https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2021/07/pandemia-acentua-deficit-educacional-e-exige-aco-es-do-poder-publico> Acessado em: 12 de maio de 2023

<sup>6</sup> Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2020-july-global-statshot> Acessado em: 12 de maio de 2023

acesso às áreas de transferência (palavras e fotos que estão salvas pela função Copiar e ScreenShot), fotos da galeria dos aparelhos e aos metadados desses arquivos, além de terem canais de acesso ao rastreamento do teclado e palavras ali digitadas (no caso da Meta, uma palavra escrita no WhatsApp pode aparecer como propaganda no Facebook e Instagram).

Um dos temas debatidos nos livros de ficção científica aqui em análise é quanto ao efeito da vigilância na vida humana que os enredos imaginam – e que, como acabamos de perceber, não parece tão distante assim do que já vivemos em ambientes digitais.. Em *1984*, as próprias televisões (chamadas ali de Teletela), que seriam homônimas às fontes de informação e a da “verdade” na época que foi escrito, são também os mesmos aparelhos usados para vigiar a população. Uma configuração que traz a desconfiança e o senso maior de paranoia à tona.

A Teletela recebia e transmitia simultaneamente. Todo som produzido por Winston que ultrapasse o nível de um sussurro muito discreto seria captado por ela; mais: enquanto Winston permanecesse no campo de visão enquadrado pela placa de metal, além de ouvido, também poderia ser visto. Claro, não havia como saber se você estava sendo observado num momento específico. ... Era possível inclusive que ele controlasse todo mundo o tempo todo. Fosse como fosse, uma coisa é certa, tinha meios de conectar-se a seu aparelho sempre que quisesse. Você era obrigado a viver - e vivia, em decorrência do hábito transformado em instinto - acreditando que todo som que fizesse seria ouvido e se a escuridão não fosse completa, todo movimento examinado meticulosamente. (Orwell, 2020, p. 13)

Na nossa sociedade real há um flerte com essa distopia que parecia ser tão impossível de ocorrer de fato. Nossos próprios telefones celulares podem fazer um estrago ainda maior com a informação disponibilizada em seus arquivos, memórias e seus servidores, recebendo e transmitindo informação e dados simultaneamente, revelando nossa intimidade, nossos gostos, nossos medos, nossas preferências, nossos vícios e nossa rede de contatos.

Todos os romances de ficção científica aqui sob análise compartilham um tema em comum: a tecnologia a desserviço da vida, empobrecendo e controlando a sociedade, que pergunta ao leitor ou telespectador: o que seria uma sociedade futurista distópica em que a ciência é cada vez mais usada para submeter as vontades dos sujeitos e retirar a liberdade dos indivíduos sem que os mesmos sequer consigam perceber?

As redes sociais são uma tecnologia incrível que conecta não só o globo, mas seus habitantes também, permitindo o fluxo de informação que ligue pessoas com crenças, línguas e vieses diferentes num só ambiente. Contudo, com a evolução dessa tecnologia e novos meios de produção de conteúdo, o fluxo se torna cada vez mais caótico e difícil de se filtrar.

Essa ausência de controle parece encaminhar o mundo para uma distopia que sai das páginas dos escritores e passa a figurar no cotidiano de centenas de milhões de pessoas, levando-as a ter comportamentos e atitudes que possivelmente não adotariam se não estivessem sob a influência da avalanche de informações que recebem em seus smartphones de forma praticamente ininterrupta. Isso tem gerado fenômenos individuais e sociais preocupantes, como uma dependência da tecnologia que ultrapassa qualquer parâmetro aceitável ou mesmo o fortalecimento de fanatismos, políticos ou religiosos, levando multidões a acreditarem em versões totalmente fantasiosas sobre acontecimentos e pessoas.

Há ainda manipulações e mentiras no fluxo da comunicação, deixando o espaço do entretenimento com doses de discórdia e conspiração na mente dos indivíduos, condicionado os mesmos a se alienar e radicalizar nos discursos de uma forma muito similar à sociedade imaginada por Orwell (2020) em *1984*, com a postura dos personagens perante o partido. Apesar das obras analisadas e debatidas se passarem em sociedades distópicas ficcionais, convidamos a uma análise da nossa própria sociedade moderna atual, revendo elementos considerados distópicos nelas.

## 2.2. Jornalismo e novas tecnologias: dilemas

O mundo não é tão simples quanto o de um livro de ficção. Bem e mal são construções humanas de suas morais e valores individuais que chamamos de “verdades”, como Nietzsche nos fala em *Além do bem e do mal* (2005). Há fatos que moldam cada um de nós que são difíceis de mudar e funcionam como pilares para cada indivíduo sustentar seu mundo. Seguindo essa visão "nietzschiana" sobre a verdade, os fatos do mundo real muitas vezes são caóticos, sem sentido. Algo simples pode se tornar eternamente complexo dado seu nível de observação.

A máxima de que o jornalismo busca a “verdade dos fatos”, portanto, pode, em muitos aspectos, ser relativizada. No atual cenário de intensas transformações, tal premissa parece estar cada vez mais xeque, uma vez que os ambientes digitais não só promoveram uma descentralização do poder da comunicação, como dá mostras de que busca duvidar da legitimidade dos meios de comunicação tradicionais, num movimento de enfraquecimento de sua atuação. Com isso, o jornalismo, em particular, tem a sensação de estar vivendo sua distopia particular, já que se contesta até mesmo o consenso científico, opina-se sem

responsabilidade ou lastro, ataca-se sem pudor ou constrangimento, fazendo com que os pilares que sustentam a profissão tenham sua validade fragilizada.

Segundo a teoria de Galtung & Ruge (1965), a informação possui um valor inerente hierárquico nas mentes dos editores e dos pauteiros, estes profissionais que chefiam e guiam o curso da produção dentro dos valores da própria instituição no seu edital. Como iremos demonstrar, todos os conglomerados de mídia são empresas com valores capitalistas de geração de renda. Com a chegada das novas tecnologias da informação no cenário jornalístico, estas mesmas empresas encontram dezenas de outras formas e plataformas para gerar essa renda, mas também encontram cada vez mais concorrência em seu ramo de atuação.

Ainda se analisarmos comparativamente o estado social e comunicacional como faremos dos mundos das obras com o estado midiático do jornalismo na realidade, isso o colocaria em uma berlinda – é bom lembrar que nas sociedades distópicas que os enredos de ficção científica aqui em debate nos trazem, essa profissão ou não existe, ou não se constitui como uma ferramenta dos estados autoritários para uso de propaganda.

Durante o início da segunda década dos anos 2000, temos um jornalismo na era digital que se altera com a instantaneidade, dando às pessoas um motivo para não ver televisão ou ler o jornal. Afinal, é possível adquirir informações, relevantes ou não, no que as pessoas estão compartilhando e publicando, em seus conteúdos próprios. De uma forma irônica, as redes sociais democratizaram a informação mais do que as redes de notícia esperavam, culminando num novo molde do jornalismo.

Em 29 de março de 2010, na Faculdade de Media e Relações Públicas George Washington, nos Estados Unidos, houve uma conferência chamada “Transformando Jornalismo: O Estado das Redes de Notícia em 2010”, e nesse evento houve a participação de jornalistas como Tina Brown, do *Daily Beast*, Susan Page, do *USA Today*, Charlie Sennott, do *Global Post*, e Antoine Sanfuentes, da *NBC News*. Nesta conferência, houve debates a respeito da queda de renda do jornalismo impresso e tradicional e o surgimento de redes de jornalismo exclusivamente na web. O grande dilema de então era o fato de que um terço dos americanos adquiriam notícias em fontes que não eram relacionadas com jornalismo, como perfis de redes sociais. Contudo, uma das falas mais importantes no evento foi da renomada jornalista inglesa Tina Brown, que previa o discurso do jornalismo moderno nas redes sociais “Eu acho que no mundo de hoje, o que quer que você esteja editando, você tem que ser muito mais um empresário. Você tem que se considerar fazendo um show e dando o seu máximo,

para reconhecer que o maior inimigo que todos nós temos é a ‘fome de tempo’. É tudo sobre fazê-los prestar atenção.”<sup>7</sup>

Dentro desta nova era da instantaneidade das redes sociais, as áreas que mais se beneficiaram foram o jornalismo de celebridades, do entretenimento e do esporte, onde os próprios fãs poderiam ser jornalistas nas páginas de sua série/filme/celebridade favoritas. Um dos maiores exemplos foi o sucesso da série de filmes *Crepúsculo* que culminou em uma presença virtual com legiões de fãs nas redes sociais, (o que hoje chamamos de *fanbase*), fenômeno que ficou conhecido como o precursor da cultura da convergência e participativa. Em 2014, uma bacharel em Jornalismo em Las Vegas, chamada Nichole Kazimiro Vicz, fez sua tese de mestrado mostrando como os fãs estavam se tornando produtores de conteúdo.

Este estudo é significativo porque o fenômeno *Crepúsculo* está aumentando em tamanho à medida que os filmes continuam a ser adaptados dos romances. O primeiro filme da saga, *Crepúsculo o filme*, tem uma página no Facebook que lista 21.768.835 fãs em março de 2014. Da mesma forma, a página oficial do filme da Saga *Crepúsculo* para a série no Facebook.com lista 45.477.534 fãs (Vicz, 2014, p.13)

Aqui temos também as culturas das redes sociais em seu nascimento, com a convergência dos meios de comunicação. Ela possui relações – e algumas delas foram até previstas – por escritores de ficção selecionados. Não estamos, portanto, transitando em um terreno que é totalmente novo – não ao menos para a literatura distópica.

Isto é o que Henry Jenkins (2015) chama de “cultura participativa”, com a internet e as redes sociais dando aos consumidores ferramentas de criação. Com essas novas ferramentas e espaços de comunicação, eles se tornam em si próprios criadores de conteúdo e deixam de ser meros consumidores. Esta ideia se opõe à de “cultura consumidora”.

Os olhos estão famintos: seja em *1984* ou na vida real, a vigilância está presente em todos os aspectos da vida social atual. Na forma de novas tecnologias, nossas vidas tornam-se produtos para olhos alheios, muitos que nunca iremos conhecer. Mesmo quando não queremos estar diante dela, certas ações podem transcender essa vontade e nos levar a nos encontrarmos nas dezenas de discussões no Twitter, Facebook/Meta, Instagram, Tumblr, TikTok. Neste mundo conectado onde assuntos de diversas partes do planeta se misturam, quase nunca de maneira minimamente racional, a busca por relevância é a forma que grandes grupos e companhias encontraram para prender a atenção dos usuários.

Algo que Baudrillard (2011) critica dada a representação massiva de acontecimentos vistos nos telejornais e posteriormente, reproduzidos ou distorcidos nas redes sociais,

---

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www.pewresearch.org/2010/04/06/transforming-journalism-the-state-of-the-news-media-2010/>

criando-se uma cópia da cópia, da cópia do acontecimento. De forma irônica, o filósofo comenta que, com a liberdade de expressão e manifestação artística nunca vista antes, ao invés de indivíduos da sociedade difundir assuntos relevantes e que precisam ser relatados, temos difusões escapistas e simplistas da atual realidade. E é sempre bom lembrar que o teórico, visto como apocalíptico ou pós-modernista radical em razão das ideias que defendeu ao longo de sua vida e seu pensamento, morreu em 2007, quando as redes sociais começavam a engatinhar. Muitas de suas conclusões, entretanto, parecem, atualmente, mais com previsões, uma vez que mantêm-se atuais e até assustadoramente certas. Nesse quesito particular, o autor tem algo em comum com a literatura distópica que aqui analisamos.

Em um artigo, o pesquisador da comunicação Deodoro José Moreira atribui essa instabilidade da realidade a uma construção de pseudo-eventos – dialogando com o conceito de Boorstin (2012), que fala sobre “pseudoacontecimentos” – isto é, dada a alta comercialização da notícia em diferentes plataformas, os fatos reais tendem a ser moldados e apresentados de uma perspectiva muito particular, atendendo demandas de audiências, fontes, de interesses da empresa ou por pressão da concorrência. Isso ocorre mesmo quando eles estão absolutamente sintonizados com valores-notícia que guiam o ofício de informar. Muitas vezes, dada a difusão e fragmentação de conteúdos nos ambientes digitais, empresas jornalísticas passam a procurar acontecimentos mais “rentáveis”, chamando para espetáculos midiáticos, com o objetivo de capitalizar sobre o evento em si, criando, por consequência, um pseudo-evento, total ou parcialmente.

Um outro modo de exploração nesse sentido são as coberturas sensacionalistas ou dramatizadas de determinados eventos que não são fabricados, mas que ganham dimensões midiáticas muito além do esperado ou mesmo do razoável, algumas vezes interferindo até mesmo no desfecho de determinados casos. Um exemplo brasileiro foi o sequestro da jovem Eloá e em seguida a *frenzy* midiática de 100 horas de cobertura de praticamente todos os grandes veículos de comunicação do País, que contribuíram para que houvesse uma espetacularização de um drama real que terminou em tragédia, com a morte da refém. A própria função jornalística também entra na área cinzenta dentro das novas tecnologias da informação, uma vez que empresas estabelecidas e que têm o dever de apurar as informações antes publicá-las, com ética e responsabilidade, quando inseridas no universo das redes sociais, não possuem o mesmo nível de engajamento de perfis como o “Choquei” (mero repetidor de conteúdos alheios ou mesmo difusor de fake news) no Twitter e Instagram, que possui mais seguidores que páginas oficiais de jornais. Esse perfil, possui pouco menos de 20

milhões de seguidores, enquanto o G1 possui pouco mais de 8 milhões<sup>8</sup>. Mesmo esse espaço tendo enfoque maior nas notícias de celebridades, ele também tem forte inserção no noticiário político, como foi possível averiguar no último processo eleitoral brasileiro, em que o perfil passou a ser “fonte” digna de crédito para milhões de pessoas, incluindo profissionais da imprensa e formadores de opinião de várias áreas, mesmo que o conteúdo ali reproduzido carecesse da mínima checagem própria. Temos, aqui, um sinal claro de distopia, em que papéis são invertidos e esse processo é encarado com naturalidade pelo público.

O Google, por sua vez, agrega todos os sites em seus processos de indexação de pesquisas, sendo uma ferramenta indispensável para navegar, com o mínimo de racionalidade e organização, na imensidão da internet. Contudo, suas pesquisas de imagens e textos desconsideram o trabalho de produzir esses conteúdos, seja de redes jornalísticas ou de criadores artísticos, oferecendo gratuitamente esse material, sem autorização ou remuneração a seus produtores, a terceiros, apenas com um pequeno aviso de que pode haver direito autoral. Mais uma vez, uma distopia se estabelece, já que legislações há muito consolidadas em todo o mundo são simplesmente ignoradas em nome de uma pretensa “liberdade de informação”, sem que para isso haja a devida transparência na própria oferta de tais informações, já que os algoritmos utilizados são, em geral, sombriamente herméticos.

De certa forma, Umberto Eco, um pesquisador italiano e pensador da Comunicação em um momento posterior deste itinerário, referendou críticas a essa lógica um tanto insana ao ter declarado que as redes sociais, em grande medida, deram visibilidade a “idiotas”, em discurso na universidade de Turim<sup>9</sup>: “A TV tinha promovido o idiota da aldeia em relação a quem o telespectador se sentia superior. O drama da Internet é que promoveu o idiota da aldeia como portador da verdade”. Isso quer dizer que o poder de fala da “verdade”, antes concentrados nas mãos dos jornalistas de órgãos de imprensa, agora está disseminado e é ofertado a todos, com imensa visibilidade, acessível e imutável, uma vez que apurar cada página e para expor suas mentiras se mostra um trabalho impossível. Ao mesmo tempo, tal dinâmica empareda os profissionais da comunicação, que se vêem premiados por um tipo de concorrência até aqui inédito, a do próprio público, mesmo que este não tenha o preparo ou mesmo a mínima intenção de produzir informação de qualidade.

Eco e Baudrillard de novo nos mostram que a partir de uma vida mundana, as mídias tomam nosso interesse na sua sublimidade do mundo, como um filme passando no cinema.

---

<sup>8</sup> Dados coletados no dia 03 de abril de 2023

<sup>9</sup> Disponível em:

[https://www.ansa.it/sito/notizie/cultura/libri/2015/06/10/eco-web-da-parola-a-legioni-imbecilli\\_c48a9177-a427-47e5-8a03-9ef5a840af35.html](https://www.ansa.it/sito/notizie/cultura/libri/2015/06/10/eco-web-da-parola-a-legioni-imbecilli_c48a9177-a427-47e5-8a03-9ef5a840af35.html)

Ao invés de possibilitarem ou incentivarem uma narrativa mais autêntica da situação, temos que optar entre as versões trazidas pelos veículos de comunicação, que são mais confiáveis, mas ainda assim sujeitas a distorções, omissões e engajamentos, e o que se costuma publicar nas redes sociais, na maior parte das vezes meras fantasias disfarçadas de informações sérias, em engodos onde prosperam, por exemplo, as fake news. Na verdade, muito do que vemos nos ambientes digitais, várias vezes conduzidos por algoritmos que guiam nossa navegação a partir do registro de nossas preferências de consumo, estão mais próximos de objetivos bem distantes de missões cívicas ou defesas de princípios democráticos, sustentáculos da atividade jornalística em seus formatos mais clássicos. O que nos apresentam têm, isso sim, propósitos eminentemente comerciais, quando não outros, mais escusos. “Os problemas mais sérios postos pela propaganda são menos da inescrupulosidade daqueles que nos enganam, e mais do nosso prazer em sermos enganados.” (Baudrillard, 2001, p. 72)

Grande detalhe: Baudrillard não estava citando as mídias como propagadores de desinformação no termo lógico de fake news, apenas apontando que ao se criar uma narrativa sobre um fato, não há como trazer a experiência para o espectador sem que este seja um simulacro da realidade. Enquanto eventos pequenos e com poucas interferências como crimes e acontecimentos do dia-a-dia podem ser reduzidos em palavras mais simples, os trabalhos mais complexos, como projetos de jornalismo investigativos e coberturas internacionais introduzem sua narrativa ao construir o produto jornalístico. Em ambos os casos, há sempre o risco premente de haver distorções e manipulações da informação, erros e equívocos na leitura de contextos ou na abordagem de personagens envolvidos, mas o que assistimos hoje é ainda mais grave que isso. Inventam-se narrativas, algumas de puro negacionismo da própria realidade, apostando em mundos paralelos onde se pode, mais facilmente, fomentar radicalismos, extremismos e até o estímulo a crimes e discursos de ódio.

Outro teórico da comunicação e pensador político, Noam Chomsky corrobora alguns preceitos da Escola de Frankfurt e determinadas linhas seguidas por Baudrillard, sobretudo nas críticas à influência do capitalismo consumista na cultura e na sociedade. Em entrevista,<sup>10</sup> Chomsky relata como a cultura do consumismo foi criada artificialmente pela então nascente indústria da publicidade.

O pensador afirma nesta entrevista que nas sociedades livres e democráticas não havia mais o pensamento de controle do homem já que nelas poderiam imperar pensamentos autônomos e livres. Uma das formas de manter ou retomar esse controle sobre as pessoas foi

---

<sup>10</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PjTbWLeOYUM>

a criação do “querer” no consumo das necessidades básicas. Segundo o autor, a indústria da moda realizou isso na metade do século XX. Esta ideia de vender uma visão, ou um sonho lembra a frase de Baudrillard de que há um certo prazer em sermos enganados nessa busca do sentido no mundo, que talvez preferimos uma certa ignorância abençoada, por se assim dizer.

Para o autor, as mídias se tornam veículos publicitários que fornecem fácil acesso à informação. Ao invés de representar algo como deve ser representado, nós possuímos um não-evento que precisa se superar para permanecer com a credibilidade, por isso temos repórteres em zonas de guerras, durante severos desastres climáticos. O não-evento de Baudrillard pode ser explicado como algo que realmente ocorre ou já aconteceu, mas não faz jus à sua definição projetada (ou significado social pretendido) nem é proporcional ao seu status atribuído na mídia (Atkinson e Young, 2012).

Um não evento proposto pelo autor em seu livro *The Gulf War Did Not Take Place* (2012) foi a Guerra do Golfo entre os Estados Unidos da América e a sua coalizão em resposta à invasão do Iraque ao Kuwait. De acordo com o pensador, ele questiona em seu trabalho a veracidade e a credibilidade dos eventos ocorridos na guerra, dentro da mídia, pelo simples fato de ser a primeira guerra onde jornalistas participaram perto dos campos de batalhas e das fronteiras. Para o pensador, cada cena mostrada passou primeiro pelos generais antes de ser divulgada para as massas, criando assim uma propaganda americana da guerra. Um dos efeitos desta forma como foi retratada é a não transmissão da guerra como é na sua natureza, brutal, violenta, e a mercê de ações morais, criando assim um paralelo entre a guerra heróica e esta, na qual os norte-americanos teriam se sacrificado para livrar os kuwaitianos da tirania e crueldade de Saddam Hussein. É uma visão similar que vemos nos cinemas e nas séries de televisão, demonstrando o patriotismo exacerbado e excepcionalismo norte-americano.

Voltando à frase anterior de Baudrillard, esta visão da realidade similar a um ficção reverbera com o público na sua busca de identidade e de pertencimento num mundo especial. Por isso a frase “nosso prazer em sermos enganados”. Esta validação “cósmica” cria, então, uma fome no público então a hipersensacionalização das notícias e a criação de não-eventos para fácil acesso ao público.

Da mesma forma lógica: para haver a comida, há a necessidade de se ter fome, para que a atenção e os olhos da população se fixe em algo, é necessário uma história, e não o evento em si. Pela filosofia de Baudrillard, nossa sociedade atual foi condicionada para receber notícias rápidas e chocantes, com mensagens claras e histórias com: Começo, Meio e Fim. Para o fácil acesso comercial da própria notícia em si.

Contudo, a sociedade é cúmplice em si por ter a fome das notícias rápidas. De acordo com Nietzsche, as pessoas anseiam o significado, preferem ideias fáceis de se entender, priorizam a simplicidade, a narrativa simples, semi religiosa, com heróis e vilões.

De acordo com o pensador, o indivíduo deve em si não compreender o caos, mas aceitá-lo em sua plenitude dentro do seu dia-a-dia. Ser um niilista está longe de ser um negacionista que desconstrói a sociedade, e sim alguém que percebe os diferentes ramos da árvore que é a realidade. Alguns filósofos como Albert Camus em sua obra de *O mito de Sísifo* (2018), e Schopenhauer, em *O mundo como Vontade e Representação* (2015), dialogam com a ideia de que para a mente humana, seria impossível compreender a realidade em sua totalidade, dada a sua limitação do ego, o Eu, como um observador parcial. O próprio Nietzsche não alcançou seu Super-Homem por mais que quisesse, sofrendo ironicamente de demência e vindo a falecer poucos anos depois.

Este “aumento” no “caos percebido” da realidade com o bombardeio de conteúdos e informações pelos meios digitais leva certos indivíduos a tomarem refúgio dentro de suas próprias ideias e comunidades. Como analogia, seria como condomínios fechados, aumentando a moderação de quais informações podem ou não entrar, como convidados desejados ou não, criando assim as bolhas sociais digitais e as câmaras de eco como iremos analisar.

### 2.3. Bolhas, poder e disciplina

As empresas de mídia tradicionais, porém, têm agora uma nova realidade de competição diante de si devido à mudança para o virtual, com cada vez mais pessoas produzindo conteúdos que, não raramente, roubam-lhes público e até receita publicitária. Isso tem levado veículos hegemônicos a abandonar regras deontológicas de apuração jornalística para se renderem às modas ou aos temas mais comentados nas redes sociais. Em várias ocasiões, esses espaços que deveriam primar pelo profissionalismo no trato com a informação se vêem premidos a ceder para assuntos que não têm a menor importância, mas que ganharam notoriedade, indo literalmente a reboque de premissas que se afastam de um jornalismo de qualidade.

Contudo, quando assuntos importantes são substituídos por aqueles que não têm importância, a juventude se aliena no mundo digital, sempre procurando a atenção e a nova sensação do momento, impondo suas regras, fazendo decair não só o debate sobre temas de

interesse geral, que perdem espaço na arena pública, como também difundindo informações de baixa qualidade, quando não abertamente mentirosas. Como ocorre na epopéia clássica *Odisseia*, de Homero, com os comedores de lótus, o espaço das redes sociais é um lugar afastado do mundo onde pessoas se esbanjam nos seus prazeres e desejos e se prendem nos vícios, quase nunca conseguindo escapar.

Nos fóruns abertos como Facebook e Twitter vemos uma constante participação de pessoas nos discursos ali falados, muitas vezes se fundindo e lutando entre si, numa constante migração de audiência e num fluxo constante de ideias, como dizem os autores Joshua Green e Sam Ford no livro *Cultura da Conexão* (2022). Essa propagação e “aderência” de ideias está ligado a fácil visibilidade e compartilhabilidade do conteúdo, uma vez que usuários podem compartilhar sua “produção” para suas páginas e expressar a sua própria opinião sobre eles. Quando este habitat se torna grande o bastante para abrigar milhões de pessoas, temos a formação de culturas próprias vindas do conteúdo que mais criou identificação com o público. Nessa lógica estão, por exemplo, os memes.

Essa “aderência do conteúdo” possui uma característica evolutiva própria, já que aquilo que melhor ressonar com a audiência irá ser mais propagado e terá suas características comentadas e engajadas por mais tempo. Essa ideia de informação que adere à mente de seres humanos está na origem da própria palavra “meme”, que foi cunhada pelo biólogo Richard Dawkins em 1976 no seu livro *O gene egoísta* (2007), que analisa a teoria evolucionista na cultura humana. Richard acredita que a cultura e a informação teriam propriedades evolutivas, e uma unidade de informação seria análoga a um gene. A palavra meme, portanto, é a informação ou ideia que melhor ressonasse nas mentes dos indivíduos, seria aquela propagada pela história na forma de culturas, línguas e religião.

Durante a história da civilização humana, diferentes povos com seus próprios memes tiveram trocas de informação, levando uma a naturalmente se sobressair à outra pelo fato de ser mais aceita e propagada. Isto garantiu novas ideias e um amplo fórum comunicacional aberto entre diferentes culturas, mas também levou à perseguição de outros povos com memes diferentes, como as atrocidades religiosas na Idade Média. Mesmo com o estabelecimento de sociedades mais sedentárias, com suas fronteiras tanto políticas e culturais mais fixas, a mudança e a troca de informação ainda era garantida na base da comunicação humana.

Com o surgimento de veículos de comunicação em massa como televisão e rádio, no século XX, obtivemos um nível ainda mais elevado de trocas de informação, agora com pessoas de diferentes partes do globo, mas isso também levou ao nascimento das câmaras de

ecos comunicacionais, mesmo que ainda rudimentares. Com mais opções do que ler nos jornais, assistir na televisão ou ouvir nos rádios, o público consumia informação mais conscientemente, preferindo uns canais a outros, um veículo de informação a outro.

Com a Internet e as redes sociais, temos uma gama de escolhas praticamente infinitas de canais de informação, dificultando a decisão consciente na imensidão de conteúdos e plataformas disponíveis, trazendo consigo a necessidade de moderação para manter o engajamento na plataforma. Como diz Pierre Lévy em seu livro *Cibercultura*:

A informação em fluxo designa dados em constante informação, dispersos em memórias e canais interconectados que podem ser percorridos, filtrados e apresentados ao cibernauta de acordo com as suas instruções, graças a programas sistemas de cartografia dinâmica, ou outras ferramentas de auxílio de navegação. Nota-se que o mundo virtual e as informações em fluxo tendem a se reproduzir em larga escala, e graças a técnicas e suportes avançados, uma relação "não mediatizada" com a informação. (2010, p. 65)

De um ponto ideal, os algoritmos podem funcionar em guiar as discussões e manter a constante troca de informação, contudo a maneira como eles funcionam agora, prezando o engajamento de temas banais como fofocas, discursos emotivos com meia-verdades, e a super personalização da plataforma, alienando o usuários as comunidades que mais os agradam, acabam por tornar as câmaras eco endêmicas na situação atual.

Dentro das redes sociais temos a perigosa formação de diversas câmaras de eco devido à impregtabilidade da informação, essa que não faz juízo entre verdade e mentira. São comunidades digitais que podem se fechar a outros discursos para reafirmar suas crenças, tornando mais difícil sua abertura. São as chamadas bolhas, de onde ninguém sai e onde pouca diversidade de pensamento entra. Em um paralelo, dentro do Direito existe a expressão *Audi alteram partem* (ouçam ambos os lados), que foi adotada como um princípio básico da justiça, o chamado direito contraditório e da ampla defesa. Este princípio estabelece a livre discussão das partes envolvidas, dando amplas oportunidades para as partes expressarem suas defesas, seus pontos, e suas verdades. O mesmo ocorre com o jornalismo, no qual um dos preceitos básicos é exatamente abrir espaço para o contraditório, ouvir todas as versões, os “dois lados”. No ambiente virtual, entretanto, o discurso se fecha nas comunidades, impedindo o direito contraditório e estabelecendo o pânico moral como mecanismo principal de defesa. Esse processo gera uma série de fenômenos, como a radicalização de ideias, a disseminação de grupos extremistas e a chamada Cultura do Cancelamento.

Temos um exemplo deste fato dentro das redes sociais em grupos de apoiadores do ex-presidente Jair Bolsonaro, sobretudo em sua campanha à reeleição e após sua derrota nas

urnas. Neles, os chamados bolsonaristas reafirmam suas crenças em fake news e narrativas conspiratórias, ao mesmo tempo que hostilizam qualquer pessoa ou instituição que não tenha total aderência aos discursos que propagam, por mais afastados da realidade que sejam.

Nesse cenário, a frustração é algo quase proibido. Os algoritmos que entregam aos usuários desses grupos apenas o que os fazem evitar qualquer tipo de frustração ou acesso ao contraditório contribuem para esse isolamento informacional, em que as pessoas só consomem o que reforça suas convicções, uma lógica que não está tão distante assim de alguns cenários distópicos que encontramos em obras de ficção científica. Esse tipo de postura traz consigo outras atitudes complementares, como a de, obstinadamente, não se informarem por meios de comunicação mais tradicionais, uma vez que estes têm o compromisso de checar informações falsas e trazer o contraditório para o debate. Tais grupos não aceitam divergências e a verdade para eles constitui-se naquilo que acreditam e apenas nisso, não havendo possibilidade de outras versões para os fatos em que creem, mesmo que estes sejam absolutamente estapafúrdios.

Cria-se neste ambiente uma rivalidade mortal da parte mais polarizada em prol de um motivo ilusório de grandeza e controle, e a partir do ódio e da discórdia disseminados com narrativas (muitas vezes falsas) opera-se uma radicalização absoluta de determinados grupos e indivíduos, tornando a conciliação um objetivo cada vez mais difícil quando os mesmos se aliam a extremos. Na sociologia, esta mecânica de manipulação se assemelha a autoritarismos fascistas, tal como descreve Jason Stanley em seu livro *Como funciona o fascismo: A política do “nós” e “eles”* (2018).

E como um gene que se auto replica, essas narrativas aderem às mentes dos desesperados como uma hipnose numa visão baseada em julgamento de valores simples com narrativas guiadas por pretensos heróis e vilões, numa dicotomia absoluta entre preto e o branco, num maniqueísmo no qual sujeitos honrosos estariam salvando a democracia dos comunistas, ideia tentadora explorada em diferentes períodos históricos e contextos políticos, algo que movimentos como o nazismo na Alemanha dos anos 1930 e o Macarthismo nos Estados Unidos nos anos 1950 e 1960 atestam com múltiplos exemplos e consequências funestas e trágicas.

Possuímos aqui, ironicamente, um paralelo similar ao livro *1984*, com sua visão e anúncio de um radicalismo absoluto, um aviso para a sociedade que não deveria se tornar realidade: “A Oceania estava em guerra com a Eurásia. O inimigo do movimento sempre representava o mal absoluto, com o resultado óbvio de que qualquer acordo passado ou futuro com ele seria impossível.” (Orwell, 2020, p. 47).

Exercer domínio sobre esses contingentes é uma poderosa arma de manutenção do poder, algo que sempre foi mencionado nos livros que pensam num futuro em que a própria humanidade implode sua liberdade em nome de algo que acredita ser incontestável. Mas um contexto assim é um desafio imenso para o campo da Comunicação em geral, mais especificamente para o jornalismo, uma vez que essas ideias absolutas não deixam espaço para outro tipo de informação que não seja aquela que mantém tal mecanismo em curso. Não é acidental que no futuro distópico imaginado pelos autores do gênero ficção científica o jornalismo simplesmente tenha desaparecido. Minar sua credibilidade, sufocá-lo no que ele pode ter de diferencial, massacrá-lo em todas as oportunidades possíveis é uma estratégia que regimes que não aceitam divergências buscam de maneira prioritária.

O ataque ao jornalismo é uma etapa de um método de dominação que não pode condescender com a existência de uma informação que não esteja nos parâmetros convenientes para quem detém o poder. Sim, muitas vezes os próprios conglomerados de mídia se aliam a esses mesmos agentes para obterem benesses e vantagens, corrompendo sua função social, mas a extinção da atividade jornalística ou seu rebaixamento ao nível que as redes sociais parecem desejar é uma prática que, longe de democratizar a informação, só faz concentrá-la ainda mais. E no mundo real ou no mundo imaginado das obras aqui analisadas, informação é poder.

Apesar da identidade ficcional que temos nos mundos construídos pelos autores de ficção, temos uma pergunta a fazer: Um mundo distópico e caótico como esse merece ser salvo de si mesmo? O papel do jornalismo em informar e trazer a verdade, ou o mais próximo dela, por consequência salva o cidadão de entrar em retóricas antidemocráticas e o guia melhor no sentido de o manter firme perante o caos da atualidade? Aqui ponderamos se, fazendo uma analogia com o jornalismo da contemporaneidade, a exemplo de uma árvore que já está infectada por algum tipo de fungo, conseguimos curá-la e protegê-la ou deveríamos podá-la e começar de novo, com uma nova base e um novo sistema? E se a infecção tivesse acontecido junto com sua concepção, com seu plantio? Suas raízes conseguiriam se manter?

Esse tipo de comparação não é estranha nas obras de literatura distópica que estamos analisando. Nos livros, as metáforas são feitas com mais frequência usando termos pertencentes à área da saúde, mas elas nos trazem os sentimentos humanos inseridos e em luta, individual e socialmente, em seus mundos deturpados. Isso pode ser visto no medo constante do personagem Winston, de *1984*, no uso literal da sensação de nojo no tratamento contra a violência gratuita, no emprego da náusea e da repulsa que podem surgir entre pessoas

diferentes em *Laranja Mecânica*, na raiva e no ódio glorificado em toda a obra *Tropas Estelares*, e na arrogância e no orgulho da civilização fordiana em *Admirável Mundo Novo*.

Além dessas noções básicas de sentidos, há também as justaposições morais de "doença" e "cura" do discurso médico, que refletem a autoridade de poder de fala no cotidiano. Não surpreendentemente, *Laranja Mecânica* desenvolve esta ideia no campo da "cura da maldade". No livro de Burgess, as noções de "doenças morais", referentes aos movimentos de contracultura ingleses, são justificadas no enredo, com o personagem Alex adotando-as como sua bússola moral: "Eu faço o que eu faço porque eu gosto de fazer." (Burgess, 2019, p. 93) À primeira vista, essa escolha parece ser racional e moral por parte de Alex, uma vez que ele as toma sem pensar duas vezes. Contudo, ao longo do início do livro, nos é mostrada a dinâmica de poder de Alex, como ele sendo o líder do bando. Ao mesmo tempo, somos apresentados ao personagem executando ações próprias questionáveis, como assediando duas garotas em seu quarto, querendo sobrepor sua moral de "malvado" como superior à das meninas, uma vez que elas também se sentiram malvadas por faltar à aula, como é enfatizado livro.

Essa visão de escolha racional começa a desmoronar na metade do livro, quando temos a terapia de aversão, explorando as ideias behavioristas de prazer como parte do conjunto sensorial do corpo humano, ou seja, que faríamos o que fazemos porque gostamos de fazê-lo. Essa ideia, adicionada com a visão moral estabelecida no livro como a "Paz do Estado", se coloca como contraponto a pessoas como Alex e sua gangue, essas que trazem desordem e crime. Após sua primeira sessão com o tratamento, e como este o fez sentir mal ao ver cenas de violência, algo que estava até então acostumado e gostava tanto de perpetrar quanto de assistir, o Dr. Branom, colega do inventor da Terapia Ludovica (a técnica radical de controle de comportamento a que o personagem é submetido na história), assim fala: "O que está acontecendo com você agora é o que deveria acontecer com qualquer organismo humano saudável que contempla as forças do mal, o funcionamento do princípio de destruição. Estamos tornando você sadio; estamos tornando você uma pessoa saudável." (Burgess, 2019, p. 177).

No final do livro, temos a transformação forçada de Alex, que fica nauseado perante seu "eu" do passado, aquele que prezava a violência como mecânica de controle. A mudança a que Alex é submetido nos é mostrada com tamanha força que até sua linguagem se torna mais formal (normal ao leitor) à medida que o livro se desenvolve.

Essa dinâmica de mutação de uma personalidade dialoga com o que temos, como definição do senso comum, do que seria uma doença. No *Dicionário Brasileiro da Língua*

*Portuguesa*, a palavra “doença” consta como algo fora do padrão ou do esperado: alteração do estado de saúde (espiritual, mental, moral, emocional etc.) que gera abatimento, desânimo, tristeza, depressão.<sup>11</sup>

Esse debate sobre a falta de autonomia humana em um contexto de grande controle simbólico ou de uma “reprodutibilidade técnica” – para ficarmos com um conceito de Benjamin (1994) – também ressoa no livro de Huxley (1981), na discussão de como o ser humano se tornou produto e produtor de uma espécie de linha de montagem de uma fábrica, com propósitos, pensamentos, ideias e regras de comportamento que estejam de acordo com suas respectivas classes sociais. Como um exemplo, no livro *Admirável Mundo Novo*, pessoas das classes Alpha (classe líder) e Epsilon (classe trabalhadora) são intrinsecamente diferentes entre si devido à manipulação biológica e psicológica a que foram sujeitas.

O seu condicionamento tinha-o tornado mais apto a desmaiar que a encher-se de piedade com qualquer bagatela. A simples referência a doenças ou a ferimentos era para ele não apenas uma coisa apavorante, mas, sobretudo, repulsiva, e até repugnante. Como a imundície, a deformidade ou a velhice. (Huxley, 1981, p. 65).

Apesar de o autor usar a biologia e a hipnose como base na alteração humana imaginada, a mensagem do disciplinamento e da alienação das pessoas se auto justificando ao dar-lhes prazer e felicidade remete à ideia positivista da autoridade científica ou “factual”. A corrente do pensamento positivista, fundada no início do século XIX, tinha o objetivo do melhoramento da vida humana por processos científicos recém descobertos, com as evoluções da medicina e da engenharia mecânica.

Além disso, em *Admirável Mundo Novo*, o motivo dos Alphas exercerem controle direto sobre as outras castas sem os mesmos não se identificarem como malvados está na forma como o Estado Mundial justifica suas ações como moralmente “boas” ao providenciar felicidade às castas inferiores pelos trabalhos forçados impostos a elas. O livro foi publicado inicialmente em 1932, véspera da ascensão do nazismo. Na entrada do campo de concentração de Auschwitz há a seguinte inscrição: “O trabalho liberta”. A eugenia, fenômeno pseudocientífico, com grande popularidade na segunda metade do século XIX (ou seja, contemporâneo ao positivismo de Auguste Comte), pregava, exatamente, uma diferenciação de raças por critérios pretensamente biológicos, como formatos de crânio,

---

<sup>11</sup> Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?id=3Eno>

traços fisionômicos e cor da pele. Baseado nessa convicção, o nazismo construiu uma ideologia de supremacia da raça ariana em detrimento de outras etnias, sobretudo os judeus.

O filósofo pós-estruturalista Michel Foucault (2021), discorre sobre a dinâmica de poder entre as diferentes classes sociais em níveis multilaterais e como ela ocorre independente da vontade do indivíduo, podendo afetar unicamente cada pessoa no campo social, chamada de microfísica do poder, vinda do livro de mesmo nome. Segundo sua filosofia, o poder da autoridade não vinha apenas da posse de um título ou de um cargo, mas também da construção simbólica de domínios e submissões a representações de autoridade encarnadas nos indivíduos, numa constante diferenciação entre aqueles que eram “de baixo” e os que pertenceriam ao andar “de cima” nessa escala. Algo que se reproduz desde as mais poderosas relações diplomáticas entre nações até o tratamento cotidiano que dispensamos a pessoas de nossa convivência na vida familiar, profissional, escolar ou mesmo nas interações sociais aleatórias que mantemos em nosso cotidiano.

#### 2.4. O discurso moral

Por sua vez, os poderes em nome da moralidade podem ser exercidos de variadas maneiras, pela força ou por vias simbólicas, igualmente ou até mais eficazmente. Pelos últimos 1.500 anos da história da sociedade ocidental, a moralidade cristã foi usada e deturpada por líderes políticos e religiosos, como ocorreu com as Cruzadas para Jerusalém, dos séculos XI ao XII. Não é surpreendente, portanto, que a justiça e a moralidade sejam as primeiras vítimas de qualquer violência e guerra, independentemente da sua “causa justa”. A guerra em si é retratada em todos os livros que aqui vêm sendo analisados, por meios bélicos e nacionais, como em *1984* e *Tropas Estelares*, ou culturais, como em *Admirável Mundo Novo* e *Laranja Mecânica*.

*Tropas Estelares* se destaca como o mais interessante neste assunto por ser um drama militar e evoca este mesmo senso de justiça e direito para o uso violência. O próprio autor cria uma personagem, Major Reid, que faz uma grande exposição de sua visão da moralidade na guerra:

Todas as guerras surgem da pressão populacional. (Sim, mesmo as Cruzadas, embora você tenha que esmiuçar rotas de comércio, taxas de natalidade e várias outras coisas a modo de provar isso.) A moral, todas as regras morais corretas derivam do instinto de sobreviver; um comportamento moral é um comportamento de sobrevivência acima do nível do indivíduo, como no caso

do pai que morre para salvar os filhos. No entanto, vistos que a pressão populacional resulta no processo de sobrevivência por meio dos filhos, então a guerra, por resultar da pressão populacional, deriva do mesmo instinto herdado que produz todas as regras morais apropriadas para seres humanos. (Heinlein, 2015, p. 246)

Logo depois temos a explicação dessa mesma personagem com a ideia darwinista apresentada acima, usando os Aracnídeos como justificativa para a guerra, evocando as ideias fascistas de supremacia de um grupo sobre o outro. Contudo não somos apresentados ao motivo inicial da guerra, apenas com a informação de que a expansão humana nos mundos exteriores causou confrontos com os Insetos, tornando a guerra “inevitável”:

Vamos supor que a raça humana consiga equilibrar o nascimento com o número de mortes na medida exata para que ocorra em seus planetas, e, assim, se torne pacífica. O que aconteceria? Em breve (lá pela quarta-feira) os insetos chegam, eliminam essa raça que “não vai mais estudar a guerra” e o universo a esquece. O que ainda pode acontecer. Ou nos expandirmos e acabamos com os insetos, ou eles se expandem e acabam com a gente ... pois ambas as espécies são duras, inteligentes e querem as mesmas propriedades imobiliárias. (Heinlein, 2015, p. 247)

Aqui há uma discussão sobre grupos (raças, etnias, credos) que seriam superiores a outros. (algo que já abordamos acima). Esse tipo de discurso está impregnado não só nos regimes autoritários (fascistas, comunistas, capitalistas, fundamentalistas) do passado e do presente, como também transita na mentalidade de quem segue líderes messiânicos que se dizem portadores de uma espécie de mensagem divina (e moral). Esses líderes convencem seus seguidores de que há um “melhor” e um “pior” a dividir as pessoas. Aqueles que apoiam suas ideias seriam “melhores” do que aqueles que as criticam. Isso, em última instância, corrobora ou estimula ataques que pretendem eliminar o “pior”, em nome de Deus, da moral, da família ou seja lá o que for.

Na internet de hoje, não é raro encontrar quem, por algum motivos políticos, ideológicos ou ligados a comportamentos e costumes, pregue essa eliminação sob o argumento de que esse ato seria uma espécie de depuração, que as vítimas de violência seriam merecedoras das agressões, imprimindo, dessa forma, um ambiente de medo e insegurança. É sobre o medo e a insegurança que costumam vicejar os regimes de força. A questão da moral, portanto, tem desdobramentos muito mais amplos do que uma mera opinião que condene alguém ou algum ato praticado. A dinâmica de apoiar o discurso de ódio em justificativas de cunho moral é conhecida e testada, na realidade e na ficção. Os ambientes

digitais deram outra dimensão a esse problema, aproximando-o, preocupantemente, daquilo que os autores que estamos analisando preocupavam.

A mentalidade clássica colocada no pano de fundo da mensagem que *Tropas Estelares* traz é um desejo para o futuro de manutenção da supremacia dos EUA contra a República Popular da China, lembrando que a obra foi escrita em 1959 com a Guerra da Coreia recém lutada. Uma potência militar pronta para matar e morrer até o último homem – seu e do inimigo – para permanecer como potência mundial. É a lógica do “nós” contra “eles”, um tipo de choque de civilizações que, na realidade, é motivado por interesses econômicos, militares e geopolíticos.

Seus pensamentos fazem parte da escola política teórica do Realismo, muito estudada dentro da Sociologia e em Relações Internacionais, com objetivo de estudar as nações e como interagem umas com as outras, procurando explicações e contextos fora da experiência humana como a moralidade e ética, com foco em decisões estratégicas e no balanço e funcionamento de poder. Popularizada por Maquiavel com a publicação, em 1532, de *O Príncipe* (2018), subsequentemente pelos pensamentos de Thomas Hobbes, sobretudo expressos no clássico de 1651, *Leviatã* (2014).

A Moral como justa causa de violência permeia também a história moderna. A Revolução Francesa do século XVIII teve um de seus inícios as vozes de ácidos críticos jacobinos da monarquia absolutista nos tablóides da época, como Jean-Paul Marat, com seu jornal periódico *L'Ami du peuple* (Amigo do Povo), que publicava incitações de atos de violência, como assassinar o Rei – o que, de fato, acabou acontecendo em 1793, quando Luís XVI foi guilhotinado na atual Place de la Concorde, em Paris.

Marat e suas obras foram essenciais para o movimento revolucionário quanto a mobilizar a opinião popular, que derrubou a monarquia da dinastia capetiana na França, que reinava há mais de 800 anos desde sua ascensão no século X. Contudo, seu jornalismo incendiário causou atos de violência contra os chamados contra-revolucionários, sendo considerado como um dos catalisadores do Massacre de Setembro pelos membros radicais da Sociedade dos Amigos dos Direitos do Homem e do Cidadão, onde mais de 1.000 prisioneiros foram mortos na Igreja Saint-Germain-des-Prés, em Paris.

Outros revolucionários surgiram no século XX e com discursos moralistas, mas desta vez contra o imperialismo e a industrialização, Che Guevara, Fidel Castro, Lênin, Mao Tsé-Tung, Stalin, tornaram-se tão despóticos quanto seus inimigos, apesar de suas críticas contra o industrialismo e o imperialismo serem validadas. A questão da moral também foi o

combustível para a ascensão de ditadores de extrema-direita, como Adolf Hitler e Benito Mussolini, entre outros.

Filósofo da Escola de Frankfurt e crítico dos meios de comunicação, Theodor Adorno expôs em sua obra *Minima Moralia* (2017) a força do indivíduo em fazer escolhas morais próprias tanto da emoção quanto da sagacidade na decisão. Por ser um teórico marxista e foragido de seu país pelo nazismo, o autor viu a importância das pessoas tomarem posições em diálogo com a ética a partir de suas próprias visões e não baseadas em discursos populistas que introjetam sentidos do que é moral ou não atendendo interesses políticos ou mesmo psicopatias radicais, como ocorreu no próprio nazismo. Adorno também procurou entender as engrenagens sociais, simbólicas e discursivas que levaram à ascensão do nazismo no universo popular, a ponto de torná-lo abrangente e preponderante na Alemanha dos anos 1930.

Um totalitarismo que não pertenceu apenas a um país ou a uma ideologia. No livro *1984*, o Grande Irmão, juntamente com a sua revolução, foram baseados nos fatos ocorridos na Revolução Russa de 1917 e os seguintes anos de autoritarismo empreendido por Josef Stalin. O obra anterior de Orwell, *Animal Farm*, de 1945, faz alusões a eventos reais, como o Holodomor, grande genocídio pela fome criada pelo partido para diminuir sentimentos de independência na Ucrânia recém-conquistada pelos soviéticos. No capítulo VII da obra, os animais passam fome por culpa de Napoleão, o personagem em forma de porco ganancioso e líder da revolução que logo trai seus amigos para ter uma boa vida com o fazendeiro.

Ainda sobre *Animal Farm*, um dos poucos personagens humanos do romance, o fazendeiro Mr. Jones pode ser uma referência ao jornalista britânico Gareth Jones, o primeiro jornalista a reportar que o genocídio estava sendo feito. Hipótese criada pelo neto do repórter<sup>12</sup>.

Ainda sobre o tema das mudanças sociais e revoluções, o jornalismo muitas vezes serviu como canal para discursos contra o autoritarismo monárquico e aristocrático. Por esse motivo, o jornalismo foi restringido nos anos do absolutismo europeu, durante os séculos XVI ao século XIX. Com a educação mais acessível e a classe burguesa em ascensão, houve um elevado interesse por melhores direitos e constituições de políticas públicas e sociais comuns em governos democráticos. Junto a isto, o jornalismo também conseguiu florescer em nações não democráticas neste período. Mesmo com limitações, revistas e jornais tinham grande poder de fala entre as classes burguesas e dispunham de comentários políticos e econômicos.

---

<sup>12</sup> Disponível em: [https://www.garethjones.org/soviet\\_articles/farmer\\_jones.htm](https://www.garethjones.org/soviet_articles/farmer_jones.htm)

No Brasil, durante o Império houve também o surgimento das chamadas “imprensas negras”, jornais e revistas que não haviam passado pelo corpo da censura prévia estabelecida pelo governo imperial. Focadas em problemas sociais e raciais como o jornal *O Homem de Cor*, de 1833, que escreviam sobre assuntos e problemas raciais da sociedade brasileira e para a igualdade.

Em tese, o jornalismo deveria, agora mais do que nunca, desconstruir as caricaturas sem precisar tomar partido moral e emotivo dos assuntos a serem abordados. Mas com as novas tecnologias da informação e das redes e a crescente competição pela “voz da verdade”, o que era garantido se tornou um campo minado. Os consensos sem colocados em dúvida sem que haja a menor base para isso e a informação apurada, checada, que respeita princípios de dar voz ao contraditório, passou a ser fustigada porque não atende convicções e até mesmo crenças de grupos contaminados com o discurso da pós-verdade.

Vale acrescentar também que apesar de pertencerem ao espectro do fantástico, as obras de ficção científica foram feitas e baseadas sobre estudos e reflexões dos sistemas estatais e sociais da nossa realidade, como o Nacional Socialismo, de Hitler, o comunismo autoritário de Stalin e Mao Tsé-Tung e o sistema capitalista e industrial americano de Ford.

Em *Tropas Estelares*, sempre somos apresentados aos militares como os defensores da humanidade, mesmo não sabendo as reais intenções dos Aracnídeos ou mesmo a causa da guerra, em *Laranja Mecânica* temos a estereotipização de pessoas criminosas e de gangues. A partir das caricaturas apresentadas podemos ser menos justos e lenientes nas decisões morais e de mostrar empatia e compaixão.

## 2.5. Os desafios diante da distopia

As novas tecnologias da informação nos apresentam um dos maiores desafios da idade moderna pelo seu descontrole da consciência humana e de suas produções, e da resistência das empresas capitalistas deste ramo, chamadas de Big Techs, em se autorregularem ou em aceitarem qualquer tipo de regulação externa. Talvez, a conexão massiva entre indivíduos, culturas e ideias seja o grande filtro que o físico Michael Hart nos apresenta em seu famoso Paradoxo de Fermi<sup>13</sup> acerca da evolução das espécies inteligentes em se recuperar e se manter firmes em si mesmas para avançar na sociedade, e pela falta de contato da humanidade com elas, sugestionando que a vida inteligente no universo não é uma regra, e sim exceção.

---

<sup>13</sup> Disponível em: <https://adsabs.harvard.edu/full/1975OJRAS..16..128H>

A partir disso, teremos que voltar a nos perguntar o papel do jornalismo dentro da própria democracia inserida nesses contextos de forte instabilidade, de dúvidas e de alteração de paradigmas, e como ele pode contribuir para uma sociedade mais empática consigo mesma, entre seus integrantes e quem com eles se relacionam. Temos esta frase de Gil Batista, graduado em comunicação social na faculdade de Coimbra, em Portugal, que nos coloca um ponto de vista.

O lugar e as funções do jornalismo – e deste modelo particular de jornalismo – no contexto de uma sociedade democrática é, sobretudo, identificar que contribuição efectiva podem as práticas discursivas que permeiam o jornalismo, entendido numa perspectiva mais alta, trazer à política contemporânea. (Batista, 2011, p. 8)

Aqui temos o papel mais importante de como a nossa profissão deve se portar além do dever primordial de informar. O jornalismo deve aproximar a política das pessoas, trazendo indagações, pontos de vista divergentes. Sua função como mediador é a desalienação da sociedade e de como ela vê a si mesma, não adentrando em julgamentos morais, mas defendendo os direitos das pessoas. É importante recordar que nas sociedades distópicas previstas nos livros aqui em análise, as pessoas estão fora da política, cumprindo apenas o papel de servir ao poder de plantão, mas sem interferir efetivamente nele. São sociedades em que a maior parte das pessoas é proibida de fazer e estar na política.

Um dos motivos que temos que considerar é o porque essa parcela da população pensa desta forma alienada, que odeia a política e caminha cada vez mais perto do extremismo, e uma das possíveis respostas é que o jornalismo falhou em seu dever com a democracia e vem falhando. O clima apático com a política vem se tornando um movimento antipolítica, o que dá poder a ditadores e autoritários, como diz Stanley (2018):

A política fascista substitui o debate fundamentado por medo e raiva. Quando é bem-sucedida, seu público fica com uma sensação de perda e desestabilização, um poço de desconfiança e raiva contra aqueles que, segundo foi dito, são responsáveis por essa perda. ... Mentiras óbvias e repetidas fazem parte do processo pelo qual a política fascista destrói o espaço da informação. Um líder fascista pode substituir a verdade pelo poder, chegando a mentir de forma inconsequente. (Stanley, 2018, p. 21)

Um dos grandes exemplos recentes que foi alimentado pelos noticiários brasileiros foi o impeachment da então Presidenta da República Dilma Rousseff. As maiores empresas de comunicação do País apoiaram fortemente os atos de juízes, procuradores e políticos que buscavam a destituição, a qualquer preço, do grupo que estava no poder, mas se esqueceram

que, ao invés disso, deveriam ter apenas noticiado o conflito que se desenrolava, não exatamente influenciando em seu desfecho. Com isso, acabaram por fazer “propaganda” para uma extrema-direita moralista e radical, que tinha, na verdade, pretensões golpistas contra a própria democracia e que, uma vez no poder, não hesitaram em atacar violentamente a própria imprensa.

No jornalismo moderno e dentro de uma sociedade na ideologia econômica do capitalismo, a imprensa é apenas mais uma companhia privada com valores de lucro máximo, como Cremilda Medina coloca em *Notícia: um produto à venda* (1998). Nós temos conglomerados de mídias que nos oferecem a venda do entretenimento e da verdade, dois produtos com ideais opostos, sobrepostos muitas vezes no mesmo canal e se misturando ostensivamente. A diferença de fases anteriores do jornalismo e agora, com o advento e domínio das plataformas virtuais, é que o controle que os veículos tinham sobre a informação que chegava ao público, constituindo-se quase num monopólio, está muito mais diluído. Agora, esse poderio foi transferido não exatamente para os “novos produtores de conteúdo”, que poucas vezes observam regras básicas da boa apuração jornalística, mas para as plataformas que controlam o fluxo dessa informação, não raramente por meio de algoritmos em que a prioridade absoluta é o maior fluxo de audiência, mesmo que preceitos éticos precisem ser atropelados nesta operação.

Hoje temos nos canais, sites, perfis em redes sociais, como o Twitter, Facebook, Instagram ou Tik Tok, montanhas de informações e dados que se misturam e se conectam, às vezes de maneira desordenada e propositadamente cumulativa, no mesmo ciberespaço, em que a informação jornalística se confunde com o dados conteúdos privados ou sem relevância, com anúncios e fake news. Isso leva a uma espécie de caos organizado por algoritmos que chega às telas dos consumidores, que passam a não ter condições de aferir a qualidade daquilo a que estão sendo expostos de maneira massiva. Verdades e mentiras entram em uma simbiose, em que a reputações e versões dos fatos podem ser refeitos num instante, de acordo com interesses políticos e econômicos que quase nunca se revelam totalmente, sobre os quais há pouco ou nenhum controle. Já temos, desse modo, uma espécie de distopia, não exatamente nos moldes com que os autores que ficcionalizaram o futuro imaginaram, com um Estado soberano impondo regras irreduzíveis, mas com empresas de tecnologia ditando comportamentos, hábitos de consumo e, como temos visto em diversos casos recentes, desestabilizando regimes de países (podemos citar Brasil e Estados Unidos como exemplos) e inoculando desconfianças e inverdades em seus bilhões de consumidores.

Como dito anteriormente, a competição pela atenção e pela aderência submete os conglomerados a novas organizações de renda que seus modelos de negócio podem gerar. Essa configuração pode criar dicotomias entre os valores éticos do ethos jornalístico (Traquina, 2014) com os interesses comerciais ou políticos dos proprietários das empresas que produzem esses discursos informativos. A ideologia capitalista, que busca que seus produtos sejam “mais lucrativos possível para todos”, não raramente entram em choque valores morais e éticos do jornalismo. Traquina (2014) menciona tal efeito na sua teoria de valor-notícia, está tendo mais peso na redação e no editorial do que outras informações.

Mas ideologicamente a notícia não deveria ter valor monetário, então o que é vendido para as massas radicalizadas na forma de fake news? O Horror. Narrativas falsas que instigam o ódio e o medo diante da mudança, como famílias sendo destruídas pelas ideologias de gênero, uma então “grande” nação se corrompendo e aderindo ao “comunismo vizinho”.

O que mais encontramos nas comunidades radicalizadas são essas teorias da conspiração, alimentando o horror mostrado acima, que através de uma vestimenta de notícia manipulam as massas sugestionadas a acreditar na mentira pelo simples fato de se parecer com uma, como um raciocínio abduativo. Similarmente, existe na cultura inglesa o Duck Test (Teste do Pato), que diz respeito a que uma pessoa consiga saber a natureza de algo desconhecido apenas por ver as suas características. O ditado segue: “Se parece com um pato, nada como um pato e grasna como um pato, então provavelmente é um pato.” Este ditado, bem como sua aparente falta de um senso crítico, foi usado humoristicamente em *Monty Python e o Cálice Sagrado* (1975).

Em uma analogia com as fake news: “Se parece como uma notícia, fala como uma notícia, e se veste como uma notícia, então é verdade.” Por mais humorístico que seja, este “teste” foi usado por Richard Cunningham Patterson, embaixador dos Estados Unidos na Guatemala em 1950 para descrever o governo do país de comunista, logo antes de a CIA fazer seu primeiro golpe de estado no continente americano.

Este uso indevido e abuso da informação nem sempre verdadeira — o que, por consequência, contamina a apreensão social do próprio discurso noticioso — nos leva a um ambiente onde cada vez mais elementos distópicos se apresentam. Realidade e ficção têm suas fronteiras borradas, fazendo com que contextos que pareciam pertencer apenas a livros que imaginavam o futuro passem a ser, de certa forma, vivenciados nos ambientes digitais. No capítulo seguinte, vamos abordar alguns desses casos em que a ficção científica dos autores analisados está, de certa maneira, se concretizando na nossa contemporaneidade.

### 3. Capítulo 2

A partir das discussões teóricas já feitas e das obras literárias selecionadas para a presente reflexão, iremos realizar uma análise comparativa das obras de ficção-científica distópica com o ambiente comunicativo das redes sociais e como o jornalismo pode influenciar e lutar contra este cenário. Iremos tomar para essa tarefa histórias da narração e construção de mundos alternativos que a ficção científica imagina e perceber, por meio de comparações com determinados tipos de discursos e comportamentos, possíveis analogias e semelhanças encontradas atualmente no ambiente digital, sobretudo nas redes sociais. A partir disso poderemos discutir mais objetivamente sobre as questões tratadas nos livros enquanto traçamos um paralelo com a nossa realidade e seus desafios, sobretudo no campo da comunicação, considerando aproximações dos contextos atuais com criações literárias que poderiam ser tidas apenas como devaneios de seus autores, mas que, incrivelmente, têm se revelado verdadeiras profecias quanto a um futuro que agora se nos apresenta de maneira extremamente complexa.

Este capítulo, portanto, está organizado no sentido de destacarmos os processos e as convergências entre nossa realidade nos ambientes comunicacionais digitais e as obras que nos servirão de parâmetros para o debate, quais sejam, *1984*, de George Orwell (2020), *Tropas Estelares*, de Robert Heinlein (2015), *Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley (1981), e *Laranja Mecânica*, de Anthony Burgess (2019). Cada qual a seu modo, elas nos possibilitará perceber dinâmicas coincidentes que se referem a algumas categorias discursivas e conceitos sociais que se fazem presentes, também em seus respectivos contextos e alcances, nos ambientes digitais, tendo grande interface com o jornalismo. Por essa razão, este capítulo analítico da monografia está dividido em três partes principais, que dialogam com questões centrais nos enredos dos romances e que, de alguma maneira, estão projetadas também nas lógicas comunicacionais que atualmente se fazem tão presentes em nossas vidas por meio das novas tecnologias. Esses processos se referem a: **condicionamento e disciplina; discurso de ódio e violência; e busca da felicidade.**

Para cada uma dessas divisões, teremos um debate prévio, trazendo como elas são abordadas nas obras literárias para, em seguida, num segundo momento, apontar exemplos de como as mesmas dinâmicas, com as respectivas adaptações, mas conservando o cerne das ideias que envolvem tais tipos de conteúdo, podem ser encontradas nas redes sociais digitais e

de seus impactos para a comunicação em geral e para o jornalismo em particular. Poderemos averiguar, assim, que os livros contemplam esses tópicos de uma maneira distópica, mas que nessa distopia há similaridades inquietantes com o mundo no qual vivemos hoje, sobretudo quando pensamos no universo virtual, foco de nosso olhar na pesquisa. Não vamos nos concentrar em um episódio ou outro, uma vez que não estamos aqui realizando estudos de caso, mas sim buscar gotejamentos que nos permitam trazer para o debate as proximidades inquietantes que podem ser confirmadas entre mundos fictícios em que regras sociais ou são abolidas ou terrivelmente submetidas a ideais autoritários com muitos eventos e diversas posturas que podemos localizar, até com certa facilidade, nos ambientes digitais que também, à sua maneira, fomentam posições e atitudes bastante problemáticas.

No que concerne ao condicionamento e à disciplina, poderemos perceber que nos enredos dos livros analisados, há um esforço constante de controlar o pensamento da população, incutindo idéias que passam a ser aceitas sem contestação ou mesmo fazendo com as pessoas experimentos para que elas tenham um comportamento absolutamente domesticado em prol dos interesses de poderosos. Nas redes sociais de hoje, há mecanismos que também buscam monopolizar o pensamento de grandes contingentes, lançando mão, igualmente, de inserção de ideais que visam, por meio de estratégias comunicacionais eficientes mas maquiavélicas, direcionar corações e mentes em prol de determinadas ideologias. Já quanto ao discurso de ódio e violência, esses pontos são centrais em vários dos romances de ficção científica abordados e se mostram onipresentes nas redes sociais atuais, com uma disseminação descontrolada de tais conteúdos, fomentando polêmicas, discórdia e chegando a consequências mais graves, como ameaças ou mesmo atos concretos contra determinados grupos. Por fim, a busca da felicidade, promessa de mundos distópicos que usam esse mote para exercer controle e retirar leituras críticas, é também algo comum em nossos ambientes digitais, uma vez que as pessoas que mais transitam por eles parecem não suportar ser confrontadas com frustrações e negativas, preferindo criar universos fictícios em que se colocam como donas absolutas desses espaços, sem se preocuparem com negativas e sempre ostentando uma alegria que, muitas vezes, é fabricada.

### 3.1. A distopia nossa de cada dia

#### 3.1.1. Disciplinar para controlar

O condicionamento social como ciência é uma área relativamente recente do conhecimento humano, que dialoga com a Psicologia e que advém, em uma de suas linhas mais influentes, das pesquisas de Ivan Pavlov sobre o condicionamento psicológico realizado em animais (1927), que fez experimentos sobre se certas ações resultam em uma reação automática. Pavlov, ao fazer o cão salivar pelo sino, buscava condicioná-lo para uma reação automática. Seus alcances na sociedade já são estudados e debatidos há algum tempo em áreas acadêmicas como a Psicologia, Sociologia e Direito, como parte do processo de doutrinação dos indivíduos, como foi exposto pelo professor de direito criminalista da Universidade do Alabama Adam Lankford em seu livro *Human Killing Machines: Systematic Indoctrination in Iran, Nazi Germany, Al Qaeda, and Abu Ghraib* (2010). Podemos afirmar que a forma como o condicionamento social se dá há milhares de anos na história humana é através da disciplina dos grupos sociais diante dos seus integrantes.

A forma como uma sociedade se comporta, se expressa, se disciplina, pode nos dizer muito sobre como ela é por dentro e por fora. Durante anos, antropólogos e historiadores estudaram estes fatores para arquivar as histórias das pessoas e suas marcas. Segundo a Teoria Crítica (Horkheimer e Cohn, 2019), podemos analisá-las melhor sabendo de seus pensamentos e como se organizam, seus respectivos contratos sociais (Rousseau, 2018) e como resolver seus problemas de desigualdade.

Contudo, com a virada do milênio, possuímos agora um novo tipo de ordem social. Como diz Henry Jenkins (2015), uma sociedade conectada num mundo não-real com potencialidades para afetar o real, que converge nela e para ela e dali tira seu próprio poder simbólico (Bourdieu, 2011). São contextos mais gerais nos quais o ser humano se expressa, constrói laços sociais e, a partir deles, produz e estabelece relações e conteúdos.

Como mostrado acima por Vicz (2014), nas duas últimas décadas já há estudos que também exploram os mundos intangíveis dos dados digitais, do universo virtual para onde, ao que tudo indica, as relações sociais estão migrando em grande velocidade, estabelecendo novas formas de as pessoas interagirem entre si e com o mundo ao seu redor, em uma nova era de troca de potencialidades. Estaríamos, assim, diante de uma indústria cultural (Adorno, 2020), com produções massivas e padronizadas de conteúdos e também de ideias, mas agora não apenas como consumidores passivos, numa única direção informacional, mas também como produtores ativos desses conteúdos. E, especialmente, estamos numa nova era destes mundos digitais, na qual as potencialidades não apenas tratam da indústria cultural, mas também manipulam a informação e disseminam suas meias verdades, condicionando cada vez mais os leitores não-críticos às suas desinformações e fake news.

Para alcançarem esses objetivos, aqueles que podem manejar esse jogo de informações, mobilizando afetos e recepções da forma que lhes seja mais conveniente, usam-se métodos rigorosos de disciplina e condicionamento para transformar expressivos contingentes em soldados prontos para lutar na guerra ideológica. Essa nova fronteira da manipulação, tão disseminada hoje em redes sociais, aplicativos de mensagens e canais de comunicação que emulam o jornalismo profissional, encontra paralelos com as obras literárias aqui abordadas e com as formas com as quais exploram o medo, a raiva, a esperança e até os preconceitos do cidadão comum.

### **3.1.1.1. Câmaras de Eco e polarização**

Câmaras de Eco se referem a um conceito da Psicologia e da Sociologia em que determinado grupo de pessoas com os mesmos vieses ideológicos, opiniões, preconceitos possuem mais chances de criar um vínculo e formarem “bolhas sociais”. Nesse ecossistema fechado, seus discursos validam e reforçam suas próprias crenças pré-existentes, polarizando seus membros para os extremismos e radicalização.<sup>14</sup>

Esses ambientes fechados abafam as informações vindas de fora e qualquer ideia, tema ou debate que nelas sejam inseridos precisam estar condicionados a seguir seus valores e crenças sem o menor atrito social. Com a popularização das novas tecnologias da informação, essas bolhas se tornaram cada vez mais comuns e mais difíceis de romper. As tentativas no sentido de “furar as bolhas” costumam ser feitas pelo jornalismo, que tem como uma de suas premissas básicas buscar o contraditório, ouvindo todos os lados envolvidos em controvérsias, debates e episódios a que dá publicidade.

Até o advento da era digital, o jornalismo tinha o monopólio da informação e da notícia. A linha editorial de cada veículo guiava o discurso a ser apresentado, mas o trabalho passava por um corpo sólido de profissionais. No fim da primeira década do século XXI, esse monopólio se desfez com a chegada das redes sociais, aliadas a uma hiperconexão da sociedade que tem se mostrado um desafio em toda a área da Comunicação.

Como consequência, a procura pela imprensa assim como a confiança nela despencaram. De acordo com o Relatório sobre Notícias Digitais de 2022, elaborado pelo Reuters Institute<sup>15</sup>, desde 2015 até o ano passado, a confiança nos meios de comunicação tradicionais, que chegava a 82% na população brasileira, caiu abruptamente para 57%. Outro

---

<sup>14</sup> Disponível em: <https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/us/definition/english/echo-chamber>

<sup>15</sup> Disponível em: [https://static.poder360.com.br/2022/07/Digital\\_News-Report\\_2022.pdf](https://static.poder360.com.br/2022/07/Digital_News-Report_2022.pdf) (p.12)

dados preocupante é que a média mundial de confiança no jornalismo é de apenas 40%, enquanto as redes sociais possuem 60% da preferência como fonte de informação. Felizmente a média brasileira de confiança na imprensa se mantém acima da mundial, que é de apenas 42%. Ainda assim, ironicamente, a confiança no WhatsApp é maior, com 53% da população confiando na informação que recebe por meio desse aplicativo de mensagem, mesmo sendo essa uma das vias mais conhecidas de disseminação de fake news e mentiras com fins políticos.

Como Eli Pariser, ativista para a democratização da tecnologia e da informação e autor do livro *Os Filtros de Bolha: como a nova Web personalizada está mudando o que lemos e como pensamos* (2012), coloca em seu TED Talk de 2011 *Cuidado com as Câmaras de Filtro*<sup>16</sup>, a internet e as redes sociais estão superdimensionando esses processos e essas mudanças das percepções sociais através dos algoritmos que as comandam, fazendo com que o discurso oposto ao seu viés seja “vaporizado” da rede social usada por cada um de nós ao mesmo tempo em que há um abastecimento incessante de conteúdos que vêm confirmar os vieses com os quais já nos identificamos. Através da manipulação do discurso pelos algoritmos, as redes sociais estão abrigoando cada vez mais pessoas com os mesmos tipos de pensamento, agrupando-os em comunidades fechadas, sem porosidade para ideias divergentes e para debates dialéticos, eliminando possibilidades de discussão de divergências.

Na prática, o que as seleções dos conteúdos que consumimos por meio de algoritmos faz é criar câmaras de eco superinflacionadas, servindo como filtro para as crenças do usuário, inundando o usuário das redes de sua própria “verdade”. Evidentemente que esse modelo de organização e recepção das informações estimula uma polarização cada vez mais radicalizada, uma vez que as pessoas não têm mais a oportunidade ou mesmo a disposição de debater a discordância. Aquele que diverge passa a ser encarado como um inimigo, alguém “de fora” da bolha, um estranho que não merece crédito e que incomoda, talvez até um indivíduo que precisa ser eliminado. Na verdade, ele já foi “eliminado” de sua convivência, de seu pensamento e de sua forma de pensar. Ele já não serve para estabelecer ou manter relações sociais. É uma dessocialização que se reproduz de maneira constante, deslegitimando o discordante como um interlocutor capaz de estabelecer trocas razoáveis.

### **3.1.1.2. Modelo distópico do isolamento**

---

<sup>16</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=B8ofWfx525s>

Quando trazemos os livros em análise para esse debate, percebemos que a distopia que seus enredos trazem podem dialogar facilmente com esses processos de isolamento em bolhas que vivemos hoje nos ambientes digitais, com repercussões em nossa vida social concreta. Em *Tropas Estelares*, Heinlein (2015) imagina a Federação Terrana, que apesar de ser utópica dentro dos valores da lógica daquele universo criado, é extremamente distópica com sua execução como mecânica de governo, funcionando à base de estratocracia, onde os militares mantêm o poder como os mais sábios e responsáveis dos grupos sociais. É extremamente autoritária e fascista também, com seu discurso em que não podem existir outros partidos, sem liberdade de imprensa e expressão. Um cenário de isolamento a qualquer ideia que possa se mostrar controversa ou polêmica, vedando completamente o debate.

A todo momento, o romance de ficção científica de Heinlein (2015) tenta nos convencer que esta sociedade unilateral e moralmente cruel seria a escolha certa para o futuro da humanidade, citando ser necessária para controlar e guiar a humanidade entre as estrelas. Como diz o economista James Gifford, atual Chefe de Sustentabilidade e Consultoria de Impacto no Credit Suisse, em seu artigo *A Natureza do “Serviço Federal” em Tropas Estelares de Robert A. Heinlein (2006)*<sup>17</sup>:

Uma das obras não impressas anteriormente é um anúncio de jornal para a "Patrick Henry League", criada por Heinlein e sua esposa para aumentar o apoio para o programa de testes nucleares dos EUA (parado pelo Presidente estadunidense Eisenhower). ... Eisenhower suspendeu os testes nucleares. Pouco tempo depois, a União Soviética ignorou sua promessa (de também suspender seus testes nucleares) e retomou com algumas das maiores e mais “sujas” armas já detonadas. Heinlein ficou furioso. Ele parou de trabalhar no romance que se tornaria *Um Estranho Numa Terra Estranha* (2017), e escreveu *Tropas Estelares* (2015), em uma fúria ardente. Como a maioria de seus romances, foi concluído em poucas semanas.

Vale lembrar que Heinlein nunca expressou diretamente que um modelo de governo fascista seria o ideal, a melhor forma de organização social ou de controle, apenas que o poder deveria ser controlado por pessoas aptas e com sabedoria e responsabilidade para usá-lo. Em 1980, Heinlein lançou uma coletânea de contos chamado *Expanded Universe* (2005) (Universo Expandido), entre os quais alguns exploram seus livros passados e dão mais contextos as suas obras. Em *Tropas Estelares*, o autor discute que muito do Serviço Federal é feito por servidores públicos e não militares necessariamente, compondo o serviço militar como 5% do Serviço Federal.

---

<sup>17</sup> Disponível em: <http://www.nitrosyncretic.com/rah/ftp/fedrlsvc.pdf>

Seu livro e contextos são a antítese de *1984* (2020), enquanto Orwell o escreveu para criticar os governos ditatoriais da esquerda, Heinlein escreveu para criticar as ineficiências da democracia e sobre o futuro perigo de um comunismo realizado.

Na obra, quando os humanos invadem o planeta natal dos insetos, a operação inteira é um fiasco militar, pois os líderes subestimaram as capacidades dos inimigos, que até então na obra não sabiam da organização dos Aracnídeos. Em uma das páginas sobre as falhas da batalha e do perigo do comunismo (citado nominalmente no livro, demonstrando claramente a quem endereçava sua alegoria), Heinlein escreveu:

Cada vez que matávamos mil insetos ao custo de um homem da Infantaria Móvel, era uma vitória líquida para eles. Estávamos aprendendo, as duras custas, quanto um comunismo total pode ser eficiente quando usado por uma espécie efetivamente adaptada para isso na evolução; os comissários dos insetos não se importam mais sobre gastar insetos do que nós sobre gastar munição. (2015, p. 205).

Na obra de *Tropas Estelares*, a humanidade e seus grupos sociais são encarados como espécies num ambiente evolucionário. Há de se ter um vencedor e um perdedor ao longo da história, e a cultura e a informação podem funcionar como genes a uma sociedade, através da linguagem. Por meio desse militarismo, com a ideologia reinante de que se está numa corrida evolucionária, que o enredo do romance de Heinlein aponta para os perigos de uma forma de governo que não admite o debate público, impondo uma única forma de pensar pela qual há um “nós” contra “eles”. É a ideologia do confronto e da supremacia, não a da convivência entre diferentes. Nas redes sociais de hoje, esse tipo de raciocínio é muito comum. No interior das bolhas, das “câmaras de eco” – lembrando que o eco é efeito sonoro em que conseguimos ouvir a repetição de nossa própria voz –, não há espaço para a escuta de outrem. Trata-se de uma lógica do “eu acredito”, o que se realiza dentro de uma estrutura individualista e presunçosa sobre seus próprios “saberes”.

Essa ideia de informação que adere a psique de seres humanos está na origem da própria palavra “meme”, que foi cunhada pelo biólogo Richard Dawkins (2007), em 1976, no seu livro *O gene egoísta* (2007), que analisa a teoria evolucionista inclusive na cultura humana. Dawkins (2007), acredita que a cultura e informação teriam propriedades evolutivas, e uma unidade de informação seria análoga a um gene, daí a palavra meme. A informação ou ideia que melhor aderisse e se adapta nas cabeças dos indivíduos iria ser aquela propagada pela história.

O novo caldo é o caldo da cultura humana. Precisamos de um nome para o novo replicador, um substantivo que transmita a idéia de uma unidade de transmissão cultural, ou uma unidade de imitação. "Mimeme" provém de uma raiz grega adequada, mas quero um monossílabo que soe um pouco como "gene". Espero que meus amigos helenistas me perdoem se eu abreviar mimeme para *meme*. ... Exemplos de memes são melodias, idéias, "slogans", modas do vestuário, maneiras de fazer potes ou de construir arcos. Da mesma forma como os genes se propagam no "fundo" pulando de corpo para corpo através dos espermatozóides ou dos óvulos, da mesma maneira os memes propagam-se no "fundo" de memes pulando de cérebro para cérebro por meio de um processo que pode ser chamado, no sentido amplo, de imitação. (Dawkins, 2007, p. 112)

Uma das formas já discutidas é o controle da narrativa e do contexto em que ela é produzida, e porventura como ela é imitada. Esses grupos criam histórias simples (mitos) e reconfortantes, baseadas muitas vezes na dicotomia entre "o bem e o mal" para sustentar suas crenças ideológicas. Este movimento fascista serve para disseminar o medo e desespero entre os integrantes para deixá-los mais submissos às ideias acalentadoras e doutriná-los dentro destes grupos sociais como uma possessão ideológica. Como Stanley (2018), pondera em seu livro *Como funciona o fascismo: é a política do "nós" contra "eles"*.

Quando a propaganda política (fascista) consegue distorcer ideais fazendo-os voltarem-se contra si mesmos e as universidades são solapadas e condenadas como fontes de preconceito, a própria realidade é posta em dúvida. A política fascista substitui o debate fundamentado por medo e raiva. Quando é bem-sucedida, seu público fica com uma sensação de perda e desestabilização, um poço de desconfiança e raiva contra aqueles que, segundo foi dito, são responsáveis por essa perda. (Stanley, 2018, p. 53)

No livro *1984*, de George Orwell (2020), temos o condicionamento da classe partidária contra outros grupos sociais, através da manipulação do Grande Irmão e da ideologia revolucionária. No enredo, os partidários se sentem no direito de escolher o que é melhor para eles, a nação, e para os outros. A disciplina desta classe diante o partido dá-se com a instituição de vários mecanismos, como os dois minutos de ódio e a delação sem fiscalização resultando na prisão pela polícia das ideias.

Em *Laranja Mecânica*, vemos um Reino Unido falido em questões econômicas e sociais, passando por sua crise econômica nos anos 1960, e gerando os novos ideais da revolução cultural decorrente do pós-guerra. Naquele momento, havia na Inglaterra os Rockers e o Mods, dois grupos culturais distintos com valores e gostos diferentes, com muita animosidade entre eles. Era comum gangues de ambos os lados colidirem, com consequências

imprevisíveis como ocorreu na chamada Segunda Batalha Hastings em 1964<sup>18</sup>. No livro, o personagem Alex lê uma revista, *A Gazeta*, que falava, como de costume, sobre ultraviolência, assalto a bancos, greves e jogadores de futebol, deixando todo mundo paralisado de medo de não jogarem sábado caso não recebam salários maiores (Burgess, 2019, p. 93).

Ele vivia também em sua bolha, condicionando seus pensamentos apenas para aquele universo, não se abrindo para outras perspectivas e, assim, se radicalizando ainda mais. Ele é um emblema de como o reforço incessante de determinados discursos podem fazer com que o indivíduo perca parâmetros éticos em nome de crenças e convicções que podem ser extremamente danosas, para ele e para quem o rodeia. O aparecimento de mais e mais grupos extremistas nas redes sociais, muito senhores de seus planos e seus ideais, aponta para algo muito próximo a esse personagem criado por Burgess, até mesmo nos atos de indizível violência que são capazes de praticar.

Tal ambiente de animosidade e conflito constante, com rachaduras nas estruturas sociais que acarretavam agressões, atentados e toda sorte de delitos, revela uma organização social em convulsão, com polarizações que não admitem conviver entre si e que tentam eliminar as dissonâncias, muitas vezes pelo caminho da violência. Uma violência que pode ser física, como no caso das gangues inglesas, cujo comportamento Burgess (2019) transplantou para os personagens de *Laranja Mecânica*, mas também simbólica, algo que vemos recorrentemente nas redes sociais, com publicações que trazem embutidas ideologias que não permitem discordâncias e que tentam se impor por meio de intimidações, ameaças e ofensas, algo que pode ser facilmente percebido nas correntes de extrema-direita, neofascistas ou neonazistas, de supremacia branca ou xenófobas que se espalham por todas as plataformas digitais, sem que legislações, autoridades e sociedade civil consigam coibir essa marcha.

Devido ao fato de o mundo virtual reter e prover fácil acesso a conteúdos que não necessitam de atenção, como conflitos pequenos e individuais ou pessoais, disseminação de mentiras e notícias falsas, banalidades e recompensa de ações puramente egoístas em benefício próprio como o surgimento da classe de influenciadores (influencers) das redes sociais, há uma disfunção que parece se propagar pelos meios de comunicação atuais, um tanto desorientados sobre quais caminhos devem tomar. Estas questões se enchem no mar infinito das redes sociais, muita informação, mas sem nenhum contexto.

---

<sup>18</sup> Disponível em:  
<https://www.ellieandco.co.uk/2019/02/mods-vs-rockers-in-the-battle-of-brighton-beach-1964.html>

Novamente, o papel exercido pelas novas plataformas digitais, sejam redes sociais, sejam aplicativos de mensagens, é de grande protagonismo nesse processo, já que esses espaços servem de terreno fértil para a propagação de desinformação, mentiras e teorias conspiratórias, com consequências funestas, como o aumento do negacionismo à ciência – os movimentos antivacina são provas disso – e um apoio cada vez maior a líderes autocráticos, seguidos como se fossem verdadeiros deuses, aumentando os riscos de rupturas institucionais e ampliando a intolerância a grupos minoritários e mesmo ataques a religiões.

Essa dinâmica tem, também, trazido desafios árduos para o jornalismo profissional, confrontado com crises de credibilidade e em seus modelos de negócio, tendo que concorrer com produtores de conteúdo que não possuem qualquer tipo de limite ético, que não se importam com checagens e comprovações, mas que arregimentaram volumosas audiências, entregando a consideráveis contingentes de pessoas exatamente o que “querem” que seja verdade, informações que se coadunem com suas convicções prévias. Com isso, morre o espírito crítico – objetivos tão patentes nos regimes totalitários de *1984* e *Admirável Mundo Novo*, por exemplo –, facilitando a abordagem de ditadores e autocratas junto a grandes massas, mais dóceis e desinformadas, desacostumadas a praticar um pensamento autônomo.

Temas que prendem mais a atenção dos telespectadores como crimes, guerras, depravação, geram mais renda e engajamento, promovendo o crescimento econômico e lucrativo. Contudo, este ciclo vicioso pode ser danoso. Stuart Soroka, Patrick Fournier, e Lilach Nir<sup>19</sup> (2019), cientistas políticos e especialistas em comunicação, fizeram uma contextualização deste efeito no jornalismo, em que as notícias mais negativas rendem mais que as positivas, por isso a quantidade das primeiras é maior que a das segundas. Contudo, segundo esse estudo, os efeitos psicossociais de uma pessoa que consome muitas notícias negativas podem ser deletérios, pois a condicionam a ser mais cínica e negativa na sua vida social.

### **3.1.1.3. Projeção da ficção na realidade**

Contemplando os diversos eventos que denotam que os enredos distópicos de Huxley, Burgess, Heinlein e Orwell já não estão tão distantes de comportamentos que podem ser encontrados no universo virtual, norteados muitos aspectos de nossa existência, inserindo-nos

---

<sup>19</sup> Disponível em: <https://www.pnas.org/doi/10.1073/pnas.1908369116>

em outras lógicas sociais e lançando desafios para áreas sensíveis a essas transformações, como é o caso do jornalismo.

Quanto ao condicionamento social e o mecanismo de controle, fazendo um paralelo, principalmente, entre o livro *1984*, de George Orwell (2020) e a realidade que o jornalismo encontra hoje nos ambientes digitais, podemos perceber essa aproximação. A forma como esses elementos são introduzidos dá-se na alienação dos indivíduos perante os grupos de poder vigentes, nos quais o pensamento próprio é terceirizado a serviço de outro. Em *1984*, o outro é representado no Partido e a figura messiânica do Grande Irmão, que promete segurança e estabilidade a apenas aqueles que se juntarem a ele, é predominante. E como nas pesquisas de Pavlov (1927), mencionadas nas discussões teóricas anteriores, a receita se dá no reforço de estímulos automáticos do cérebro humano. Nas primeiras cenas dos dois minutos de ódio temos:

[...] o rosto de um soldado eurasiático que parecia avançar, imenso e terrível, metralhadora roncando, como se pretendesse saltar para fora da superfície da tela, de modo que algumas pessoas sentadas na primeira fila se inclinaram para trás nos assentos. No mesmo instante, porém, a todos os presentes a suspirar aliviado, o personagem hostil desapareceu para dar lugar ao rosto do Grande Irmão, ... cheio de força e misteriosa calma, e tão imenso que quase enchia a tela inteira.” (Orwell, 2020, p. 26)

A manipulação dos sentimentos como medo foi a forma como o Partido conseguiu colocar os seus súditos na linha, pois o oposto seria a morte mais horrível nas mãos do inimigo. Assim como uma hipnose, a promessa de segurança em um mundo caótico devastado por guerras sem fim foi a maneira pela qual o controle das massas se deu. Esta retórica foi usada por Hitler em 1933 na sua primeira fala nos rádios após se tornar o Chanceler da Alemanha:

Começando pela família, e incluindo todas as noções de honra e lealdade, nação e pátria, cultura e economia, até mesmo os fundamentos eternos de nossa moral e nossa fé – nada é poupado por essa ideologia negativa e totalmente destrutiva. . . . Um ano de bolchevismo destruiria a Alemanha. As áreas mais ricas e belas da civilização mundial seriam transformadas em caos e um amontoado de ruínas. Mesmo a miséria da última década e meia não pode ser comparada com a aflição de uma Europa em cujo coração a bandeira vermelha da destruição foi plantada.<sup>20</sup>

Através desta manipulação de sentidos e sentimentos promovendo medo e discórdia e ao mesmo tempo elevando o povo alemão a um alto valor, Hitler convenceu as massas da

---

<sup>20</sup> Disponível em: <https://www.facinghistory.org/resource-library/hitlers-first-radio-address>

unificação e da superioridade da “raça” alemã e da destruição de tudo aquilo diferente. Stanley (2018), em seu livro *Como Funciona o Fascismo*, aponta que a política do “nós” e “eles” reflete sobre a construção de um passado mítico, puro e glorioso, que foi perdido com a globalização e novas reformas sociais.

Numa sociedade fascista, o líder da nação é análogo ao pai da família patriarcal tradicional. O líder é o pai da nação, e sua força e poder são a fonte de sua autoridade legal, assim como a força e o poder do pai da família no patriarcado supostamente são a fonte de sua suprema autoridade moral sobre seus filhos e esposa. (Stanley, 2018, p. 14)

Com este recorte da obra e sua inspiração do mundo real, voltamos para a realidade brasileira, na qual grupos reacionários estão usando estas mesmas estratégias nas redes sociais para espalhar suas fantasias deste passado mítico via manipulação do discurso. O Brasil é bastante habituado a lidar com crises econômicas e políticas, algumas que não possuem controle (culpa?), como a de 2008 provocada pela queda do mercado imobiliário nos Estados Unidos e mais recentemente, aquela decorrente da recessão econômica e da emergência sanitária mundial provocadas pela pandemia de Covid-19.

São períodos de incerteza e instabilidade que levaram famílias à beira ou ao colapso financeiro, elevando ainda mais as diferenças econômicas e de qualidade de vida e fomentando um clima de desespero entre os mais pobres e de radicalização na classe média alta e conservadora, estrato da sociedade que mais se identificou com promessas e ideias da extrema-direita, que teve uma tração popular inédita no Brasil durante as turbulentas eleições de 2018 e de 2022. Esther Solano, em entrevista à revista *Carta Capital* sobre seu livro *Ódio como política*<sup>21</sup>, nos mostra como o condicionamento das ideias conservadoras funciona.

Isso é um processo de banalização do discurso de ódio. Esses eleitores não enxergam, não identificam um discurso de ódio e, sim, um exagero, até uma coisa folclórica do candidato (Bolsonaro). Eles inclusive falam que Bolsonaro é um candidato honesto, que não se deixa levar pelo marketing eleitoral, pela roteirização da política. “Ele fala o que quer e tem liberdade de expressão”, alegam.

Este sentimento de insatisfação e anti-política foi explorado por Hitler para promover suas políticas como o Plano de Quatro Anos que prometia revitalizar a Alemanha e salvá-la dos “males”. O “mito” brasileiro com suas falácias populistas e grandiosas, emulando

---

<sup>21</sup> Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/eleitor-tipico-de-bolsonaro-e-homem-branco-de-classe-media-e-superior-completo/> Acessado em 11 de março de 2023

passagens bíblicas, demonstrou como a mesma fórmula pode explorar o desespero e catalisar insatisfações e preconceitos para se tornar a “lanterna dos afogados”.



Figura 1 - Imagem coletada nas ruas de Goiânia, pós-eleição de 2022, com a imagem do ex-presidente Jair Bolsonaro se assemelhando a de um anjo

É a lógica do tirano se disfarçando de salvador, adotando a figura de um Pai, ou de um Grande Irmão. Essa é uma das estratégias de manipulação do discurso, afinal, o mesmo tirano que ataca seus precursores como malfeitores e culpados das crises passadas, por consequência, não seria estúpido a ponto de enganar seus súditos e cometer os mesmos erros?

A realidade eram cidades precárias se decompondo, nas quais pessoas subalimentadas se arrastavam de um lado para o outro em seus sapatos furados no interior de casas do século XIX ... O passado era anulado, o ato da anulação fora esquecido, a mentira se torna verdade. (Orwell, 2020, p. 93-94).

Estas mentiras de um passado glorioso, ou no outro extremo, horrível que foi salvo – ou o será – por líderes políticos são vendidas nas construções de um mundo verossímil, um que não é real, mas poderia ser em algum lugar no globo. É uma distorção que faz de uma pretensa exceção, à regra dentro da caixa de areia do pensamento político.

Com as novas tecnologias e lógicas da informação, como as redes sociais, com o consumidor tornando-se também produtor de conteúdo e a interferência central de algoritmos, a profissão do jornalista se coloca ainda mais confrontada com seu objetivo ideal. Agora a verdade não está apenas escondida atrás das propagandas, mas também é usada e moldada por cidadãos – muitos deles se definindo “pessoas de bem” –, que compartilham suas meias-verdades para milhares de outras pessoas, fomentando, difundindo, quando não criando as chamadas fake news.

A anulação do passado e o condicionamento do pensamento político autoritário mais recente no Brasil se deu nas eleições de 2022 na construção de fake news e manipulação do discurso, sendo protagonizado por grupos dentro do círculo político do ex-presidente Jair Bolsonaro e de seus filhos Eduardo, Flávio e Carlos Bolsonaro. Isso foi feito por meio de mensagens alarmistas para visualização e viralização massiva nas redes sociais, focadas especialmente em grupos de WhatsApp e Facebook com teor religioso, alimentando pânico e o sentimento de anti-política democrática, tática muito conhecida de discursos fascistas, como diz Stanley (2018).

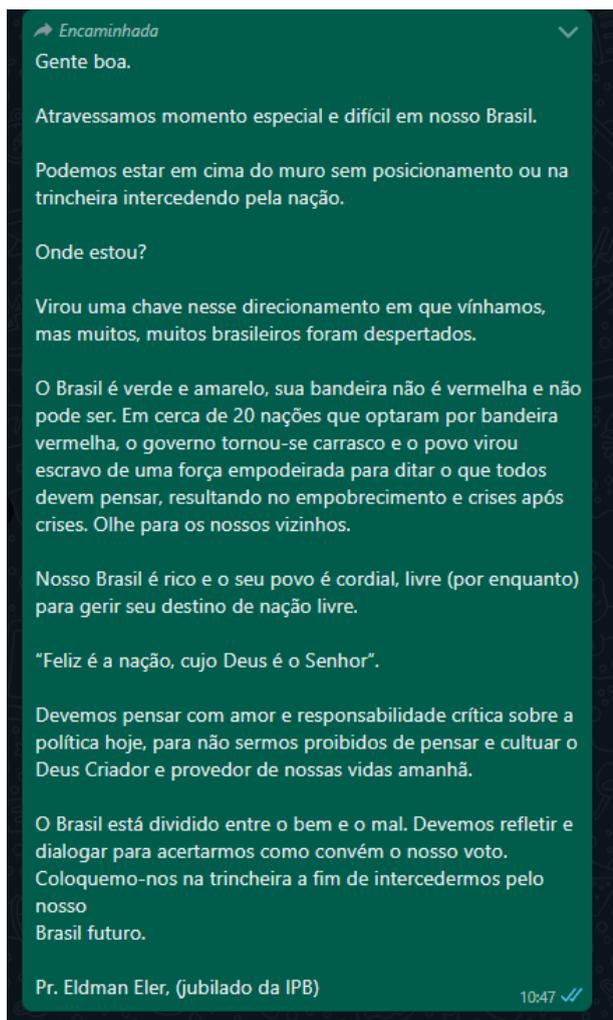


Figura 2 - Mensagem encaminhada durante a eleição de 2022, representado discurso manipulado com justaposições morais de bem e mal, Deus e o Diabo

Os elementos ligados à fé foram amplamente explorados, desde a associação de Bolsonaro a ícones divinos – anjos, Jesus Cristo, altares – ao reverso dessa moeda, ligando seu principal adversário, Luiz Inácio Lula da Silva, a uma iconografia diabólica, com chifres, rabos e a utilização da cor vermelha, vinculada ao Inferno em chamas, a essas peças. Houve também uma grande campanha de difusão da fake news de que Lula, caso saísse vencedor, fecharia igrejas evangélicas e impediria as pessoas de professarem livremente sua fé.

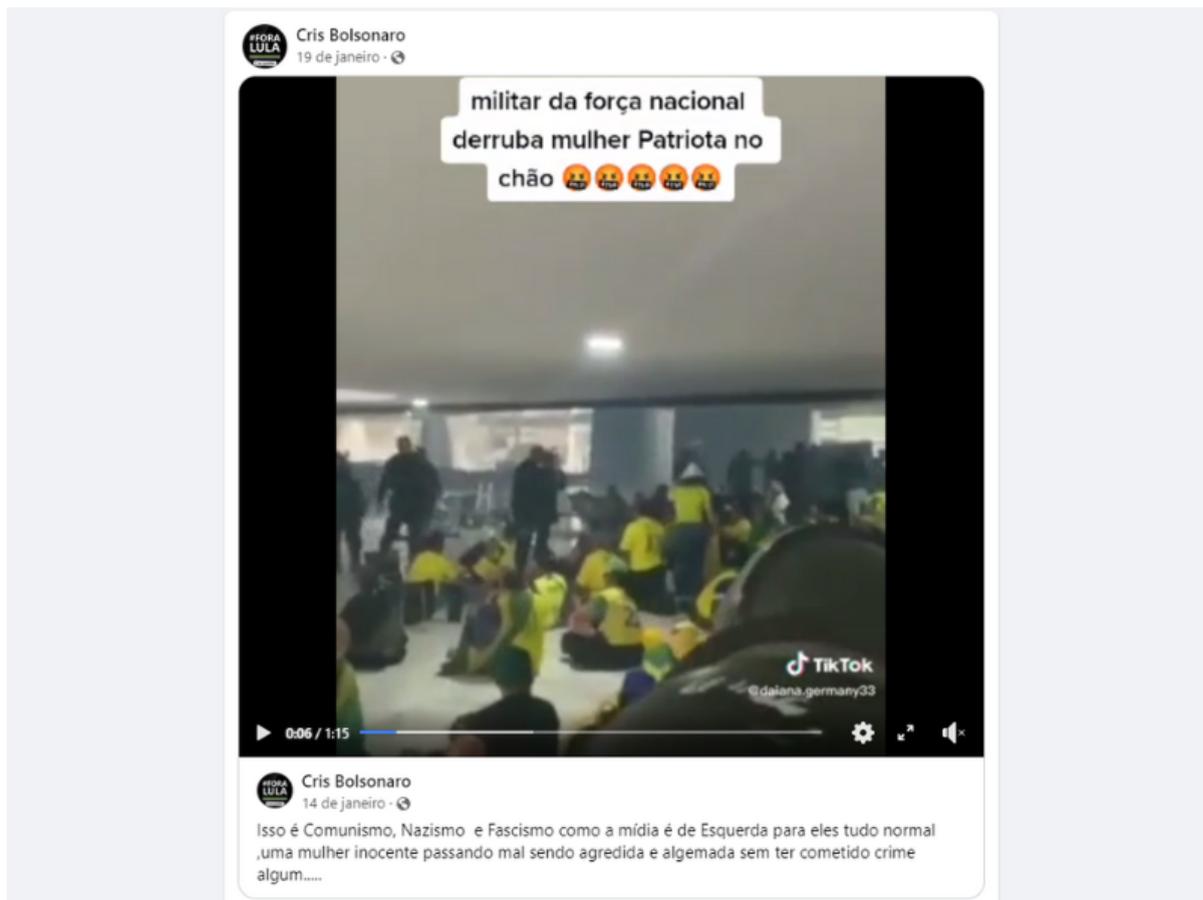


Figura 3 - Imagem do evento da invasão dos golpistas nas esplanadas dos poderes, sendo invertida e manipulada como vítimas de violência

Na imagem acima temos um exemplo de duas manipulações através do discurso golpista, expressas na legenda e na imagem, que se lê na imagem: “Militar da força nacional derruba mulher Patriota no chão”; e na legenda: “Isso é Comunismo, Nazismo, e Fascismo, como a mídia é da esquerda para eles tudo normal uma mulher inocente passando mal sendo agredida e algemada sem ter cometido crime algum.” O vídeo em questão foi gravado durante o fim da invasão da Praça dos Três Poderes, em 8 de janeiro de 2023, na frustrada tentativa de golpe de Estado promovida por simpatizantes e seguidores do ex-presidente Jair Bolsonaro que não aceitaram o resultado das urnas na eleição presidencial de 2022. A polícia havia acabado de pacificar a situação e realizar a apreensão dos envolvidos nos atos de violência cometido. Esta cena não ficaria fora de contexto em um livro de literatura distópica. Há exemplos parecidos que podem ser mencionados. Similarmente, e ironicamente, essa oposição e junção de pensamentos opostos, absolutamente contraditórios (no caso, a polícia sendo chamada, ao mesmo tempo, de “comunsita” e “nazista”), é referida em *1984* (2020), como duplificação, a capacidade de consumir e unir duas informações diametralmente

antagônicas e mesmo assim acreditar em ambas. Essa é uma das formas pelas quais o Partido da Oceania conseguiu manipular sua população, tirando seu senso crítico.

Ao final da obra de Orwell, enquanto os personagens de Winston e Julia percorrem o livro do insurgente Goldstein, *A Teoria e a Prática do Coletivismo Oligárquico*, que foi usado pelo partido como um manual para controlar a população, mas que, no enredo, serve como exposição e explicação de seu mundo distópico, de duplipensamento, lê-se:

Duplipensamento significa a capacidade de abrigar simultaneamente na cabeça duas crenças contraditórias e acreditar em ambas. ... Dizer mentiras deliberadas e acreditar nelas; esquecer qualquer fato que tiver se tornado inconveniente e depois, quando ele se tornar de novo necessário, retirá-lo do esquecimento somente pelo período exigido pelas circunstâncias; negar a existência da realidade objetiva e ao mesmo tempo tomar conhecimento da realidade que negamos ... Mesmo ao usar a palavra duplipensamento é necessário praticar o duplipensamento. Porque ao utilizar a palavra admitimos que estamos manipulando a realidade. ... Em última instância, foi graças ao duplipensamento que o Partido foi capaz de deter o curso da história. (2020, p 252).

No vídeo da invasão golpista em Brasília, temos os militares dando uma ordem direta aos insurgentes para permanecerem no chão, enquanto uma mulher quebra a ordem e é prontamente algemada. A postagem faz a tentativa de enquadrar criminosos como se fossem inocentes, mesmo com a imagem mostrando algo óbvio: que a mulher participava de um ato golpista, ilegal, que invadiu e ter participou de um ato de insurgência e se recusou a obedecer uma ordem de uma autoridade, recebendo a resposta adequada para a situação. Já na legenda da postagem, veiculada em um perfil de outro seguidor do ex-presidente Bolsonaro, temos a assimilação deste ato de força como algo pertencente à esfera do Comunismo e do Nazismo simultaneamente (duas ideologias completamente opostas), além de acusar a imprensa de ser “de esquerda” por apoiar ação policial, uma vez que esta seria, nesse mundo paralelo, a de uma mulher “inocente” sendo algemada. Outro exemplo desse duplipensamento pode ser apontado em discursos conservadores como os difundidos no Brasil e nos Estados Unidos, nos quais frases de ordem como "reivindicamos liberdade de expressão" e “os comunistas estão destruindo as escolas com suas falácias”. Na realidade, estas duas ideias cancelam uma à de forma total, já que não se pode pregar uma “liberdade de expressão” absoluta (o que o Direito vê com ressalvas, já que nenhuma prerrogativa legal pode ser absoluta) e, simultaneamente, tentar calar um grupo discordante.

Neste contexto, o papel de informar a população recai sobre o jornalismo, que precisaria desempenhar a tarefa de esclarecer não só a ideias e falácias contraditórias contidas

nesses discursos populistas e de ódio, mas também desmentir seus argumentos que carecem de qualquer lastro empírico ou vínculo com a realidade objetiva, como vimos acima. A forma como algumas comunidades extremistas conseguem reproduzir suas ideias não se baseia mais em uma simples mentira, e sim na manipulação do discurso e no controle da realidade — por mais virtual que seja —, hoje tão comum nas fake news. Esses conteúdos conseguem enganar os despercebidos com suas simulações do mundo.

É similar a perseguição política que podemos ver no enredo de *1984* com aquela que pôde ser averiguada nas redes sociais de pessoas que se investiram emocionalmente durante as eleições de personagens que não integram sua realidade, tomando para si mesmas os papéis de juízes, jurados e executores virtuais, mas também ultrapassando as fronteiras do digital e indo para o mundo real. Uma pesquisa conjunta feita pela Justiça Global e Terra de Direitos<sup>22</sup> avaliaram um aumento de 400% de casos de violência política no período eleitoral de 2022 comparado com o mesmo período de 2018, totalizando um caso de agressão a cada 27 horas.

Um dos casos desta violência que viralizou na internet e levou à morte de uma pessoa pode ser observado na cidade paranaense Foz do Iguaçu<sup>23</sup>. O assassinato ocorreu no dia 9 de julho de 2022, quando o Guarda Municipal Marcelo Aloizio de Arruda, que era filiado ao PT e tesoureiro da legenda na cidade, comemorava seu aniversário de 50 com temática do Partido dos Trabalhadores com sua esposa e quatro filhos. A havia sido escolhida para a chapa de 2020 da cidade como candidato a vice-prefeito. O assassino foi o Guarda Penal Jorge José da Rocha Guaranho, que havia chegado ao evento de carro com sua mulher e filho e ao descer do veículo com arma na mão, gritou para as pessoas “Aqui é Bolsonaro”. Cerca de 20 minutos depois, voltou sozinho e ainda armado e de novo se desentendeu com a vítima, que também possuía sua arma funcional. O resultado foi uma troca de disparos entre os envolvidos. Ambos foram levados ao hospital, porém só Jorge Guaranho conseguiu resistir. Ainda de acordo com um dos filhos da vítima, o atirador gritava que “ia matar todos os petistas”.

---

<sup>22</sup> Disponível em: <https://terradedireitos.org.br/violencia-politica-e-eleitoral-no-brasil/>

<sup>23</sup> Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2022/07/video-mostra-momento-dos-tiros-em-festa-tematica-do-pt-que-culminou-na-morte-do-aniversariante-e-do-agressor.ghtml>



Figura 4 - Bolsonaroistas saudando a bandeira cerimonialmente reservada para militares e raramente usada, chamou muita atenção por se parecer com a saudação nazista.

Tanto no caso descrito acima quanto na figura 4 apresentada, podemos ver o efeito efetivo que a disciplina e o condicionamento sistemático podem chegar em nível social, a ponto de forçar os envolvidos a cometerem atos que seriam impensáveis a eles no passado. A manipulação ocorre fora do nível lógico e do racional, reverberando com os arquétipos pessoais definidos como Possessão Ideológica. Apesar do termo e da pesquisa serem recentes, ele foi primeiramente apresentado nos efeitos dos arquétipos pessoais e seus efeitos estudados por Carl Jung em seu livro *Aion: Estudos sobre o simbolismo do si-mesmo* (2012). De acordo com Gustavo Garcia, psicólogo clínico com formação psicanalítica de Freud e Jung, coloca a seguinte proposta sobre possessão ideológica:

A possessão ideológica decorreria de um estado psicopatológico em que determinadas ideias, crenças, propostas ou ideologias satisfazem aos anseios dissociativos da pessoa, polarizando o seu comportamento em um extremo doentio vitimista e que ativa núcleos de menor resistência em sua psique, compensando seus padrões de inferioridade, inscritos em quadros como os de histeria e psicose, de modo que em nome de alguma causa que lhe convém, a pessoa não percebe a sua parcialidade insana, o seu sectarismo ressentido, nem muito menos as suas perigosas contradições e os seus malefícios, mas somente as suas boas intenções.<sup>24</sup>

<sup>24</sup> Disponível em: <https://gustavogarcia.psc.br/site/artigos/ideologia-vol-1/>

Estes casos não são isolados e fazem parte desta psicose coletiva que assombra a democracia desde o golpe de 2016, que destituiu a então presidente Dilma Rousseff, e vem aumentando conforme movimentos de extrema-direita ganham força. Infelizmente não são isolados no Brasil e vêm ocorrendo em outros países ao redor do globo, como os Estados Unidos da América, que também testemunha a ascensão da sua extrema-direita. Em estados mais conservadores como Texas e Flórida, leis estão sendo aprovadas diminuindo e dificultando a vida de grupos e minorias. Mais recentemente, o Governador da Flórida Ronald De Santis, pré-candidato à Presidência dos EUA, no dia 17 de maio de 2023, apoiou uma lei que restringe o acesso e a ajuda de tratamento, e até mesmo o uso de banheiros, para pessoas com Disforia de Gênero (indivíduos transgêneros). Em seu discurso para defender as novas regras, o político disse: “Vamos continuar sendo um refúgio de sanidade e uma cidadela de normalidade, e as crianças devem ter uma educação que reflita isso”<sup>25</sup>. Este mesmo político anunciou sua campanha para presidência no ano de 2024 para representar os republicanos, e de acordo com a agência de pesquisa de dados Morning Consult, possui mais favorabilidade do que seu principal adversário no partido, o ex-presidente Donald Trump, também um extremista de direita, numa pesquisa publicada em 13 de fevereiro de 2023<sup>26</sup>.

A estratégia que estes líderes políticos usam para ganhar mais apoiadores é a manipulação da realidade junto com a propaganda similar usada por outros políticos fascistas e hipnóticos — para os envolvidos —, nublando percepções e mentalidades e a virtude dos seus seguidores, cegando-os para os reais perigos de suas falácias. Foram para essas táticas e exemplos vistas neste tópico de condicionamento e disciplina que Orwell tanto nos alertou ao escrever *1984* (2020), com o perigo que representa a ascensão de líderes autoritários e radicais e seus seguidores fervorosos.

### 3.1.2. Discurso de ódio e violência

Nas redes sociais, o abuso do poder individual pode ser observado na chamada cultura do cancelamento, onde prospera o discurso de ódio, muitas vezes levemente voltado contra uma pessoa, podendo resultar em consequências graves, como veremos mais à frente.

O universo distópico de livros como *Tropas Estelares* (Henlein, 2015) nos apresenta um mundo onde a violência é uma mecânica de controle e intrínseca em grupos sociais. O

---

<sup>25</sup> Disponível em: <https://edition.cnn.com/2023/05/17/politics/desantis-signs-anti-trans-bill/index.html>

<sup>26</sup> Disponível em: <https://pro.morningconsult.com/trend-setters/desantis-looks-more-electable-than-trump-against-biden>

texto explica que ao longo da História humana a violência sempre esteve presente na sociedade onde quer que fosse. Hobsbawm, nas obras *A Era dos Impérios* (2012), que trata do período compreendido entre 1875 e 1914, e *A Era dos Extremos* (1995) demonstra que a História é composta por uma sucessão de guerras, conflitos, por traições e golpes, genocídios e extermínios, eventos nos quais a violência é absoluta e que parece se agravar cada vez mais. Por sua vez, Benjamin (2017) pondera que o estudo historiográfico é fundamental para “esclarecer” – verbo muito caro aos frankfurtianos em geral – como tais mecanismos, como o da violência, entram em ação, prosperam e se enraízam no decorrer do tempo.

Entre essas regularidades que geralmente resultam na violência está, por exemplo, a valorização dos elementos bélicos e militaristas. As corridas armamentistas, sobretudo no século XX – período que deu saltos gigantescos nas tecnologias de matar, com a injeção de tanques, bombardeios, gases venenosos ou incendiários, bomba atômica as armas cibernéticas, ferramentas que só fizeram evoluir no século XXI – estão no centro desses embates que tantas vidas custaram. Essa também é uma das colunas vertebrais do enredo de *Tropas Estelares*, mas não vista como uma causa primeira e sim como desdobramentos de algo mais profundo, arraigado nas mentalidades. Ao longo do livro, Heinlein (2015) coloca-nos a História como o resultado violento de choques de grupos sociais e da predominância e soberania de uns mais potentes sobre outros menos poderosos, por meios militares como guerras, saques, pela eliminação de suas pegadas e registros por introduzir conceitos alienígenas em suas culturas como línguas, religiões e costumes. Na base de todos esses atos de violência, porém, está o ódio. Ele é adubo de todas as atrocidades.

Essa visão ativa e violenta da histórica carrega consigo dilemas éticos e morais para o discurso. Os julgamentos de valor e o revisão histórico são comuns hoje em dia em uma sociedade global mais escolarizada, um exemplo deste ocorrido é o movimento Black Lives Matter (Vidas Negras Importam), de retirar estátuas de donos de escravos, como ocorreu nos Estados Unidos da América e no Reino Unido.<sup>27</sup> A partir destes julgamentos de valor, adotamos noções (geralmente binárias), como bem ou mal, civil ou anti-social, humano ou inseto, progressista ou preconceituoso. Essas formas simples de olhar o universo que nos contempla é o que têm norteado as ações humanas em geral. Nietzsche em seu livro *Assim falou Zarathustra* (2012), introduz o tema citado acima, além de criar o Übermensch, ou Super-homem, uma pessoa que além de rejeitar os dogmas e julgamentos de valor, compreende a realidade a seu nível mais caótico e a aceita mesmo assim.

---

<sup>27</sup> Disponível em: <https://edition.cnn.com/2020/06/07/world/global-floyd-protests-weekend-intl/index.html>

Contudo, como o século XX foi dominado por guerras, regimes totalitários nunca antes vistos, o avanço do capitalismo e da sociedade de consumo e o medo da aniquilação nuclear decorrente da Guerra Fria, as produções literárias de ficção de seu caldeirão cultural ocidental introduziram esses mesmos valores nas suas obras, fazendo-nos refletir sobre seu significado e origem, cientificamente ou socialmente, dependendo da mensagem a ser dada pelos autores.

Todos os quatro autores viveram com esta sombra das guerras do século XX, tendo passado a infância e a adolescência vendo a Primeira Guerra Mundial. Eles também integraram tropas do Exército, com exceção de Huxley, durante a Segunda Guerra Mundial. No caso de George Orwell, ele participou de combates durante a Guerra Civil Espanhola, sendo ferido com um tiro na garganta. As experiências de suas vidas os moldaram como qualquer outro humano, e os tornaram de certa forma pessimista com o futuro e o papel das novas tecnologias, muitas vezes usadas para matar pessoas e manipular a sociedade.

Os livros também trazem diálogos de como o ódio, a violência e a maldade podem levar sociedades inteiras a se dividirem, criando rupturas e ferimentos difíceis de recuperar se o processo for totalmente descontrolado. Somos apresentados a sociedades — por mais fictícias que sejam — que não possuem conciliação, onde a exploração e a violência se tornaram moedas de troca no cenário social. Sociedades que, infelizmente, parecem cada vez menos fictícias e mais reais, dadas as condições em que vivemos atualmente.

Em *Laranja Mecânica*, Burgess (2019) nos dá a visão comportamental, de que as pessoas fazem o que fazem por puramente gostarem de fazer, levando o leitor a se perguntar: Qual a origem da maldade? Para isso, somos apresentados ao personagem principal Alex, que dentro dos parâmetros morais, se encaixa na maldade pelo simples fato de gostar de fazê-la. A dicotomia entre o bem e mal como uma escolha moral intrínseca se perde pois o “eu” de Alex faz o que faz não por necessariamente ser mau, mas pela construção psicológica e social que o levou a gostar de fazer maldades. O personagem devaneia:

Esse negócio de ficar roendo as unhas procurando saber qual a origem da maldade é o que torna um moleque risonho. Eles não procuram saber qual a causa da bondade, então porque ir a outra loja? E mais, a maldade vem do eu, o não eu não pode ter o mau, o governo, juizes e escolas não podem permitir o mau porque não podem me permitir o eu. (Burgess, 2019, p. 93).

Essa escolha, que não seria necessariamente moral, leva a criação no livro de técnicas científicas com o objetivo mudar o “eu” de Alex, ironicamente fazendo-o assistir a cenas de

violência e estupro durante o processo fictício, numa analogia com procedimentos que eram ou ainda são empregados em determinados experimentos. As pesquisas de Pavlov (1927), com condicionamento de animais, demonstram que essa prática foi emulada por Burgess na construção de seu enredo.

Já nas redes sociais, dentro do aspecto do discurso de ódio, temos de um lado os “vanguardistas” dos direitos das pessoas “boas”, prontos para usar a mesma espada da violência e do preconceito sobre aqueles que elas tacham de más. Esta reivindicação e validação moral permeia as redes sociais livremente como processos de linchamentos virtuais. Por outro lado, temos pessoas problemáticas que usam as redes sociais como mecânicas para espalhar os seus extremismos ideológicos. Mais recentemente, em 2023, grupos neonazistas, tendo adolescentes em seu bojo, orquestraram ataques violentos online e reais em escolas ao redor do território brasileiro. Crianças foram mortas por ataques reais, e seus assassinatos glorificados nas redes sociais por radicais e extremistas.

Em *Laranja Mecânica*, temos mais um exemplo do contexto social com a violência e o discurso de ódio. Burgess (2019) dialoga com o conceito da “Juventude Moderna”, de 1962, conceito criado pelo autor para dialogar com o movimento da contracultura que seria mais rebelde e distante dos caminhos tradicionais, ouvindo músicas inteiramente diferentes das que já existiam e falando de “vulgaridades e violência”. O escritor nos dá possíveis causas, o pós-guerra e a guerra fria, ambos causadores de medo e do ódio alimentando o ciclo naquele momento.

Todo dia havia alguma coisa sobre a Juventude Moderna, mas a melhor coisa que eles já publicaram na velha gazeta foi um pop-star com uma coleira de cachorro que dizia que em sua opinião, e ele estava conversando como um homem de Deus, era o demônio estava a solta e estava tipo assim ferroando os jovens inocentes, e era o mundo dos adultos que podiam assumir a responsabilidade por isso, por suas guerras, bombas e besteiras. (Burgess, 2019, p. 94).

Já na obra *1984*, de George Orwell (2020), os personagens catarticamente expressam seu ódio a um traidor da nação/revolução, após serem confortados com a imagem semi divina do Grande Irmão consolando-os e direcionando o próximo passo. Hoje, com a cultura do cancelamento vaporizando pessoas sem o devido processo de apuração, temos uma tendência nas redes sociais de se alienar no ódio. Ainda sobre essa ideia de aderência do conteúdo, biólogos e psicólogos descobriram que, evolutivamente, nosso cérebro possui mais aderência das informações de cunho negativo (lembrando que negativo neste contexto é referente a algo

ruim ou danoso). Uma pessoa que sobreviveu a um ataque de um leão, por exemplo, iria ter essa memória mais recorrente para se adaptar melhor nas próximas vezes, e com a linguagem, passar essa informação adiante.

Esse processo é conhecido como o “Viés-negativo” ou “Efeito-negativo” e mais elaborado psicologicamente por Paul Rozin e Edward Royzman no ano de 2001 no artigo “Viés de negatividade, dominância de negatividade e contágio”<sup>28</sup>. No contexto da comunicação, conteúdos que trazem à tona algum viés negativo costumam ser mais repercutidos e consumidos, e conseqüentemente mais engajadores nos ambientes digitais. Essa também é a lógica de muitos critérios de noticiabilidade, que apostam no negativo, no trágico, no dramático para atrair e manter atenções e trabalhar afetos e emoções por meio de discursos sensacionalistas.

### **3.1.2.1. O ódio como vetor no digital**

Hoje, as redes sociais estão se tornando cada vez mais difíceis de navegar, com conversas e boatos dominando seus ambientes de interação, transformando a própria forma como o produto jornalístico é apresentado para que essas mesmas redes sociais sejam os meios para um maior alcance do público por parte do veículo de comunicação. É uma espécie de subalternidade do jornalismo àquilo que é criado nos ambientes digitais, quase um ato de sucumbir às audiências em detrimento de princípios éticos, de valores humanos e da qualidade da informação repassada. Nessa equação, o estímulo ao ódio não está ausente.

Baudrillard, no fim de sua vida, no livro *Tela Total* (2011), faz uma severa crítica ao jornalismo e ao mundo virtual, também por conta dessas interações inadequadas, que têm minado credibilidades e até a legitimidade social dos veículos de comunicação (apesar de Baudrillard nunca ter tido uma opinião lá muito favorável do jornalismo em geral). As grandes empresas de mídia necessitam se superar cada vez mais para dar ao espectador a “verdade”. Se no ato de propagar uma notícia de um evento já subtraímos a sua verdadeira “essência/sentido”, como devemos fazê-lo em diversas plataformas com diferentes linguagens e ainda manter a atenção do telespectador?

Neste contexto, o conceito de transmídia é usado para gerar mais conteúdo, uma sintonia por se assim dizer entre os produtos jornalísticos e as suas plataformas. Contudo, o discurso da essência de Baudrillard ainda continua válido para os dias de hoje, pois se no

---

<sup>28</sup> Disponível em: [https://journals.sagepub.com/doi/10.1207/S15327957PSPR0504\\_2](https://journals.sagepub.com/doi/10.1207/S15327957PSPR0504_2)

processo de traduzir os diferentes fatos noticiados para diferentes plataformas que possuem suas próprias regras, algoritmos e estilo de uso, como a essência da notícia continua intacta?

Quando pessoas mal intencionadas criam mecanismos de manipulação em massa, como as fake news, ou operam uma propagação massiva de discurso de ódio a ponto de quase naturalizá-lo, por mais absurdo e criminoso que seja, temos um problema já importante e de difícil solução nas mãos. Se as corporações de tecnologia, as Big Techs, não querem sofrer qualquer tipo de ingerência em seus processo de difusão de informações e resistem também em tomar medidas efetivas por conta própria para resolver questões tão graves com medo de perder o engajamento e lucro, o que fazer com um contingente de indivíduos magoados e com raiva, que demonstram propensão à violência que podem superar o reino da internet?

Isso cria um problema para o jornalismo dito tradicional, pois a instantaneidade das redes sociais confrontavam etapas industriais da criação de um programa de TV ou rádio ou um jornal, algo que podia levar dias. Afinal, como bem conceituou Sylvia Moretzsohn (2002) de “o fetiche da velocidade”, vivemos um período em que esperar, refletir, desacelerar os processos comunicacionais é um pecado mortal. Agora, os usuários conseguem criar páginas específicas de seus interesses e vieses e compartilham com seus grupos virtuais, compostos de indivíduos que provavelmente nunca irão se encontrar na vida real. A potência do mundo virtual se encontra nestes cenários de conectar pessoas que nunca iriam se encontrar. O problema é que alguns desses grupos têm um único interesse comum: a destilação de ódio.

Temos aqui diferentes potências esperando para se tornarem realidade, o verdadeiro significado de virtual como Pierre Lévy (2014) o coloca em *Cibercultura*: “Na acepção filosófica, o virtual é aquilo que existe apenas potência e não em ato” (p, 49). Em sentido literal, as oportunidades para as mais diferentes conexões dentro das redes sociais podem já em si justificar a sua necessidade na era da globalização. Contudo, como o próprio autor continua na sua outra definição de digitalização, o mesmo tem um poder sem precedentes para guardar as informações e de interação, características que, quando mal utilizadas, transformam-se em potentes armas de difusão de discursos, positivos ou maléficos.

Presente em todas as obras, a violência é definida como instrumento de controle social. Em *1984*, o autor nos apresenta a Oceânia e seu Partido como supernações mundiais que usam seus súditos para confrontar as outras supernações e seus membros são soldados fanáticos preparados desde crianças para lutar por causas injustas, sendo o confronto direto a melhor e única alternativa.

O ideal definido pelo Partido era uma coisa imensa, terrível e luminosa - um mundo de aço e concreto cheio de máquinas monstruosas e armas aterrorizantes -, uma nação de guerreiros fanáticos avançando em perfeita sincronia, todos pensando o mesmo pensamento e bradando os mesmos slogans, perpetuamente trabalhando, lutando, triunfando perseguindo - trezentos milhões de pessoas de rostos iguais. (Orwell, 2020, p. 93).

Esta mesma ideia, definida pelo personagem Winston, já faz parte da crítica que a obra embute quanto a governos autoritários, principalmente da Alemanha nazista de Hitler e da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), dominada pelo sadismo de Stálin. São ações de alienação de seus cidadãos e a erradicação de qualquer oposição, seja política, como ocorreu nos expurgos ocorridos na Rússia comunista do período stalinista e no Terceiro Reich criado pela sandice de seu líder, e mesmo na perseguição da oposição de qualquer pensamento contrário ao culto da personalidade de seus líderes políticos.

A alienação pública perante as ideias do governo levou à perseguição de pensadores e acadêmicos, como ocorreu com os membros da Escola de Pesquisa Social da Universidade de Frankfurt, na Alemanha. Pesquisadores como Max Horkheimer, Theodor W. Adorno e Eric Fromm viram-se forçados a fugir do país com medo de serem enviados a campos de concentração nazistas pelo fato de serem judeus e críticos ao regime que se implantava.

Vale destacar que esta forma de perseguição não faz parte apenas de governos autoritários, mas pode ocorrer também em democracias. Um exemplo ilustrativo ocorreu nos EUA no início da Guerra Fria pelas políticas macartistas de perseguição a “simpatizantes comunistas”, nos anos 1940 e 1950. Ações que foram incentivadas pelo senador conservador Joseph McCarthy, recebendo, desta forma, o nome de macarthismo.

Com o intuito de barrar influências comunistas, o governo dos EUA inseriu nomes de artistas a uma “lista negra” composta de escritores, músicos, atores, diretores, roteiristas e produtores, que foram vistos como “simpatizantes dos vermelhos” em seu comitê de investigação, a chamada “Casa do Comitê de Atividades Não-americanas”. As pessoas com nomes incluídos nas listas foram barradas de trabalhar e algumas foram encarceradas, como James Dalton Trumbo, roteirista renomado de Hollywood. Outros também tiveram que fugir do país com medo de serem presos.

Esta estratégia de posicionar o “outro” como a antítese da sociedade, como um inimigo, alguém diferente, algo que comumente é usado como estratégia de alienação para fomentar o controle social, como já foi discutido neste trabalho, é um dos motes das forças de poder que surgem nos livros de ficção científica analisados. Dinâmicas que se alimentam de desconfianças, ausência de empatia e que se concretizam quando o ódio e a violência passam

a ser objetivos efetivos para que esse controle continue nas mãos de poderosos ou para que grupos específicos tentem agir impunemente.

Em *Admirável Mundo Novo*, além das diferentes castas da sociedade, há os “selvagens” com quem o personagem Bernard se simpatiza e se apaixona ao longo da história devido sua aparente individualidade e originalidade. São aqueles que não aderiram à filosofia fordista dominante da sociedade de Huxley (1981). Essa visão divisionista coloca o Estado como o benfeitor e extrapola no culto desse poder absoluto, vindo a se transformar numa espécie de fanatismo.

Um estado totalitário verdadeiramente eficiente será aquele em que o todo-poderoso comitê executivo dos chefes políticos e o seu exército de diretores terá o controle de uma população de escravos que será inútil constranger, pois todos eles terão amor à sua servidão. Fazer que eles a amem, tal será a tarefa, atribuída nos estados totalitários de hoje aos ministérios de propaganda, aos redatores-chefes dos jornais e às mestres escolas. (Huxley, 1981, p. 4)

Foi sobre esta visão que Huxley (1981) construiu seu mundo, de forma que não havendo motivo para se rebelarem, as pessoas apoiam a servidão autoritária, a ponto de amar. Já Heinlein (2015) possui uma ideia parecida em seu livro *Tropas Estelares*, cujos personagens estão de acordo com as ações cruéis do estado e as aceitam como moralmente certo a se fazer.

Heinlein aborda a ideia de como o Estado e a sociedade devem exercer a sua moral, assimilando com conceito de instinto de sobrevivência, isto é, ensinar o “certo” através da dor e do sofrimento.

Não entendo essa objeção a punição (física). Mesmo que um juiz seja benevolente em seus propósitos, suas sentenças devem fazer com que o criminoso sofra, do contrário não há punição... Isso quer dizer é uma punição o bastante para ser significativa, para desencorajar, para ensinar. (Heinlein, 2015, p. 158.)

Nessa lógica do livro, usar a violência direta como mecânica de condicionamento baseada em atos violentos, no caso o treinamento militar, é algo “moral” deve ser algo cultivado. O personagem Major Reid olha a sociedade humana como algo homogêneo e simplificado, evocando ideias nacionalistas como *destino manifesto* para as estrelas, e ações como punições físicas como uma resposta para todos problemas. Ações que vão contra ela seriam semelhantes à desordem infantil, sem que haja uma avaliação de suas nuances.

Em *Laranja Mecânica*, temos a concretização dos planos de Heinlein em “educar”, ou melhor, domar o ser humano por meio da violência. O personagem principal, Alex, passa pelo assim chamado na história de Tratamento Ludovico. Trata-se de uma resposta do governo diante do aumento do crime e consiste em uma técnica brusca de condicionamento direto das pessoas chamadas “más” pelo narrador.

A título de acrescentar o conhecimento deste trabalho, os eventos e brigas entre as subculturas da sociedade britânica levaram à cunhagem de um termo presente em todos os livros que são nossos objetos de análise, chamado “pânico moral”. Este termo foi elaborado pelo sociólogo Stanley Cohen, em seu livro *Folk Devils and Moral Panics* ("demônios folclóricos e pânicos morais") (2011), publicado em 1972, utilizando-o como plano de fundo para explicar o medo generalizado em determinadas situações ou épocas, criado muitas vezes pelos meios de comunicação de massa, como a mídia televisiva. Por esse meio, a sociedade conhecia informações de acontecimentos que fomentavam esse sentimento onipresente de temor, como crimes e desvios morais, produzindo um efeito no mundo real, geralmente tomando ações desproporcionais perante os sujeitos denominados como perigosos e que representam uma ameaça aos valores sociais.<sup>29</sup> Um exemplo que podemos dar é como o conservadorismo teme que a educação sexual possa “corromper” as mentes dos jovens, sendo que a falta desta competência causa mais danos à sociedade, como as elevadas taxas de casais adolescentes com filhos. Alguns indivíduos conservadores argumentam que tal ensino deve ser feito da família e em casa, com protestos de “valores sociais” à frente do conhecimento e da educação humana compartilhados no ambiente escolar.

Hoje com as ferramentas de comunicação em massa, facilitando o acesso à informação e a fácil manipulação dela, foram criados verdadeiros redutos em aplicativos como WhatsApp e Facebook para a proliferação desse pânico moral. Um dos temas mais usados nesses canais e comunidades no Brasil é a corrupção e protagonizando o ex-presidente Jair Bolsonaro, principalmente nos períodos eleitorais de 2018 e 2022, como salvador da nação de corruptos e ladrões, e como a direita vai impedir que o Brasil se torne uma nova Venezuela.

Similarmente em 1984 e *Tropas Estelares*, seus líderes usam a propaganda para atacar seus inimigos e seus valores (no caso de *Tropas Estelares* a falta deles), e como seus governos estão lutando por justa causa.

---

<sup>29</sup> Disponível em: <https://diariodocomercio.com.br/politica/panico-moral-e-vies-de-confirmacao-entenda-uso-das-emocoes-nas-eleicoes/>

### **3.1.2.2. Tempo de odiar**

Apesar deste casos analisados serem de teor político, comportamentos parecidos de agressão e assédio podem ocorrer em outras esferas por pessoal exercendo sua moral diante outras. Um exemplo ocorreu nos primeiro meses de fevereiro de 2023 e se refere a uma das maiores propriedades intelectuais de fantasia, a saga do Harry Potter, da escritora de fantasia e ficção Joanne Rowling (conhecida como J. K. Rowling). Desde 2019 a escritora e ativista feminista publicou comentarios considerados problemáticos pela comunidade LGBTQIA+, sobre seu olhar cético das mulheres trans e como homens podem tirar proveito da recente batalha feminina por seu espaço e sua identidade.

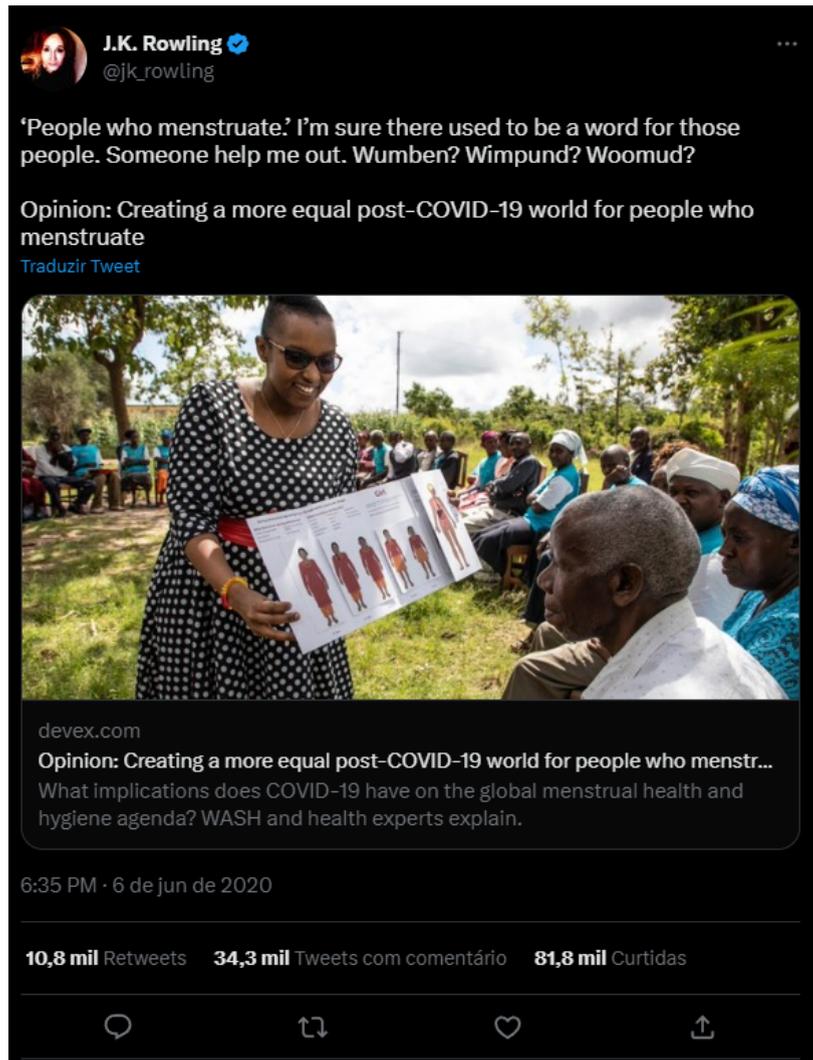


Figura 5 - Imagem para contexto, tweet de 2020 de J. K. Rowling: “Pessoas que menstruam? Tenho certeza que existe uma palavra para essas pessoas. Podem me ajudar?”

Após essas controvérsias, a empresa Wizarding World quis se distanciar da escritora nas produções audiovisuais, impedindo-a de participar no especial de aniversário dos filmes de Harry Potter. Além disso, ela não apareceu nas entrevistas antes do lançamento do terceiro filme da série de Animais Fantásticos. Para melhor esclarecer a situação, é necessário informar que empresa Wizarding World faz a administração da propriedade intelectual de Harry Potter e tem livre acesso à marca nos campos audiovisuais (detendo seus direitos autorais), devido seu vínculo com a Warner Bros., podendo fazer mais produtos sem a necessidade da participação da autora.

Todas esta série de escândalos culminaram em 10 de fevereiro de 2023, com o antecipado jogo de videogame que se passa no universo das obras. Certas comunidades com membros LGBT recusaram-se a fazer análises do produto (inclusive jornais e gazetas, como o

Polygon e Eurogamer). Contudo, o evento inesperado foi a perseguição e os assédios morais que pessoas fizeram sobre outras por terem simplesmente comprado o jogo, citando “financiar uma transfóbica” e “colocar pessoas trans em perigo”.

Não surpreendentemente, algumas pessoas mais radicalizadas foram aos perfis de streamers e os ameaçaram com mensagens de ódio, vazando informações privadas e ofendendo os envolvidos em um assédio direcionado por suas tendências vistas como “heterodoxas” por essa comunidade.



GrizzlyPeak72 MOD · 22 days ago · edited 21 days ago 🏠 2 📧 2

Highly Political

Wow I've had to ban a lot of salty ass Harry Potter fans. Are you all still bitter about not receiving that letter from Hogwarts? Grow the fuck up and read a different book.

If you have to do mental gymnastics to justify why you're giving money to a transphobe, you're probably transphobic. And considering Rowling herself has been throwing tantrums on Twitter over this indicates how much it's really getting to her. Don't be delusional. Buying this game/not buying this game has become a political statement whether you like it or not. The fact that so many of you recognise this and preface your pledges to purchase the game with a meaningless "F- JK Rowling" speaks volumes. It's clear you're the sort of people who know what the right thing to do is, but you actively choose to the opposite to satisfy your own individual desires. You're terrible people and it's why we're banning you.

Edit:

Well we've had a lot of fun today folks, mostly me. All you Harry Potter fans proved to be embarrassing as ever. Wanted a fun way to spend the Winter Solstice, what better way than bullying you freaks.

We'd like to thank you all for participating in our little purge. You transphobes just couldn't help yourselves. Always good to do a little cleansing like this, keep this subreddit dirt free. By all means keep continuing to take the bait, we'll be sure to ban you. And I've enjoyed seeing how many of you morons have already apparently pre-ordered. What's that old phrase? "A fool and their money..."

And seriously the amount of hate speech that's been thrown away in this very thread and in our modmail, the fact that you people who insist you need to consume this latest WB product have thrown in with these kinds of people says a lot about your integrity, or rather the lack there of.

Anyway, enjoy wasting \$70 on your likely very buggy toy, I hope it's worth it. All us normal people will all be playing games that don't directly fund a prolific transphobe.

Merry Christmas and Happy New Year to our non-transphobic users.

Praise Marx.

Edit 2:

A final word. It is funny how many assume I'm cisgender or that the other mods are all cisgender. It's also funny the amount of hate speech and death threats I've gotten in my DMs. Just confirms what I already know about the people who are still Harry Potter fans and the people who want to buy this game. To the supposed 'allies' who are probably still lurking, which side are you on?

👍 876 📩 🗨️ Reply 🏆 Give Award 📄 Share 🚩 Report 📌 Save 📧 Follow

Figura 6 - Postagem da moderação explicando o porque dos banimentos e da censura na página

Quando primeiro surgiu a notícia de um videogame inspirado no universo de J. K. Rowling, houve muitos chamados para que fosse feito um boicote devido ao possível faturamento da escritora em cima da marca e dos seus royalties. Isso porque muitos a acusam de apoiar causas consideradas transfóbicas com suas doações. Os principais agentes destes pedidos foram comunidades LGBTQ+ nos fóruns do Reddit chamado [Gaming Circle Jerk](#), (Grupo de Validação Gamer), que chegou a banir qualquer análise e discursos que não seriam pejorativos do jogo.

No comentário principal da figura 6, que ficou por dias até mesmo depois do lançamento do jogo, lê-se:

Uau, tive que banir um monte de fãs bravos de Harry Potter. Ainda estão chateados de não receber uma carta de Hogwarts? Cresça e leia um livro diferente. Se você precisa fazer uma ginástica mental para dar dinheiro a uma transfóbica, você também é provavelmente um transfóbico. E considerando que a própria Rowling ta tendo uma birra no Twitter indica que tudo isso tá tendo um efeito nela. Não delire. Comprar ou não este jogo se tornou uma posição política, você gostando ou não. O fato de muitos reconhecerem isso e ainda comprarem já fala o bastante. Está claro que vocês são o tipo de gente que sabem o certo a se fazer e ainda escolhem fazer o oposto só para suprir os desejos egoístas. Vocês são pessoas horríveis e iremos banir você. ... Queria ter algo de legal para fazer no solstício de inverno, e o que é mais legal do que fazer bullying com essas aberrações? Também gostaríamos de agradecer a todos por participarem desse pequeno expurgo. ... Sempre precisamos fazer uma limpeza nesta página, deixar livre de sujeira. ... E sério, a quantidade de discurso de ódio que veio pra cá e nos nossos e-mails, o fato das pessoas insistirem em consumir produtos da Warner Bros fala da integridade desses indivíduos, ou melhor, a falta dele. ... Louve Marx.<sup>30</sup>

Outro comentário da equipe de moderação da comunidade lê-se: “Um lembrete amigável da moderação que essa mulher é uma TERF (feminista radical transexclusiva) e qualquer um que demonstra seu apoio monetariamente também é um transfóbico.”<sup>31</sup> Esta chamada incessante cheia de ataques levou a um efeito oposto ao desejado pelo boicote, com pessoas produzindo memes e declarando ter comprado as cópias do game apenas por causa dessas hostilidades.

---

<sup>30</sup> Disponível em:

<https://boundingintocomics.com/2023/01/12/hogwarts-legacy-enters-steam-top-10-sellers-despite-multiple-calls-for-boycott-false-user-tag-protest-and-subreddit-ban/>

<sup>31</sup> Disponível em: [@ghost\\_motley](#)

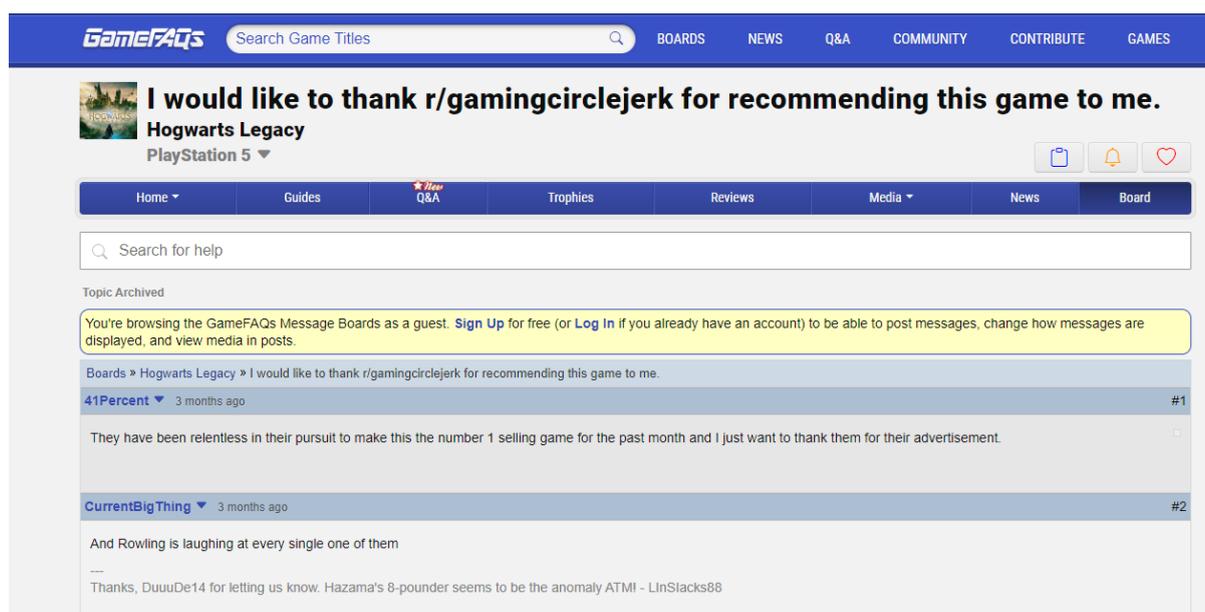


Figura 7 - Do forum GameFaq

Na mensagem da figura 7 é possível ler: “Eu gostaria de agradecer ao *gaming circle jerk* por recomendar esse jogo pra mim. ... Eles têm sido incansáveis em sua busca para tornar este o jogo número 1 em vendas no mês passado e eu só quero agradecê-los por seu anúncio. ... E a Rowling deve estar rindo de todos eles.”

O que se seguiu foi uma guerra nas redes sociais dentro da indústria gamer, com cenas de assédio, doxxing, bullying, todos estes eventos devido a um vídeo-game. Enquanto isso, no cenário mundial, houve naquela mesma época (fevereiro de 2023) os grandes terremotos na Turquia e Síria, que deixaram mais de 50 mil mortes e mais 120 mil feridos<sup>32</sup>.

Essa desvinculação emocional perante a situação e o contexto pessoal que o indivíduo está inserido, apenas fixando nas justaposições morais que habitam seu imaginário, pode ser encontrado no livro de Huxley (1981). As pessoas de castas superiores são extremamente rígidas com o comportamento alheio com medo do mesmo mandar uma “mensagem errada”. Gestos, palavras, comportamentos considerados anti-sociais são atacados e realinhados para manter a ordem vigente, onde a pessoa deve se comportar perfeitamente, e como diz no próprio livro, “civilizadamente” com os outros, não importando a situação. Perto do final de *Admirável Mundo Novo*, John está no hospital vendo sua mãe, Linda, preste a morrer e o personagem fica abalado com a situação, entretanto as enfermeiras ficam mais

<sup>32</sup> Disponível em:

<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2023/03/06/terremoto-na-turquia-e-na-siria-um-mes-depois-um-balanco-da-catastrofe.ghml>

abaladas vendo o comportamento de John, perto de outras pessoas e inclusive crianças na ala. A enfermeira então ataca o personagem para que o mesmo não demonstre emoção a morte:

O Selvagem permaneceu um momento de pé, mudo, depois caiu de joelhos junto a cama e, cobrindo o rosto com as mãos, soluçou perdidamente. A enfermeira estava sem saber o que fazer, olhando ora a figura ajoelhada ao pé da cama (que exibição escandalosa!), ora (pobres crianças!) os gêmeos que tinham interrompido o brinquedo de zipfurão e, do outro extremo da sala, olhavam embasbacados, com os olhos esbugalhados e as narinas abertas, a cena chocante que se desenrolava junto ao Leito 20. Deveria falar-lhe? Procurar despertar nele o senso de decoro? Lembrar-lhe onde se achava? O prejuízo fatal que poderia causar àqueles pobres inocentes? Destruindo assim todo o saudável condicionamento deles para a morte, com aquele repugnante alarido - como se a morte fosse uma coisa horrível, como se alguém tivesse tanta importância! Isso poderia dar-lhes as idéias mais desastrosas sobre o assunto, desorientá-los e fazê-los reagir de modo inteiramente errado, completamente anti-social. Deu um passo à frente e tocou-lhe no ombro. “Não pode comportar-se de modo conveniente?” disse em voz baixa e irritada. (1981, p. 95)

Alguns exemplos do escopo desta chamada “guerra virtual” foi a reação a notícias envolvendo figuras públicas como Streamers sofrerem assédio durante suas transmissões ao vivo jogando o jogo:



Figura 8 - Comentário acerca de um caso de doxxing

A postagem inicial da figura 8 conta que uma criadora de conteúdo veio a chorar ao vivo em sua transmissão com as mensagens de ódio, os assédios lançados a ela, e suas informações privadas e pessoais como número de telefone que foram vazadas com o intuito de ofendê-la ainda mais. Na reação de um usuário à notícia, lê-se: “Essa aberração vai chorar ainda mais quando eu colocar sprite na sua placa de circuito isso eu te garanto.” Mostrando total desacato quanto à pessoa por trás da câmera e sua situação, outros internautas responderam similarmente com esta postagem. Outro comentário da mesma notícia lê: “Opinião impopular, mas ações como estas deveriam ser encorajadas, se todas as pessoas cis experimentassem o mesmo ódio de que os grupos marginalizados recebem, irão perceber que transfóbicos são pessoas do mal.” Esse tipo de discurso repercute a noção fascista de “nós” versus “eles” visto anteriormente neste trabalho. Outro comentário: “Pessoas que transmitem vídeos ao vivos são pessoas horríveis e um poderia pegar câncer que eu literalmente riria.” Mais um insulto e a mensagem de ódio direcionada à pessoa e à notícia.

Os comentários apelam para o senso de moral consumista e capitalista, algo não universal e não aceito por todos. Este comportamento de forçar uma comunidade a fazer algo que se acredita certo à base da violência acaba sendo estranhamente similar às histórias de *Tropas Estelares* e seus açoites por quebrar as regras e sua ideia de educação pela força.

Professor o Sr tem que fazer assim! Dar uma bronca pra ele saber que fez algo de errado, esfregar o nariz dele naquilo pra que saiba o que está fazendo. Mesmo assim ele não vai aprender com uma lição então a gente fica de olho e o pega de novo e bate mais forte. (Heinlein, 2015, p. 157).

Algo que o jornalismo não ajudou foi tomar partido nestes argumentos e polarizar ainda mais o cenário, influenciando a visão do “certo” e do “errado” fora da ética civil e para um senso de moral próprio, difícil de compreender e perceber. Kotaku, um site jornalístico da indústria do entretenimento colocou isto em sua publicação:

O Hogwarts Legacy está aqui, sua chegada cercada por mais explosões brutais de discurso do que explosões de Hexes do Bat-Bogey voando pela Sala Comunal da Sonserina. A conversa em torno do jogo de ação e aventura em mundo aberto, que busca fornecer aos jogadores a fantasia imersiva de realmente frequentar a escola de magia do universo de Harry Potter, decorre em grande parte do fato de que o criador do universo, J.K. Rowling, é uma transfóbica virulenta, usando a plataforma que lhe é oferecida por sua fama e riqueza para normalizar a alteridade das pessoas trans e contribuindo de forma proeminente para uma cultura na qual o sentimento, a legislação e a violência anti-trans estão em ascensão.<sup>33</sup>

---

<sup>33</sup> Disponível em: [Kotaku](https://kotaku.com/hogwarts-legacy-transphobic-1848282200). Acessado em: 13 de março de 2023

Todos estes exemplos mencionados acima fazem parte do fenômeno nas redes sociais chamado cultura do cancelamento (Cancel Culture) ou cultura do chamamento (Call-out Culture) como também é referida, e funciona em divulgação de mensagens de ódio miradas em indivíduos ou grupos específico, sendo mais comum e abrangente em plataformas como Twitter. Esses atos partem de pontos de vista morais, como o surgimento de um comentário danoso para a pessoa visada, seguido de interações de assédio psicológico por várias pessoas no meio. Ao longo dos anos, os comentários evoluíram de xingamentos e assédios a juramentos de morte e o *doxxing*, ato de vaziar informações privadas como endereço, número de celular e documentos pessoais, como ocorreu nas imagens abaixo.



Figura 9 - Mensagem que a jogadora competitiva brasileira Taynah Yukimi recebeu nas redes sociais:

Na figura 9 temos a interação entre Taynah Yukimi e um indivíduo que a jurou de morte pelo simples fato de ter sido vencido por ela numa partida do jogo competitivo online Valorant. Aqui temos a mensagem trocada: “Cala a boca sua vaca estúpida. É bom você aproveitar o tempo com a sua família, quando eu for pro Brasil eu vou sequestrar toda a sua família e matar eles. Vou cortar sua filha e forçar você a comer a carne dela, vou cozinhar e comer seu cachorro na sua frente, vadia estúpida vai ser uma estrela porno, você é muito desorganizada para ser uma jogadora de Valorant. Guarde as minhas palavras, eu vou para o Brasil e te achar sua vaca estúpida, aproveite seu marido enquanto ainda tem tempo.”<sup>34</sup>

Não é incomum tais assédios ocorrerem, e especialmente quando a vítima é uma mulher, quando também acontecem ataques de misoginia. Pesquisa feita pelo Pew Research Center<sup>35</sup>, realizada em 2020, sobre assédio online, mostrou que cerca de 16% das mulheres estadunidenses já foram vítimas deste crime, enquanto 13% sofreram de stalking (quando a vítima é perseguida virtual ou presencialmente). No Brasil, (2020), das 500 mulheres brasileiras entrevistadas, 77% alegaram ter sofrido assédio sexual online, e algumas relataram que as mensagens e abusos começaram ainda na adolescência.

Outro aspecto que o discurso de ódio contém é a polarização de questões sociais como vimos acima, como o caso da comunidade LGBTQIA+ de se sentir merecidamente chateada com o comentário da J.K. Rowling, como já explicitado acima. Em vez de progredir na discussão e obter um melhor entendimento dos assuntos, algumas comunidades e tribos online voltam para si mesmas e canalizam o discurso.

Além dessas ações focadas nos indivíduos propriamente ditos, seus amigos e locais de trabalho são divulgados e uma campanha segue para danificar a imagem do indivíduo, com pedido para que o mesmo seja expulso de seu local de trabalho como ocorreu no caso abaixo.

---

<sup>34</sup> Disponível em [@loud\\_Tayhuhu](#)

<sup>35</sup> Disponível em: <https://www.pewresearch.org/internet/2021/01/13/the-state-of-online-harassment/> Acessado em 03 de abril de 2023

Kara Lynn, the woman fired on January 6 from her job as community manager by the video game company Limited Run Games after Jessica Blank, after a far-left trans activist who goes by the handle Purple Tinker, called her a "transphobe," said in an interview with the National Review that she was targeted in part because of her excitement over the upcoming game Hogwarts Legacy, based on the Harry Potter book series by JK Rowling.

"I'm personally looking forward to it! The more I see gameplay, the more excited I get. It's hitting all the marks I've been wanting for a Harry Potter game," Lynn tweeted about the game on December 28. "There is a huge, huge discourse going on in the gaming sphere in which a lot of people are saying, 'If you support this game in any way, you're also supporting JK Rowling,'" Kara Lynne said to the National Review. "I have this feeling that this is kind of where it stemmed from."

Figura 10 - Reportagem tirada da matéria do The Post Millennial

Na figura 10 temos um exemplo de como a cultura do ódio e do cancelamento evoluíram para fora do reino das redes sociais e afetam o dia-a-dia das pessoas reais na atualidade. O caso acima é um retrato de uma crescente mudança no paradigma social, onde o digital e o real estão se mesclando e interagindo entre si, tanto nos seus fatores positivos quanto negativos. O caso fala sobre a americana Kara Lynn, que foi expulsa de seu trabalho por mostrar animação por um jogo de video-game. No recorte da reportagem lê-se:

Kara Lynn, a mulher demitida em 6 de janeiro do seu trabalho como gerente de comunidade de sua companhia de video-game Limited Run Games depois de Jessica Blank, uma ativista da extrema esquerda que tem o pseudônimo Purple Tinker, a chamou de “transfóbica”, como disse em uma entrevista com o National Review que a mesma foi mirada em parte pelo seu entusiasmo do Hogwarts Legacy, baseado no livro de Harry Potter da série da JK Rowling. ‘Eu estou pessoalmente animada para o jogo! Quanto mais eu vejo gente jogando mais entusiasmada eu fico. Tá acertando todos o pontos que eu queria de um jogo do Harry Potter’ Lynn fez um tweet sobre isso em 28 de dezembro: “Está tendo um grande, um grande debate na esfera dos jogos que tem muitas pessoas falando ‘Se você apoia este jogo de alguma forma, você também está apoiando a JK Rowling’ Kara Lynne disse no National Review: ‘Tenho a sensação que foi daí que surgiu.’”<sup>36</sup>

---

<sup>36</sup> Disponível em:

<https://thepostmillennial.com/woman-fired-from-video-game-company-says-trans-activist-targeted-her-over-excitement-for-new-harry-potter-game> Acessado em 02 de abril de 2023

O ato moral está na parte da ação propriamente dita, pois o catalisador para a forma como essas pessoas se comportam é lutar contra aqueles que são vistos como pessoas “más”. Por isso, participar do discurso de ódio se configura em alinhar com as pessoas “boas” do círculo envolvido. Esta ação de vigilância social, ou como se chamam, “Guerrilheiros da Justiça Social”, é famosa em perpetuar tais movimentos nas redes sociais a fim de trazer as “justiça” para os culpados.

A fixação dos rótulos e o vício das câmaras de ecos e de auto-validação que temos hoje presente nas redes-sociais é em grande parte devida aos algoritmos que alimentam constantemente o discurso em busca do engajamento. Muitas vezes esse discurso acaba banalizando o sentimento de ódio como uma interação normal a título de “liberdade da expressão”.

Um outro exemplo ainda recente ocorreu com as acusações contra o ator de Hollywood, Johnny Depp, de ter agredido e assediado sua mulher durante o início do movimento de direitos femininos denominado MeToo. Este que teve como objetivo aumentar mais visibilidade aos assédios e agressões ocorridos contra as mulheres principalmente no mercado de trabalho dominado por homens, que teve viralização após o caso de Harvey Weinstein.

Em um relatório produzido pelo jornal *The New York Times*, cerca de 201 homens poderosos foram apontados como culpados de assédios sexuais e emocionais. O movimento inteiro teve grande cobertura midiática e engajamento nas redes sociais, sendo o último como as notícias surgiram primeiramente no Twitter<sup>37</sup>. Grandes nomes foram abordados, como os do ator Kevin Spacey, de Roy Price, chefe do estúdio da Amazon, e de Chris Savino, produtor televisivo. Estes nomes citados e outros mais se mostraram culpados e foram prontamente removidos de seus cargos, além de seus nomes e reputações terem sido manchados.

Porém, Johnny Depp nunca admitiu ter assediado e nem abusado de Amber Heard, mas mesmo assim a cobertura midiática foi intensa. Em 2020, o jornal inglês *The Sun* corajosamente colocou o nome do autor nas manchetes como Wife Beater (abusador de mulher) na figura 11 abaixo. Posteriormente, o ator recorreu à justiça contra o jornal inglês pela matéria e pela manchete, contudo, perdeu no tribunal pois não havia provas o suficiente para na época para defender em seu processo. Além dos danos à imagem de sua figura pública

---

<sup>37</sup> Disponível em: <https://www.nytimes.com/interactive/2018/10/23/us/metoo-replacements.html>

que o causou, como ser visto como misógino pelo tribunal<sup>38</sup>, houve danos monetários após a perda de seus papéis de Hollywood como a franquia Piratas do Caribe e Animais Fantásticos.



Figura 11 - “Em nome de todos os sobreviventes de abuso doméstico, agora nós podemos confirmado que ele é um abusador de mulheres

### 3.1.3. Busca da felicidade

A pesquisa de Nichole Kazimiro Vicz (2014) vista acima, sobre a presença da cultura participativa nas redes sociais, “profetizada” e descrita por Jenkins (2015) anos antes do estabelecimento de uma rede social aberta, nos leva a crer que a internet se tornou sinônimo apenas de entretenimento e de sociedade de consumo, perdendo todos os seus outros interesses, alguns bem interessantes, como a efetiva democratização da informação e a capacidade de dar visibilidade a pautas relevantes. E como ela consegue interagir a nível

<sup>38</sup> Disponível em:

<https://www.theguardian.com/film/2020/jul/27/johnny-depp-anger-based-on-deep-misogyny-amber-heard>

emocional com seus usuários, criando laços e emaranhados sociais, mesmo esses sendo somente visíveis ao indivíduo com seus perfis personalizados dentro das suas respectivas bolhas digitais, em sua natureza, a internet preza a individualidade nas conexões e perfis mas mantém a sociabilidade aberta.

Uma das noções do por que as redes sociais se tornaram um espaço de criação de conteúdo é a capacidade que apresentam de entreter os indivíduos, seus consumidores, e suas comunidades, dando-lhes uma identidade. O sociólogo Manuel Castells comenta sobre isso na busca da identidade em uma sociedade em rede:

As novas tecnologias de informação estão integrando o mundo em redes de instrumentalidade. Comunicação mediada por computadores gera uma enorme gama de comunidades virtuais. Mas a característica social e tendência política da década de 1990 foi a construção de ação em torno de identidades primárias — ou atribuídas, enraizadas na história e na geografia, ou recém-construídos, numa busca ansiosa de significado e espiritualidade. Os primeiros passos históricos das sociedades informacionais parecem caracterizar pela preeminência da identidade como princípio organizacional. (1999, p. 57).

Mais comum nesses ambientes virtuais, a produção audiovisual nas comunidades de mídia e nos perfis de criadores de conteúdo é disseminada com a fácil acessibilidade e alta taxa de compartilhamento, ganhando a atenção dentro dos próprios grupos sociais.

O objetivo máximo nesses ambientes é o entretenimento e a conexão entre os indivíduos ali presentes. Com o tempo, tivemos o refinamento dos conteúdos para se tornarem mais atrativos para o público, principalmente nas redes sociais, Jenkins (2015) comenta sobre esse processo se referindo ao termo “propagabilidade”: A propagabilidade se refere ao termo — técnico e cultural — de os públicos compartilharem os conteúdos por motivos próprios ... algo em torno do qual se pode iniciar um conversa. (2015, p. 26). Num campo separado da presença real de indivíduos no espaço físico, as emoções se tornaram o apelo para a propagação desses materiais. Por isso, algoritmos estimulam o apelo das emoções básicas como raiva, alegria, curiosidade, paixão e recompensam aqueles que mais alcançarem (engajamento). Consequentemente, estratégias como o sensacionalismo e incitação de afetos já identificáveis e que passam a ser estimulados são maneiras mais rápidas de atingir o público.

Em todas as quatro obras aqui sendo analisadas, o apelo das emoções e dos sentidos está sempre presente, contudo, por serem obras distópicas em sua natureza, essas sensações são deturpadas ou exageradas em prol da narrativa e da construção de seus mundos. Um dos

textos mais fortes neste contexto é a obra de Huxley (1981), que propõe sua distopia na constante busca da estabilidade, da felicidade, dos prazeres e dos vícios de seus habitantes.

Essa busca, no final da obra, mostra nas sua relação de como o jornalismo, e como a profissão serve de validação da sociedade fordiana, seguindo as tendências e opiniões, reduzidos a paparazis, procurando capital, assim como sua obra, se tornando um escapismo: “Três dias depois, como urubus descendo sobre a carniça, chegaram os repórteres.” (Huxley, 1981, p. 113).

Como já mostramos antes, as redes sociais e a internet como um todo mudaram a profissão do jornalista. O papel da voz foi compartilhado a todos e novas mecânicas para saciar a chamada “fome da atenção” tiveram que ser encontradas. A área jornalística que mais se beneficiou com as redes sociais e instantaneidade da informação online foi a dedicada às celebridades, também conhecido como jornalismo de fofocas.

Por muito tempo esse tipo de jornalismo, de grande apelo popular, foi reservado a gazetas, colunas de jornais, programas de televisão e revistas digitais, mas ainda tendo em seu cerne o trabalho jornalístico, como produção e apuração de pautas, a busca por informações oficiais (no caso das celebridades, agentes e assessores), e por fim a construção do produto jornalístico. Um grande exemplo estrangeiro desta “indústria” dentro do jornalismo está na Inglaterra com jornais competindo por notícias e matérias acerca da família real do Reino Unido. Esses temas resultaram em corridas editoriais sobre as notícias, algumas vezes empregando coleta de dados por meios ilícitos para acessar informações em primeira mão, como foi o caso do vazamento de conversas privadas entre o então Príncipe Charles e sua amante na época, Camilla Parker-Bowles, em 1993, popularmente conhecido como “Camillagate”.<sup>39</sup>

Contudo, com a massificação das redes sociais no cenário global e maior criação dos consumidores participativos, elementos apontados por Jenkins (2015), algo que ocorreu com força também dentro das bolhas de celebridades, temos agora páginas escritas por fãs ou perfis que são meros reprodutores de informação de última hora, como o caso do “Choquei”, mencionada anteriormente. São esses agentes que agora competem com o espaço jornalístico dentro das redes sociais.

Com a ascensão das redes sociais tivemos também uma nova classe de celebridades, formada pelos influenciadores, pessoas que ficam famosas nas mídias digitais por seu conteúdo presencial ou online e geram seguidores nas suas páginas nas web. Esses

---

<sup>39</sup> Disponível em: <https://time.com/6226657/crown-charles-camilla-tampongate/>

influenciadores ou criadores de conteúdo variam dentro das comunidades em que estão inseridos: comunidade de beleza, comunidade geek, a comunidade LGBTQIA+, entre outras. O jornalismo possui seus próprios criadores de conteúdo, muitas vezes esses sendo jornalistas na presencialmente. Um bom exemplo é a inglesa Sophia Smith Galer, ex jornalista da BBC e atualmente trabalhando para a VICE News. Possui mais de 480 mil seguidores no TikTok, sua página principal, e seus conteúdos variam em análises de textos jornalísticos e comentários de notícias globais.<sup>40</sup>

Essa lógica do notório, tão conhecida das rotinas produtivas do jornalismo, é tratada no na obra *Admirável Mundo Novo* (Huxley, 1981), quando o personagem John, conhecido como “O Selvagem”, tem surtos após a morte de sua mãe Linda, levando o homem a ser exilado num farol, longe da civilização. Anteriormente havia ganhado fama por vir de fora da sociedade global, e um grupo de jornalistas em busca de entrevistas foram à sua casa para angariar audiências contando a história de sua vida.

No final do livro de Huxley, esse personagem se vê transformado em mais uma celebridade, mais um objeto a ser capitalizado e consumido pela civilização. Depois de sua flagelação ser escancarada ao público, ele ganhou uma legião de seguidores, tornando-se uma espécie de “influencer” (com a licença da anacronia), matando o seu “Eu”:

Que querem de mim? - perguntou (John), voltando os olhos de um rosto sarcástico a outro. - Que querem de mim? - O chicote! - responderam confusamente com vozes. - As chicotadas! Queremos ver as chicotadas! Depois, em coro e num ritmo lento, pesado: - Nós-queremos-o-chicote! - gritou um grupo no extremo da linha – Nós queremos-o-chicote! ... Todos gritavam juntos; e, embriagados pelo clamor, pela unanimidade, pelo sentimento de comunhão rítmica, teriam podido, segundo parecia, continuar durante horas - quase indefinidamente. (Huxley, 1981, 117).

Após gritos de fãs para replicar seu ato de flagelação, e obedecendo-os num surto de loucura, enquanto a multidão se entrelaçava em uma orgia, viu que o aparente transe não teria fim. Em um último momento de individualidade, John viu que a única saída era a sua não existência.

A porta do farol estava entreaberta. Empurraram-na e entraram numa penumbra de janelas fechadas. Por um arco na outra extremidade da peça viam-se os primeiros degraus da escada que levava aos andares superiores. Exatamente sob o fecho do arco pendiam dois pés. - Sr. Selvagem! Lentamente, muito lentamente, como duas agulhas de bússola sem pressa, os pés voltaram-se para a direita: norte, nordeste, leste, sudeste, sul, sul-sudoeste;

---

<sup>40</sup> Disponível em: [@sophiasmithgaler](https://www.instagram.com/sophiasmithgaler)

depois detiveram-se e, passados alguns segundos, começaram a girar, com a mesma lentidão, para a esquerda. Sul-sudoeste, sul, sudeste, leste... (Huxley, 1981, 118)

Não deixa de ser uma metáfora da forma como a sociedade recompensa seletivamente seus ídolos, transformando-os em produtos e semi-escravos de seus públicos, tendo em vista os seus trabalhos, como é o caso da imensa audiência – e conseqüentemente ganhos financeiros – envolvida nas múltiplas maneiras que agora os chamados “digital influencers” têm à disposição para captar a atenção de milhões de pessoas. Esse processo de glamourização do efêmero, do endeusamento midiático de indivíduos sem que eles sejam, de fato, célebres no sentido de terem feito algo que mereça ser celebrado por sua importância, foi decodificado ainda nos anos 1960 por Morin (2011) – que chamou este grupo de “novos olímpianos” – e por Debord (2017) – que definiu tal lógica como “sociedade do espetáculo”.

Há uma promessa intrínseca nesse fenômeno: a da felicidade, por diversos caminhos possíveis, que podem variar do campo da estética e da beleza, ao glamour de viagens, hotéis paradisíacos e bens de consumo caros. Em contrapartida em *Admirável Mundo Novo*, os membros da classe Alpha fazem rituais sobre o profeta Henry Ford de ter agraciado o mundo com a linha de montagem, seguido logo depois de orgias em massa. Rituais de gratidão que denotam, por sua vez, um estado de graça (felicidade) por estarem inseridos naquele contexto, mesmo que ele seja opressor e lhe roube a individualidade.

A relação com a felicidade e as redes sociais pode ser mais explorada dentro do conceito das câmaras de eco citadas anteriormente, com essas promessas sendo disseminadas em ambientes isolados, em que não há divergência – afinal, as discordâncias geram atritos e esses atritos resultam em uma consciência mais profunda da situação, o que vai implodir a construção frágil de que todos são felizes apenas porque, naquele grupo específico, só há concordâncias de convicções, o que deixa todos mais confortáveis e seguros de si. Inicialmente, essa lógica, em ambientes digitais, ganhava forma através do papel participativo dos criadores de conteúdo de produtos que não necessariamente se confundiam com celebridades, como descreve Jenkins (2015):

No entanto, de repente, a importância das recomendações da “pessoa comum” tornou-se uma prioridade renovada, e o boca a boca, a forma original de marketing, é tratado como um fenômeno novo devido a uma distinção importante: a comunicação on-line cria uma trilha textual das conversações do público sobre uma marca ou empresa de mídia que pode ser arquivada indefinidamente para que todos vejam. (2015, p. 108-109)

Com o advento das redes sociais, isso mudou significativamente. Elas possibilitaram a emergência, em escalas até então inimagináveis, de pessoas que se tornaram veículos de informação em massa em si. Com isso, temos, em parte, o enfraquecimento da propaganda e marketing quanto a ser um canal mediador que possibilitava o envolvimento do público com os meios de comunicação. Esse enfraquecimento repercute no jornalismo, uma vez que é dali que ele retira a maior parte de suas receitas para manter o modelo de negócio em que está baseado. As celebridades no reino digital são uma novidade, pois retêm a audiência de seguidores a partir do que postam sobre si mesmas.

Algumas das formas pelas quais alguns influencers conseguem prender a atenção dos usuários ancoram-se nos seus discursos hipnóticos da venda da vida perfeita, luxuosa e feliz, tal como é propagada em suas redes sociais. Um dos casos mais infames nesse sentido é o surgimento da comunidade misógina Red Pill que alcança em soma mais de 44 bilhões de visualizações nas redes sociais<sup>41</sup>, e suas promessas de conhecimentos secretos que irão desbloquear “segredos” retidos pelas “elites” para ser feliz e possuir riquezas. Os mais proeminentes e conhecidos membros deste grupo são os influencers americanos Andrew Tate e seu irmão Tristan Tate. Ambos possuem produções audiovisuais promovendo o jeito “certo” de ser homem. Seus vídeos e discursos são ao estilo coaching e possuem mensagens claras do ideal Macho Alpha, aquele que teria o dom da conquista, o que é intrinsecamente melhor por ser ambicioso e por ser homem<sup>42</sup>. Uma das formas como essas pessoas continuam financiando esse movimento e sua rotina luxuosa são seus cursos<sup>43</sup> fechados, em que mais de 200 mil seguidores pagam USD\$50,00 mensalmente e são ensinados em variedades como marketing e dropshipping<sup>44</sup>.

Quando movemos nossa atenção para essa estratégia quanto aos discursos políticos e sociais, podemos compactuar com um problema na figura simbólica da imagem daqueles que fazem a propaganda. No livro *1984*, logo depois da sessão de dois minutos de ódio com imagens do inimigo do movimento, vem a subsequente aparição messiânica da figura do Grande Irmão, que oferece o seguinte discurso: “Nesse momento todo o grupo ali presente prorrompeu num canto grave, lento, e ritmado, Grande Irmão, Grande Irmão, Grande Irmão...”

---

<sup>41</sup> Disponíveis em:

<https://veja.abril.com.br/comportamento/movimento-red-pill-revela-a-face-cruel-e-reacionaria-do-machismo>

<sup>42</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=r0hs6iM4LHU&t=170s>

<sup>43</sup> Disponível em: <https://jointherealworld.com/?a=f9pnrrrhg>

<sup>44</sup> Dá-se o nome de dropshipping ao método de vendas no varejo no qual o vendedor não mantém nenhum produto em estoque. o dono da loja atua como um intermediário para a compra e é responsável somente por efetuar questões de marketing e vendas.

Em parte era uma espécie de hino à sabedoria majestosa do Grande Irmão, mas antes de mais nada era um ato de auto-hipnose.” (Orwell, 2020, p. 27)

Essa busca pelo entretenimento (e, por conseguinte, pela felicidade) é um dos motivos porque grandes empresas e companhias gastam recursos para introduzir seus novos produtos no cotidiano das pessoas por meio das plataformas, usando diversos recursos de marketing. Mas agora a novidade é lançada ao usuário pelo algoritmo engendrado para essa finalidade e que se customiza aos gostos do usuário/consumidor. Nada mais parecido com o mundo dominado pelo Grande Irmão. “A felicidade é uma soberana exigente, sobretudo a felicidade dos outros. Uma soberana bastante mais exigente, do que a verdade, quando não se está condicionado para aceitá-la sem restrições.” (Huxley, 1981 p. 104)

Vale um debate sobre a questão da busca da felicidade, que não é um problema “pandêmico”, e sim decorrente da filosofia ocidental nascida da religião católica e do movimento iluminista do século XVII. Na sociedade oriental, vemos uma diferença, com suas doutrinas com foco na busca da paz, como no budismo, no respeito e o coletivismo como no confucionismo.

Essa divisão é observada na dedicação dos indivíduos perante seus trabalhos e fazeres, suas ideologias não prezam a felicidade como objetivo, pois sabem que não vão encontrá-la no final da busca, e sim no caminho. A ideologia original de Siddhartha Gautama (Buda) presa a conciliação e o meio termo entre o caminho da alegria dos excessos e do desapego do material.

Neste conceito da busca do consumo máximo filiado à felicidade, em uma empresa dentro de uma sociedade capitalista, a exacerbação do consumismo torna-se mais possível, algo que é similar à ideia que Huxley quis explorar em sua obra de ficção sobre um futuro distópico. Em *Admirável Mundo Novo*, o título já é uma ironia do autor sobre esse maravilhamento muito baseado em algo ilusório. Valores morais e éticos mais plurais se diluem diante de uma linha de montagem que produz, de forma artificial, sem espaço para o pensamento autônomo, todos os aspectos da vida das pessoas. Automatizadas e disciplinadas dentro de um plano muito estrito, elas sequer têm condições de pensar em algo diferente daquilo que lhes é imposto. Quem o faz, recebe punições severas, sendo considerado um agente desagregador da lógica planejada dessa sociedade. Este é o mote de outras narrativas de ficção científica futurista, como *Fahrenheit 456*, de Ray Bradbury (2012), e *1984*, além de George Orwell (2020).

No caso do jornalismo, este devia se manter livre dos grilhões do Estado e do capitalismo individualista para que a ideologia consumista não atrapalhasse na disseminação

da verdade. A Internet nos oferece uma resposta e um problema: nela podemos ter notícias livres de ambos, mas nenhuma garantia sobre os vieses de quem a está produzindo nem a segurança se os interesses envolvidos estão de acordo com os valores jornalísticos criados a partir do Iluminismo, de uma atuação mais cívica e cidadã, podendo interferir em pautas importantes, como questões sociais, para falar de algo mais economicamente rentável.

### **3.1.3.1. Felicidade fabricada**

A busca pela eterna felicidade e a imposição dela pela cultura ocidental criaram um berço perfeito para problemas sociais. Nos livros pesquisados também temos a deturpação desta busca, algo que se percebe em *Laranja Mecânica* (2019), com o personagem Alex e sua trupe em busca de “aventuras criminosas” na noite como forma de sadismo, ou seja, obtenção de prazer mediante a dor, o sofrimento e até a morte de outras pessoas.

A história do livro nos coloca uma pergunta importante e que pode ter correlação com essa busca desenfreada e sem limites pela compensação, por aquilo que nos dá saciedade: os nossos genes e personalidades nos fazem quem somos e definem o que fazemos ou temos a escolha e liberdade de escolhermos nosso próprio caminho? Burgess se compromete com a primeira opção no decorrer do livro, dada a relação do autor com as pesquisas de Ivan Pavlov (1927), sobre o condicionamento de animais e, subsequentemente de humanos, mas ainda deixa a dúvida na cabeça do leitor. “O que Deus quer? Será que Deus quer insensibilidade ou a escolha da bondade? Será que um homem que escolhe o mal é melhor que um homem que teve o bem imposto a si?” (Burgess, 2019, p. 161).

O que vemos nas redes sociais é este mesmo condicionamento ligado com a busca da felicidade e o escapismo da realidade. O mundo virtual, por mais inflado e opressor que seja, ainda possui muitos recortes de felicidade da vida das pessoas como no caso do Instagram, onde a maioria dos momentos pessoais compartilhados são de aparente alegria e plenitude, despertando um falso senso de injustiça naqueles que não gozem dos mesmos privilégios ou condições financeiras dos digital influencers que captam a atenção de milhões de seguidores em suas postagens, stories e reels. Uma armadilha perfeita para pessoas desatentas, viciadas num mundo imaginário que não existe além das imagens e palavras, escondendo a tristeza e a solidão presente na vida de todas as pessoas.

Em *Admirável Mundo Novo*, por exemplo, há essa mesma fixação odiosa daquilo que não é aceito na ordem mundial. No caso do livro, existem a solidão, a individualidade e os vínculos sociais que remetem a tais discussões. Na forma como é posto no livro, as pessoas

são “escravas” de seus subconscientes, gerando repúdio e medo quanto à mera ideia de ações anti-sociais, já que a sociedade da obra é baseada na extrema-coletividade. Elas são obrigadas, portanto, a se sentirem felizes e satisfeitas com o que têm – ou melhor, com o que lhes é controladamente oferecido.

A título de exemplo, na metade do livro, em uma viagem de Bernard e sua amante Lenina para o Canal da Mancha, na Inglaterra, ele contempla o oceano que lhe lembra como o faz sentir enquanto indivíduo.

Mas eu quero - insistiu ele. - Isso me dá a sensação... - hesitou, procurando as palavras - ... a sensação de ser mais eu, se é que você compreende o que quero dizer. De agir mais por mim mesmo, e não tão completamente como parte de alguma outra coisa. De não ser simplesmente uma célula do corpo social. Você não tem a mesma sensação, Lenina? Mas Lenina estava chorando. - É horrível, é horrível - repetia. - E como é que você pode falar assim de não querer ser parte do corpo social? Não podemos prescindir de ninguém. Até os Epsilons... (Huxley, 1981, p. 43)

O ódio “instintivo” que as pessoas sentem ao diferente e o culto à felicidade artificial, consequências do condicionamento da sociedade, criou uma civilização zumbi, incapaz de pensar em si mesma e dependente do fluxo da sociedade. Ironicamente, esses ambientes que tanto sabem odiar são os mesmos que tanto perseguem a felicidade. Muitas vezes, essa satisfação encontra-se exatamente nos atos de agredir, ameaçar ou insultar. A felicidade de muitos está no ato de odiar publicamente aqueles que consideram “diferentes”.

Segundo Huxley, a “estabilidade social” é outra forma que civilizações conseguiram criar para alcançar seu domínio sobre as outras, pois a tirania dos Estados é mascarada por uma noção de que os opressores são salvadores e arautos da “felicidade”. Em *Admirável Mundo Novo*, as pessoas de classes mais baixas veneram seus líderes por eles, supostamente, dar-lhes prazer infinito, sem ao menos saber como os mesmos chegaram ao poder à revelia da vontade popular. Em 1984, membros do partido amam a Revolução e a figura do Grande Irmão pois os remete à segurança como vimos anteriormente, pois ele é o arauto das “boas notícias” em um mundo perpetuado pela guerra. A forma como a felicidade foi vista para com os militares nos movimentos bolsonaristas de 2022 e 2023, evocando-os como solução para salvar da corrupção, com a frase “intervenção militar já!”, é algo muito próximo entre a associação entre as forças militares e “executores da moralidade maior” vista em *Tropas Estelares* (Heinlein, 2015)

Outro elemento da obra de Huxley (1981), é o uso de drogas como controle para ajudar a manter a “estabilidade social” – ou a felicidade fabricada. Durante o livro, vários

personagens tomam a droga chamada de soma, palavra que vem do grego e significa corpo, mas em inglês tem o significado de orgasmo, e possui efeitos inibidores e relaxantes para controlar o humor.

Benito possuía um bom gênio notório. Dizia-se dele que poderia atravessar a vida inteira sem tomar um grama de soma. A raiva, os acessos de mau humor, que os outros não podiam vencer senão por meio de fugas de esquecimento, jamais o atacavam. (Huxley, 1981, p. 30)

O fato de a soma nos ser apresentada como uma droga de esquecimento e escapismo é uma analogia da maior evolução da doutrinação, que se efetiva quando há o uso do indivíduo que se banha na felicidade ignorante. Para evitar a “tentação de uma ideia”, paga-se o preço de se extirpar sua visão crítica sobre o mundo, as pessoas e sobre si próprio. Abdica-se de pensar, estimula-se a seguir o que diz o líder – que pode ser político, religioso, estatal ou o digital influencer da moda. O mesmo preço que a sociedade alemã pagou nos anos do Nazismo e que permitiu que algo como o Holocausto de o genocídio de cerca de 6 milhões de judeus nos campos de concentração ocorresse.

A relação de um sistema de crença ideológica se tornar tão inseparável de um indivíduo, sendo emocionalmente dependente dela, é conhecido mais recentemente pelo psicólogo Jordan Peterson. Com as redes sociais, a possessão ideológica se tornou clara nos movimentos bolsonaristas, por exemplo. em entrevista o psicólogo Jordan Peterson descreve a possessão ideológica como a falta de filtro e senso crítico entre os possuídos, a falta de originalidade e identidade de suas experiências com os pensamentos<sup>45</sup>. Em uma de suas palestras sobre a Introdução da Ideia de Deus, o mesmo pesquisador compara a ideologia com religião:

Ideologias são como religiões aleijadas, essa é a forma correta de pensar sobre elas. São como uma religião que perdeu um braço ou uma perna mas ainda consegue sair mancando por aí, proporcionando certa segurança e identidade de grupo, muito embora esteja torta, pervertida, distorcida. São parasitas de algo muito rico e verdadeiro, que permanece a elas subjacente.<sup>46</sup>

E continua com a indagação em outra entrevista. Para o psicólogo, o pensamento de um ideólogo é a corrupção do pensamento religioso:

---

<sup>45</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=l9wndwtg9-0>

<sup>46</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=E5TCW2lMjXM>

Ser um ideólogo é ter todas as coisas terríveis associadas à certeza religiosa e nenhuma utilidade. Se você é um ideólogo, acredita em tudo o que pensa. Se você é religioso, resta um mistério aí. O mistério é tudo o que Deus é. Esse mistério tem a possibilidade de mantê-lo humilde. Você não é a autoridade máxima e é responsável em algum sentido.<sup>47</sup>

Esta é a tentação da doutrinação, a morte do ego, do eu, para se diluir no coletivo, algo semelhante às mensagens de *1984* e *Admirável Mundo Novo*, que traduziram a morte do pensamento crítico de vários de seus personagens. Para um autoritarismo supremo semelhante à obra de Orwell (2020), há a necessidade de ideólogos prontos para replicarem suas ideias, como genes, ou no caso cultural, os memes, para no final se possuir milhares de soldados prontos para lutar – que sejam desprovidos de qualquer base sólida de pensamento autônomo – para defenderem ideais que nem mesmo são deles.

O divórcio da realidade ou o escapismo também estão presentes em *Tropas Estelares* e *Laranja Mecânica* na forma como seus personagens se afastam de seus sentidos críticos, alienando-se a algo intrínseco, mas que foi estimulado. Alex põe seu motivo de ser mal por gostar de realizar as maldades e Juan de lutar pelo seu senso de dever para com o Estado, sem questionar seu motivo de estar fazendo isso.

Este método do controle da sociedade por meios de escapismo que vemos nos romances distópicos encontram paralelos numerosos no ambiente digital. A sociedade tem sucumbido a um vício reconhecido pelo Centro de Combate de Vícios nos Estados Unidos da América<sup>48</sup>, prevalente em jovens, a ponto de socializarem mais por meio digital que presencialmente. Outro ponto que se aponta é a relação viciante toxicológica das redes-sociais dentro dos indivíduos:

Devido ao efeito que tem no cérebro, a mídia social é viciante tanto física quanto psicologicamente. De acordo com um novo estudo da Universidade de Harvard, a auto-revelação em sites de redes sociais ativa a mesma parte do cérebro que também se inflama quando se toma uma substância viciante. A área de recompensa no cérebro e suas vias de mensageiros químicos afetam as decisões e sensações. Quando alguém experimenta algo gratificante ou usa uma substância viciante, os neurônios nas principais áreas produtoras de dopamina no cérebro são ativados e os níveis de dopamina aumentam. Portanto, o cérebro recebe uma “recompensa” e associa a droga ou atividade com reforço positivo. (Chelk, 2022, p.2)

---

<sup>47</sup> Disponível em:

<https://www.americamagazine.org/arts-culture/2018/04/27/jordan-peterson-interview-preaching-professor?fbclid=IwAR0b9Sr7VnvC1E5d8fNJ43IKuOc7HbmmwA-Wm8E63CqAVbhji2LAzsKo2hg>

<sup>48</sup> Disponível em: <https://www.addictioncenter.com/drugs/social-media-addiction/>

Este efeito não é produzido por acidente e sim faz parte da engenharia digital e psicológica das grandes companhias para gerar mais engajamento pelos mesmos processos comportamentais de reforços positivos e negativos estabelecidos pelo psicólogo russo Pavlov (1927). Estes processos psicológicos são usados em todas as obras aqui analisadas como mecanismos de controle social: usado para inconscientemente a imagem de ditador gere reforços positivos em *1984*; imagens violentas sob indução de químicos tóxicos gere reforço negativos em *Laranja Mecânica*; as táticas comportamentais usadas em crianças para terem reforços negativos ao verem um livro ocorre em *Admirável Mundo Novo*; as táticas violentas e disciplinares do estado militar em açoitar civis para conduzirem as pessoas não se rebelar e cometer crimes estão *Tropas Estelares*.

Para o jornalismo isso o coloca em um questionamento, pois se para a população que consome suas notícias em plataformas engenhadas para reproduzir e compartilhar conteúdos viciantes, isso também pode significar que para melhor se adaptar, as produções jornalísticas dentro das redes sociais tornaram-se mais viciantes para competir com outros usuários? Por aqui colocamos como adendo o termo viciante para ser engajado como já estabelecido acima.

Mas mais importante, estamos como consumidores das redes sociais viciados em ver o caos, o ódio, a desordem do mundo digital e seus transbordamentos no real, ou em outras palavras, “estamos viciados em ver o circo pegar fogo”? É isso que reforça nossa felicidade, que nos faz ter a sensação de saciedade e satisfação? Ou, por outro lado, estamos nos alienando em conteúdos sem relevância, efêmeros e fúteis, fazendo dessas ilusões a base de uma vida real que teimamos em fabricar, mas que está longe das circunstâncias reais? Ou os dois processos estariam ocorrendo simultaneamente?

### **3.1.3.2. Parecer feliz**

Assim como a civilização de *Admirável Mundo Novo*, a nossa sociedade ocidental está em constante busca dos prazeres e da felicidade com foco no materialismo consumista, que influencia não somente o poder de compra, mas o indivíduo como um todo.

O cenário de consumo atual exerce influência no ser, no fazer, no saber e na cultura, mediante a multiplicidade de mercados, a alta exigência dos consumidores em relação a serviços e produtos, o desenvolvimento tecnológico acelerado, o advento de novas mídias, a busca pela felicidade e pela qualidade de vida. (Souza, 2021, p. 2)

Em questão do consumismo, o mundo digital atual, em contrapartida, não é tão diferente, obedecendo às mesmas noções básicas estabelecidas pela sociedade de consumo capitalista, com aparelhos de comunicação em massa acessíveis a população em geral. Nela, consumimos conteúdos variados e informação massiva nunca antes vista na história humana, e com websites especializados em conectar pessoas de diferentes partes do globo, temos diferentes tipos de interações pessoais percorrendo na web.

Como vimos anteriormente nas análises teóricas, pessoas de diferentes classes sociais puderam se elevar nas redes sociais e criar verdadeiras comunidades voltadas para si mesmas, gerando o fenômeno dos "influencers". Esses indivíduos dispõem de grande poder de fala para milhares (em alguns casos milhões de pessoas), dentro e fora das plataformas, sendo usados como veículos de marketing para seus públicos. Alguns exemplos, como Nicole Louise, com 3 milhões de seguidores no Instagram e 13 milhões de seguidores no TikTok ([@nicolelouise](#) e [@nicolelouise](#)) e Ananda com 8 milhões seguidores no Instagram e mais de 9 milhões de seguidores no TikTok ([@ananda](#) e [@ananda](#)), a última que com sua fama conseguiu iniciar uma carreira musical.

Os dois exemplos mencionados acima são mais comuns na internet, com tanta visibilidade esses criadores de conteúdo ficaram mais restritos com seus pronunciamentos para evitar constrangimentos e no pior dos casos, o cancelamento mencionado nos exemplos anteriores sobre discurso de ódio.

Contudo, existe uma parcela desses indivíduos que exploram e abusam seus seguidores para formarem sistemas sociais similares a cultos, geralmente com o objetivo de roubar dinheiro da sua própria comunidade. Uma dessas comunidades já mencionadas é a Red Pill, que ganhou notoriedade recentemente com a popularização de Podcasts e vídeos editados no TikTok. Enquanto anteriormente discutimos um dos criadores deste movimento de natureza misógina, Andrew Tate, agora iremos explorar seu paralelo brasileiro, Thiago Schutz, o chamado "coach da masculinidade" e sua "machoesfera" nas redes sociais. Iremos aqui pegar cortes de suas entrevistas disponíveis no Youtube e fazer um uma análise de suas desinformações acerca das mulheres, seus discursos de superioridades dos homens, e como eles interagem com os livros, e o que o jornalismo pode fazer para combater.

O influencer, escritor, e empresário, Thiago da Cruz Schoba, popularmente conhecido como Thiago Schutz e pejorativamente como "Calvo do Campari", possui canais no Youtube, perfis no Instagram e sites próprios que publicam e compartilham suas participações em podcasts, suas palestras, e seus discursos. O mesmo se autointitula como maior membro da comunidade Red Pill no Brasil. Seu site oficial, [Thiago Schutz](#), promove seus dois livros de

auto-ajuda com nomes de *Red Pill 2.0* e *Pílulas de Realidade*, com proposições similares aos cursos de Andrew Tate mencionados anteriormente, com objetivos claros de mudança radical no estilo de vida com um conhecimento “proibido”. Possui também seu site [Elite Masculina](#) que propõem ensinar cursos para se tornar “um homem de sucesso, respeitado por outros homens e desejado pelas mulheres”, com aulas de valores de R\$35,00, R\$ 97,00, e R\$ 197,00, contudo sem informações de quantos matriculados. Já em seu Instagram e Youtube — 330 mil seguidores e mais de 8,30 mil inscritos respectivamente — que somam mais de 200 mil visualizações Na primeira página de seu site:

# O livro de guerra para os homens modernos

Milhares de exemplares vendidos. Resultados reais validados pelos homens. Conhecimento direto e prático. Leitura obrigatória para aqueles que tomaram um pé na bunda. Ou estão em um relacionamento meia-boca. Ou, ainda, acreditam que as mulheres são serem perfeitos. *Pilulas de Realidade* é o antidepressivo que todo homem deve ler para entender o mundo real e trabalhar em seu máximo propósito.

**Quantidades limitadas.** Compre somente hoje por R\$ 98, autografado e com frete grátis para todo Brasil.



## 1. O que é a Red Pill e como usá-la para seu sucesso

Você foi enganado, iludido e está preso dentro da Matrix com suas crenças. Como identificá-las e eliminá-las.

## 2. Decifrando o comportamento feminino

Como elas enxergam os homens, quais homens elas preferem, por que mentem, por que fazem jogos, etc.

## 3. Os pilares para construção de um homem masculino

Como aumentar seu valor, deixar de ser bonzinho, ter admiração das mulheres e respeito dos homens.

Figura 12 - Recorte do site de Thiago Schutz

Na figura 12 apresentada acima vemos o discurso comum Red Pill, esse que vê o feminismo como uma afronta à masculinidade e imagina um homem ideal muito semelhante ao proposto pelo macho alfa. Em *Laranja Mecânica* vemos uma versão deturpada e ainda mais extremista dessa idealização, algo que acaba por se assemelhar a uma criança irresponsável, a ponto de o personagem Alex violentar e estuprar uma mulher logo no início do livro:

Então ele agarrou com força a garota, que ainda estava gritando num e prendendo as mão para trás ... enquanto isso eu rasgava isso e aquilo ... Ó, meus irmão, enquanto eu me desvestia e me preparava para o mergulho e fazia gritos de agonia. (Burgess, 2019, p, 72)

Por motivos óbvios, a cultura Red Pill não prega a violência em si, algo que seria crime, porém propaga uma guerra cultural e social constante que estaria acontecendo e na qual estaria em jogo a natureza da sobrevivência da masculinidade. Pregam uma volta do *status quo* conservador e vendem as suas ideias nas redes sociais. Um de seus discursos é a promessa de se tornar os homens mais felizes e possivelmente ricos por seguirem seus cursos e seus conselhos. Falam de saber como o mundo funciona, como a realidade é e o que as pessoas querem, mas sem mostrar dados ou pesquisas que sustentem suas falas, apenas com suas próprias convicções como bases. Em uma sinopse dada pelo próprio escritor em seu site, ele escreve: “A obra traz uma visão nua e crua da realidade, porém necessária, sobre como a dinâmica entre os sexos realmente funciona, mostrando que ao se envolver com a mulher errada, sua vida toda pode desmoronar.”<sup>49</sup>

Esta mesma manipulação dos discurso vista nos tópicos anteriores e posta com uma solução pelo influencer é similar novamente a Laranja Mecânica e sua “cura da maldade”, o discurso médico visto também por Foucault (2021) exerce a mesma dinâmica aqui entre analogia de uma pessoa curada e uma feliz.

Em uma entrevista a um podcast chamado Red Cast, Thiago fala:

Uma mulher de alto valor pro relacionamento tem que somar pro cara, começa por aí, e eu vejo muito, que um dos problemas da infelicidade feminina é porque a mulher não quer servir. A mulher só quer ser servida, então por isso falo, ‘você quer ser uma mulher de alto valor?’ Como você vai servir o seu homem? Porque o seu homem vai estar te servindo de alguma forma, o homem vai estar lá te servindo, te provendo, te dando proteção física, financeira e emocional. O cara tá na correria pra sair, e aqui a mina não faz nem uma janta pro cara. O que você traz pra mesa? Só seu corpo? ... Enquanto a mulherada não mudar a visão de que ‘ah eu sou empoderada’, então tudo bem. Case com você mesma<sup>50</sup>.

Este discurso apresenta uma outra face do conservadorismo anteriormente citado, um que diz respeito não só a uma mudança política, mas também a um renascentista social de

---

<sup>49</sup> Disponível em: <https://thiagoschutz.com>

<sup>50</sup> Disponível em: [https://www.instagram.com/reel/Co8FEHOAw6H/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link&igshid=MzRIODBiNWFIZA==](https://www.instagram.com/reel/Co8FEHOAw6H/?utm_source=ig_web_copy_link&igshid=MzRIODBiNWFIZA==)

dominância total masculina. É não só um machismo mas também um reacionarismo que continua a recrutar acólitos nas redes sociais. No tempo desta pesquisa, a *hashtag* redpill tinha mais de 1 milhão de publicações globais. Já a redpill brasil possuía mais de 40 mil publicações. Uma reportagem da revista *Veja* sobre o assunto revelou que a soma de visualizações nas redes sociais da hashtag é de mais de 44 bilhões<sup>51</sup>.

Essa viralização do movimento nas redes sociais levou à criação de outras comunidades de cunho parecido servindo ao mesmo propósito. Um outro integrante do movimento igualmente grande no Brasil é o escritor e influencer digital Rafael Aires, com mais de 1 milhão de seguidores no seu perfil no Instagram. Desta vez, o autor do discurso não se identifica como redpill, mas suas ideias possuem a mesma mensagem da “resistência masculina”. Em seu vídeo, chamado “A Resistência Masculina”, o discurso do influencer segue:

O que eu irei te falar pode render meu cancelamento, mas eu não estou nem aí, o meu compromisso é com a verdade, e não com pessoas frescas, fracas, e mimadas. E por falar nisso, o sistema quer que você seja exatamente assim: fraco, submisso, inofensivo, e que aceite qualquer migalha. Se você me segue, você é exatamente o contrário disso, e é por isso que é o pior inimigo desse sistema, bem vindo ao grupo<sup>52</sup>.

Mais uma vez vemos a promessa simples e tentadora de sucesso junto a teorias da conspiração, algo que responde às incansáveis buscas da felicidade de muitos, e uma descoberta fácil de como acabar com o sofrimento. Algo que dialoga com o que elaboramos mais acima sobre a “tentação de uma ideia” e como as pessoas podem cair nestas comunidades num momento de fragilidade. Em Admirável Mundo Novo, o governo está em constante busca de suprir a “felicidade” de seus habitantes para impedir uma revolução. Antes dos personagens principais serem exilados, tiveram uma conversa com líderes mundiais, e John o Selvagem argumentou sobre a moralidade do escapismo:

- Mas as lágrimas são necessárias. Não se lembra do que disse Otelo? "Se depois de toda tempestade vêm tais calmarias, então que soprem os ventos até acordar a morte!" Há uma história que os velhos índios costumavam contar, a respeito da Donzela de Mátsaki. Os jovens que desejavam desposá-la deviam passar a manhã capinando o seu jardim com uma enxada. Parecia fácil, mas havia moscas e mosquitos encantados. A maioria dos jovens simplesmente

---

<sup>51</sup> Disponível em:

<https://veja.abril.com.br/comportamento/movimento-red-pill-revela-a-face-cruel-e-reacionaria-do-machismo>

<sup>52</sup> Disponível

em: [https://www.instagram.com/reel/Cse8EmPps3R/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link&igshid=MzRIODBiNWF1ZA==](https://www.instagram.com/reel/Cse8EmPps3R/?utm_source=ig_web_copy_link&igshid=MzRIODBiNWF1ZA==)

não podia suportar as picadas. Mas aquele que pôde suportá-las ficou com a moça. - Encantador! Mas nos países civilizados - disse Mustafá Mond - pode-se ter moças sem precisar capinar para elas; e não há moscas nem mosquitos que picam. Há séculos que nos livramos completamente deles. O Selvagem inclinou a cabeça em aquiescência, franzindo o sobrolho. - Livraram-se deles. Sim, é bem o modo dos senhores procederem. Livrar-se de tudo o que é desagradável, em vez de aprender a suportá-lo. Se é mais nobre para a alma sofrer os golpes de funda e as flechas da fortuna adversa, ou pegar em armas contra um oceano de desgraças e, fazendo-lhes frente, destruí-las... Mas os senhores não fazem nem uma coisa nem outra. Não sofrem e não enfrentam. Suprimem, simplesmente, as pedras e as flechas. É fácil demais. (Huxley, 1981, p. 109)

O discurso semi-religioso dos movimentos reacionários se baseia justamente nesta negação da realidade multifacetada, por isso a necessidade de uma Matrix, uma simulação, ou uma teoria da conspiração onde o sistema manipula a vida dos homens para serem “betas”. Esta negação pode ser análoga a um escapismo ideológico, pois a simples negação do real não resulta na luta reacionária. Ao mesmo momento que há a negação, há a aceitação de seus próprios mundos, tão ideais e simplificados quanto os dos seus inimigos progressistas. Aqui o trabalho de informá-los fica a cargo não só da escolas mas também da nossa profissão, para aproximar o mundo com público, felizmente, as grandes mídias já estão combatendo este movimento com artigos e reportagens<sup>53</sup>.

A partir destas análises vemos os efeitos com os quais a manipulação se dá e como movimentos perigosos, antidemocráticos, e violentos podem surgir nas diversas comunidades digitais, e como quando não é colocado em xeque com a realidade, pode fugir do controle.

---

<sup>53</sup> Disponível em:

<https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2023/03/05/machosfera-o-que-prega-o-movimento-machista-que-cresce-nas-redes-sociais-e-virou-caso-de-policia.ghtml>

## Considerações Finais

Quando entrei no Jornalismo em 2018, estava muito confiante no futuro, especialmente no digital como meio para a comunicação mais plena e acessível. Mecanismos de controle da informação e desinformação não estavam tão presentes e ameaçadores como agora. E quando olho para trás, vejo a esperança não perdida, mas diminuindo quanto a um futuro brilhante para a comunidade digital.

Durante a criação e a escrita deste trabalho, em 2022 e o primeiro semestre de 2023, muitos eventos ocorreram tanto nos mundos digital como no real — alguns que foram citados nos tópicos acima — que em uma análise prévia me fizeram questionar o ambiente em que estamos e o que nos aguarda no nosso futuro. A sensação que possuo é que estamos retornando à mesma polarização e fechamento social diante da comunicação que vimos durante a Guerra Fria, e para explorar melhor este sentimento voltamos ainda mais ao passado e analisamos o que as mentes angustiadas antes mesmo desse tempo estavam querendo nos falar e nos avisar. O papel que o jornalismo carrega tornou também a nos questionar durante a pesquisa se na atualidade estamos vivendo uma situação em que os autores de ficção analisados descreveriam como distópicos, e como nossa profissão estaria inserida nisso. Não surpreendentemente, muitas das reflexões que obtivemos durante os processos de escrita e da pesquisa verificou-se positivamente para elementos da questão-problema (podemos encontrar equivalências entre obras de ficção científica distópicas e os atuais processos comunicacionais nos ambientes digitais?), e seus paralelos nas redes sociais, mesmo não vivendo nos mundos extremos criados nas obras.

Uma outra proposição que fizemos foi a de que tamanha quantidade de manipuladores de informação nas redes sociais estarem replicando uma fórmula básica para fácil criação, acesso e compartilhamento de conteúdos, mensagens e ideologias. Ideias que qualquer um com uma boa escrita convincente consiga fazer circular de maneira massiva. E a resposta foi sim, e para mostrar o nível de sucesso dessa lógica, muitos estão criando ou replicando sem ao menos saberem sobre os temas de que tratam ou parecem não ter consciência de que aquilo que estão fazendo é prejudicial para a sociedade. É algo similar ao que Richard Dawson quis dizer com os memes, mas neste contexto podemos falar que seu uso se assemelha a um vírus que contamina a mente dos sugestionados com suas teorias da conspiração, e reproduzem este vírus para os outros. A imunização neste caso é a educação e boa fonte de informação.

A pesquisa como um todo se deu na leitura crítica dos livros, e estudos dos casos selecionados e realizando uma análise juntando as críticas feita pelos autores dos livros, os tópicos criados e como o jornalismo pode interagir com os dois primeiros fatores.

Para demonstrar a fácil manipulação, irei fazê-la agora, por isso preste atenção no que lhes vou dizer:

*“Podemos não viver num autoritarismo político, mas vivemos sob o autoritarismo dos algoritmos que constantemente diminuem e dificultam o trabalho jornalístico; podemos não ter um governo que ativamente promove ideias fascistas e manipula as massas, mas vivemos sob um fascismo anti político nas redes sociais do extremismo radical que resultou na invasão na Praça dos Três Poderes. Podemos não viver em uma sociedade constantemente em guerra, mas quando abrimos as notícias e as redes sociais, vemos uma sociedade dividida, fragilizada e polarizada que parece incapaz de conciliar consigo mesma. Podemos não viver numa civilização que ativamente nos deixa mais burros até mesmo nos fetos, mas quando olhamos os principais tópicos sendo discutidos na maior ferramenta já criada pela humanidade, e vemos fofocas, fake news, desinformação, e um amontoado de brigas, todas empacotadas num mesmo lugar e dispersadas nas múltiplas plataformas tornado quase impossíveis de tirar a verdade dali. Sinto-me obrigado a perguntar: onde erramos? E tudo isso porque as empresas destas plataformas encontraram mecanismos para monetizar o ódio e as meias verdades, mesmo que nos seus contratos de usuários falem o contrário.*

*Agora esta última pergunta que faço a você: ‘conseguiremos continuar neste caminho criado, onde o virtual, o digital e o real estão se transformando em um, com bases tão frágeis quanto temos e a que vai nos levar no futuro. Um onde a compreensão e a comunicação é conciliável, ou outro, onde a Internet irá se tornar o nosso motor automatizado de divisão social, criando uma guerra que se auto-sustenta numa sociedade perfeitamente dividida numa cerca do tamanho de um alfinete? Você vê, não é a direita versus a esquerda, é nós contra eles.’”*

Prestou atenção no que eu disse? É fácil criar uma narrativa de medo e desespero. O pior é cairmos nas suas armadilhas, apresentarmos apenas preto e o branco, e o que fiz foi dar meu caminho distópico. Não é necessário um mestre manipulador para fazê-la. Possa concordar no que eu disse, mas concorda pelos motivos certos? Afinal a verdade só existe em nuances.

Apesar de sim, temos elementos distópicos na nossa sociedade, tudo não está perdido e podemos contribuir para um futuro mais democrático e com mais elementos utópicos, por assim dizer. Este trabalho, por mais superficial no estudo dos casos abordados que foi, é apenas um começo para a indagação ainda maior, e para uma análise futura.

Porque apesar de alguns autores, se vissem a realidade digital como está atualmente, pudessem se assustar com sua gama de informação mas sem avanços em tópicos sociais relevantes, temos também que acreditar que os mesmos, ao verem o quão chegamos com as nossas ferramentas e avanços tecnológicos, pensariam viver em uma semi-utopia, apesar das rachaduras visíveis. Podemos até pensar na fascinação de Herbert George Wells ao ver a nossa sociedade com elementos de seu livro *A Utopia Moderna* (2021b) como uma maior igualdade e respeito pelas mulheres e questões raciais sendo resolvidas e abordadas socialmente.

O tema da distopia nas redes sociais e a natureza do trabalho jornalístico junto aos seus elementos "distópicos" que apontei podem não ter uma resposta clara, e estudos mais abrangentes sobre os temas com dados e entrevistas são mais que bem-vindos para um melhor entendimento deste objeto de pesquisa

Felizmente os governos ocidentais estão propondo leis e planos para combater a desinformação. Um exemplo é a União Europeia com seu Ato de Serviço Social, aprovado em abril de 2023 e que entrará em vigor total em fevereiro de 2024, possuindo suas próprias regulações para empresas operarem na União<sup>54</sup>.

O governo brasileiro também propôs suas próprias regulamentações com o objetivo de combater os discursos de ódio, as fake news e a desinformação, e tornar as redes sociais e a internet mais seguras para navegação. O Senado Federal quer implementar o Projeto de Lei 2630, também chamado Lei das Fake News, que estabelece claras medidas às empresas de dados e redes sociais se quiserem continuar a operar no Brasil<sup>55</sup>. Contudo só o tempo dirá se essas iniciativas serão o bastante para surtir efeito desejado, já que essas medidas ainda não haviam entrado em vigor quando este trabalho foi feito.

Enquanto isso, podemos apoiar e eleger governantes que também expressam interesse em diminuir a quantidade e a acessibilidade às fake news — e a desinformação em geral — para as massas. Algumas empresas como Twitter e a Meta já estão trabalhando com

---

<sup>54</sup> Disponível em:

[https://commission.europa.eu/strategy-and-policy/priorities-2019-2024/europe-fit-digital-age/digital-services-act-ensuring-safe-and-accountable-online-environment\\_en](https://commission.europa.eu/strategy-and-policy/priorities-2019-2024/europe-fit-digital-age/digital-services-act-ensuring-safe-and-accountable-online-environment_en)

<sup>55</sup> Disponível em: <https://www.camara.leg.br/propostas-legislativas/2256735>

algoritmos separados para também tornar a navegação mais segura, contudo devemos nos manter vigilantes até quanto irão trabalhar à medida que não afete suas ações e acionistas.

E a melhor forma como a nossa profissão pode também contribuir na luta é continuar ensinando e encorajando o senso crítico da população, para termos uma sociedade mais educada, informada, livre e democrática. Não será uma caminhada fácil, como nunca é, mas se a profissão se mantiver verdadeira, e futuros profissionais terem a ética e a moral jornalística dentro de si, então teremos melhores chances para criar este futuro. E para quaisquer pessoas que usem a desinformação para fins antidemocráticos, devemos lembrar a fala de Heath McIvor em seu show de stand-up *Purple Privilege*<sup>56</sup>: “Nós nunca devemos esquecer que o conhecimento viaja mais rápido que a hipocrisia”.

---

<sup>56</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=9j3KFy\\_wjgQ](https://www.youtube.com/watch?v=9j3KFy_wjgQ)

## Referências Bibliográficas

ADORNO, Theodor. **Mínima Moralía**. Lisboa: Editora 70, 2017.

ADORNO, Theodor. **Indústria Cultural**. São Paulo: Editora Unesp, 2020.

ATKINSON, Michael e YOUNG, Kevin. **Shadowed by the corpse of war**: Sport spectacles and the spirit of terrorism. The International Sociology of Sport Association, 2012. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1012690211433452?journalCode=irsb>  
Acessado em: 12 de maio de 2023.

ATWOOD, Margaret. **O conto de aia**. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

BATISTA, Gil. **Qual o papel do jornalismo nas democracias contemporâneas?** Jornalismo público e deliberação política. Coimbra: Instituto Politécnico de Coimbra, 2011. Disponível em: [Qual o papel do jornalismo nas democracias contemporâneas?](#) Acessado em: 10 de março de 2023.

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e simulação**. Lisboa: Editora Relógio d'Água, 1991.

BAUDRILLARD, Jean. **Mots de passe**. Paris: Pauvert, 2000.

BAUDRILLARD, Jean. **The Gulf War Did Not Take Place**. Sidnei: Editora Power Publications, 2012.

BAUDRILLARD, Jean. **Tela total**: Mito-ironias do virtual e da imagem. Porto Alegre: Editora Sulina, 2011.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**: magia e técnica, arte e política. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1994.

BENJAMIN, Walter. **Sur le concept d'histoire**. Paris: Payot & Rivages, 2017.

BOOKER, M. Keith e THOMAS, A. Marie. **The Science Fiction Handbook**. Nova Jersey: Editora Wiley-Blackwell, 2009.

BOORSTIN, Daniel J. **The Image**: A Guide to Pseudo-Events in America. Nova Iorque: Editora Vintage, 2012.

BRADBURY, Ray. **Fahrenheit 451**. São Paulo: Globo livros, 2012.

BOURDIEU, Pierre. **Economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

BURGESS, Anthony. **Laranja Mecânica**. São Paulo: Editora Aleph, 2019.

CASTELLS, Manuel. A era da informação: economia, sociedade e cultura, volume 1. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade Vol. 2 A Era da Informação**: Economia, Sociedade e Cultura. Trad. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2018.

CHELK, Dhoulb. A brief note on Social Media Addiction. Tunísia: Universidade de Monastir. Disponível em: <https://www.omicsonline.org/open-access/a-brief-note-on-social-media-addiction.pdf>  
Acessado em 17 de maio de 2023

COHEN, Stanley. **Folk Devils and Moral Panics**: The Creation of the Mods and Rockers. Milton Park: Editora Routledge, 2011.

COLLINS, Suzanne. **Jogos vorazes**. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

DAWKINS, Richard, **O Gene Egoísta**. Trad. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2007.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2017.

DEODORO, José M. **Pseudo-evento e terror midiático**. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2007. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R1666-1.pdf> Acessado em 12 de Fevereiro de 2023.

**Digital News Report 2022**, Reuters Institute. Disponível em: [https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/2022-06/Digital\\_News-Report\\_2022.pdf](https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/2022-06/Digital_News-Report_2022.pdf) Acessado em 13 de março de 2023.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2021.

FROMM, Erich. Erich Fromm, 1961 (posfácio). In: ORWELL, George. **1984**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

GALTUNG e RUGE, Johan e Mari H. **The Structure of Foreign News**: The Presentation of the Congo, Cuba and Cyprus Crises in Four Norwegian Newspapers. 1965. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/002234336500200104> Acessado em 21 de março de 2023.

HAFNER, Katie e LYON, Matthew. **Onde os Magos Nunca Dormem**: a Incrível História da Origem da Internet e dos Gênios por Trás de sua Criação. Rio de Janeiro: Editora Red Tapioca, 2019.

HEINLEIN, Robert. **Tropas Estelares**. São Paulo: Editora Aleph, 2015.

HEINLEIN, Robert. **Expanded Universe**. Wake Forest: Editora Bean, 2005.

HOBBS, Thomas. **Leviatã ou Matéria**, Forma e Poder de uma República Eclesiástica e Civil. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2019.

HOBBS, Eric. **A era dos extremos**: o breve século XX (1914-1993). São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOBBS, Eric. **A era dos impérios**: 1875-1914. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2012.

HORKHEIMER, Max e COHN, Hilde. **Teoria crítica I: 77**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2019.

HUXLEY, Aldous. **Admirável Mundo Novo**. Trad. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1981.

JENKINS, Henry, GREEN, Joshua e FORD, Sam. **Cultura da Conexão**. Trad. São Paulo: Editora Aleph, 2015.

JUNG, Carl G.: Estudo sobre o simbolismo do si-mesmo. **Aion Vol. 9/2**. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

KAZIMIROVICZ, Nichole R. **Producer Fans**: How Twilight Fans are Using Facebook to Blur the Lines Between Media Producers and Consumers. Las Vegas: University of Las Vegas, 2014. Disponível em <https://digitalscholarship.unlv.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=3105&context=thesedissertations> Acessado em 12 de dezembro de 2022.

LANKFORD, Adam. **Human Killing Machines**: Systematic Indoctrination in Iran, Nazi Germany, Al Qaeda, and Abu Ghraib. Maryland: Lexington Books, 2010.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2010.

LEWIN, Kurt. **Frontiers in Group Dynamics**: II. Channels of Group Life; Social Planning and Action Research. 1947. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/001872674700100103>

MACHIAVELLI, Niccolò. **O Príncipe**. São Paulo: Editora Novo Século, 2015.

MEDINA, Cremilda. **Notícia**: um produto à venda. São Paulo: Summus, 1998.

MORETZSOHN, Sylvia. **Jornalismo em tempo real**: o fetiche da velocidade. Rio de Janeiro: Revan, 2002.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX**: volume 1 (neurose). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal**. São Paulo: Companhia do Bolso, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2012.

ORWELL, George. **1984**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

ORWELL, George. **A Fazenda dos Animais** - Edição especial. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

ORWELL, George. **Por que escrevo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

**Panorama das violações de direitos humanos de 2020 a 2022**, 2 edição, Disponível em: <https://terradedireitos.org.br/violencia-politica-e-eleitoral-no-brasil/index?download=1>  
Acessado em 13 de março de 2023.

PAVLOV, Ivan P. **Conditioned reflexes**: an investigation of the physiological activity the cerebral cortex. Ontário: Universidade de York, 1927. Disponível em: [Classics in the History of Psychology -- Pavlov \(1927\) \(yorku.ca\)](https://www.classicsinpsychology.com/pavlov-1927/). Acessado em: 17 de abril de 2023.

MORRISON, Cecile. **Cruzadas**. Trad. São Paulo: Editora L&PM, 2009.

ROUSSEAU, Jean J. **O Contrato Social**. São Paulo: Editora Lafonte, 2018.

SOUSA, Jorge P. **As notícias e seus efeitos**: As “teorias” do jornalismo e dos efeitos sociais dos medias jornalísticos, 1999. Fernando Pessoa: Universidade de Fernando Pessoa. Disponível em: <https://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-pedro-jorge-noticias-efeitos.html>  
Acessado em 14 de março de 2023.

SOUZA, Rodrigo A. **Relação entre consumo e felicidade**: Uma reflexão acerca desses conceitos numa sociedade contemporânea. Maranhão: Revista PhD Scientific Review. Disponível em: <http://www.revistaphd.periodikos.com.br/article/10.53497/phdsr1n7-004/pdf/revistaphd-01-07-41.pdf> Acessado em: 11 de maio de 2023.

PARISIÉR, Eli. **O filtro invisível**: O que a internet está escondendo de você. São Paulo: Editora Zahar, 2012.

STANLEY, Jason. **Como funciona o fascismo: A política do “nós” e “eles”**. Trad. São Paulo: Editora L&PM, 2018.

**State of the World's Girls**: Free to be online?, 2020, Acesso em: <https://plan.org.br/wp-content/uploads/2020/10/SOTWGR2020-CommsReport-EN-1.pdf> Acessado em 4 de maio de 2023.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo Volume 2: A Tribo Jornalística - uma comunidade interpretativa e transacional**. Florianópolis: Editora Insular, 2014.

VERNE, Julio. **Vinte mil léguas submarinas**. São Paulo: Principis, 2019.

WATT, Donald. **The Manuscript Revisions of "Brave New World"**. Illinois: University of Illinois Press, The Journal of English and Germanic Philology, 1978. (p. 367-382). Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/27708364> Acessado em: 22 de maio de 2023.

WELLS, H. G. **A guerra dos mundos**. São Paulo: Principis, 2021a.

WELLS, H. G. **Utopia moderna**. São Paulo: Principis, 2021b.

## Filmes e Séries

**Blade Runner**. Direção: Ridley Scott. Produção: Michael Deeley. Los Angeles: Warner Bros, 1982. (1h57min.). Disponível em: <https://play.hbomax.com/page/urn:hbo:page:GYYPxFQc0clWXvwEAAADP:type:feature?source=googleHBOMAX&action=open>.

**Mad Max**. Direção: George Miller. Produção: George Miller e Doug Mitchell. Los Angeles: Warner Bros, 1979. (1h33min.). Disponível em: <https://play.hbomax.com/page/urn:hbo:page:GYGdyeQ5pui-8wwEAAAAQ:type:feature?source=googleHBOMAX&action=open>.

**Robocop**. Direção: Paul Verhoeven. Produção: Arnie Schmidt. Los Angeles: Orion Pictures. 1987. (1h42min.). Disponível em: [https://www.primevideo.com/dp/amzn1.dv.gti.88b64988-0277-7543-4536-87a7bdf8093b?autoplay=0&ref\\_atv\\_cf\\_strg\\_wb](https://www.primevideo.com/dp/amzn1.dv.gti.88b64988-0277-7543-4536-87a7bdf8093b?autoplay=0&ref_atv_cf_strg_wb).

**Monty Python e o Cálice Sagrado**. Direção: Terry Gilliam e Terry Jones. Produção: Mark Forstater e Michael White. Londres: Python (Monty) Ltd, 1975. Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/771476?source=35>